

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

CLARISSA COBBE MILÉO

Souza-Araújo e o sanitarismo: a trajetória de um médico (1912-1930)

CURITIBA

2012

CLARISSA COBBE MILÉO

Souza-Araújo e o sanitário: a trajetória de um médico (1912-1930)

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em História.

Orientadores: Dr. Renato Lopes Leite
Dr. José Augusto Leandro

CURITIBA

2012

Catálogo na publicação
Sirlei do Rocio Gdulla – CRB 9ª/985
Biblioteca de Ciências Humanas e Educação - UFPR

Mileo, Clarissa Cobbe

Souza-Araújo e o sanitário: a trajetória de um médico (1912-1930) / Clarissa Cobbe Mileo. – Curitiba, 2012.
101 f.

Orientador: Prof. Dr. Renato Lopes Leite

Dissertação (Mestrado em História) - Setor de Ciências Humanas,, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.

1. Souza-Araújo, Heraclides César de, 1886-1962. 2. Eugenia.
3. Saneamento – saúde pública. 4. Saúde pública - Brasil - 1912-30. I. Título.

CDD 363.72



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES.
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
Rua Gal. Carneiro, 460, 7º andar, sala 716, fone/fax + 55 (41) 3360-5086,
80.060-150, Curitiba, PR, Brasil.
E-mail: cpghis@ufpr.br Website: www.poshistoria.ufpr.br

PARECER DA BANCA EXAMINADORA

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná (PGHIS/UFPR) para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **Clarissa Cobbe Miléo**, intitulada: **Souza-araújo e o sanitarismo: a trajetória de um médico (1912-1930)**, após terem inquirido a aluna e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua aprovação, completando-se assim todos os requisitos previstos nas normas desta Instituição para a obtenção do Grau de **Mestre em História**.

Curitiba, vinte e sete de agosto de dois mil e doze.

Prof. Dr. José Roberto Braga Portella (Presidente)
Presidente da Banca Examinadora

Prof. Dr. José Augusto Leandro (UEPG)
1º Examinador

Profa Dra Joseli Maria Nunes Mendonça (UFPR)
2º Examinador

À minha família e amigos

AGRADECIMENTOS

Várias são as pessoas que se envolvem e contribuem no momento da pesquisa e da confecção da dissertação. Vou nominar algumas aqui que, para mim, foram fundamentais para a sua conclusão.

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer meu orientador professor Dr. Renato Lopes Leite por ter abraçado a pesquisa enquanto ainda era um projeto. Agradeço também pela imensa paciência que teve comigo quando eu “travava”.

Gostaria de agradecer ao professor Dr. José Augusto Leandro por me apresentar Heraclides César de Souza-Araújo e colocar as interrogações na minha cabeça, ainda na especialização, sua participação foi fundamental na elaboração do projeto.

À professora Dra. Liane Bertucci agradeço pelas importantíssimas aulas sobre História da Educação e Saúde. Elas foram sensacionais para me fazer refletir sobre a dissertação. Agradeço também a participação e as contribuições na qualificação assim, como também agradeço a professora Joseli Mendonça pela correção e contribuições na banca.

Agradeço também a CAPES pela contribuição através de uma bolsa de dois anos. Aos professores do Programa que ministraram as disciplinas em que participei.

Não poderia esquecer aqui da incansável e querida Maria Cristina Parzwski. Sempre que precisei estava pronta para ajudar. E quando a distância não me permitia estar presente, sempre me auxiliou, até mesmo nos momentos de angústia.

Aos amigos mestrandos e doutorandos também tenho muito a agradecer. Compartilhamos nossos problemas, dúvidas e incertezas. Daiane Machado, Dones Janz, Rodrigo Araújo, Carol Marach. Tenho certeza de que esqueci alguns, por favor me desculpem, mas é que são tantas pessoas importantes que passam por nossas vidas neste momento que acabamos não recordando.

E por fim, quero agradecer a minha família por me compreender e respeitar meus momentos de estresse, depressão e demais sintomas pré-dissertação. Agradeço também por relevarem meus momentos de ausência. Aos meus amigos também agradeço por todo o carinho que tiveram comigo.

A todos meu muito obrigada!

RESUMO

Durante a Primeira República ocorreram inúmeros debates sobre a busca de um caráter nacional brasileiro. Algumas temáticas ganhavam destaque, como por exemplo, as questões relacionadas à raça e saúde. Uma das personagens que atuaram neste período foi o jovem médico Heraclídes César de Souza-Araújo. Trabalhando em serviços de profilaxia em regiões pouco assistidas pela saúde pública do Paraná e Pará, deixou um vasto material com relatos destas atividades, especialmente relacionados com doenças e as condições de vida do brasileiro, sua formação racial e o estado em que se encontrava a saúde da população. O objetivo do presente trabalho será o de apontar algumas especificidades deste material deixado por Souza-Araújo, o que possivelmente pode ter influenciado as suas práticas dentro do campo médico-científico.

Palavras Chave: Heraclídes César de Souza-Araújo; história da saúde; sanitarismo; eugenia.

ABSTRACT

During the First Republic occurred countless debates about the search for a Brazilian national character. Same issues gained prominence, such as issues related to race and health. One who has worked in this period was the young doctor Heraclídes César de Souza-Araújo. Working on preventive services in sparsely attended by the public health of the Paraná and Pará, left a vast material with reports of these activities, especially relating to diseases and life style of Brazilian, their racial formation and the way of health from this population. The objective of this paper is to point out some features of this material left by Souza-Araújo, wich probably could have influenced his skills within the medical-scientific field.

Keywords: Heraclídes César de Souza-Araújo; history of health; sanitation; eugenics.

SUMÁRIO

Introdução	08
Capítulo 1 - A gênese de um cientista: Souza-Araújo e sua inserção dentro do universo médico-científico (1912-1930)	21
1.1 – Contextualizado Souza-Araújo	21
1.2 – O positivismo e a medicina	28
1.3 – Conflitos médico-científicos no início da carreira	33
1.4 – A ciência brasileira no contexto de Souza-Araújo	40
Capítulo 2 - O saneamento na trajetória de Souza-Araújo nos primeiros anos de atuação	46
2.1 – A “era do saneamento”: a chegada da civilização	46
2.2 – As expedições científicas	54
2.3 – A profilaxia de uma nação: a educação da população	59
Capítulo 3 – Souza-Araújo e a eugenia implícita	67
3.1 - Definição de eugenia e a eugenia no Brasil	67
3.2 - Souza-Araújo dentro do campo eugênico	73
3.2.1 - <i>Eugenia e doenças</i>	75
3.2.2 - <i>Eugenia e casamento/família</i>	79
3.2.3 - <i>Eugenia e imigração</i>	85
Considerações Finais	89
Bibliografia	91
Fontes	95
Apêndices	97

INTRODUÇÃO

No Brasil, entre o final do século XIX e o início do século XX, inúmeras transformações ocorreram em diferentes setores da sociedade e a medicina, baseada em novos paradigmas bacteriológicos e na moderna prática experimental¹, começava a dar passos importantes dentro deste novo cenário de transformações.

As novas teorias científicas produzidas na Europa e nos Estados Unidos circulavam rapidamente e chegavam às mãos dos médicos em todo o mundo ocidental, inclusive no Brasil. Nesse contexto, surgiam centros de pesquisa de doenças em várias cidades brasileiras, notadamente no Rio de Janeiro e em São Paulo e o número de faculdades de medicina bem como a publicação de revistas médicas especializadas também apresentou uma forte expansão.

A presente dissertação que segue analisa parte da trajetória de um médico que viveu intensamente nesse contexto, e especificamente ele será analisado no arco temporal compreendido entre 1912-1930. Heraclides César de Souza-Araújo inseriu-se no universo médico-científico da ainda jovem república brasileira e, ao olhar para ele, nossos objetivos são: apontar o sanitarismo como importante fator definidor das suas práticas e representações sobre a possibilidade de regeneração da sociedade brasileira; verificar se nas representações sobre os problemas do Brasil efetuadas pelo médico, os ideais eugênicos - que circulavam tanto no interior como fora do campo da medicina - também se fizeram presentes; ainda, entre as décadas de 1910 e o final da década de 1920 será possível observar alguns caminhos que levaram nosso esculápio a tornar-se um leprologista de renome no país, um dos mais ativos

¹ Associada às recentes descobertas que embasavam a teoria microbiológica das doenças, a prática da medicina experimental no Brasil forneceria uma pauta de pesquisas direcionada aos problemas de saúde que afligiam o país. Dessa forma, a bacteriologia seria responsável por fornecer argumentos para tratar o brasileiro ao invés de condená-lo pela “raça”. Para saber mais, ler, entre outros, BENCHIMOL, J. L. *Dos micróbios aos mosquitos*. Febre amarela e a revolução pasteuriana no Brasil. Rio de Janeiro: Fiocruz; Ed. UFRJ, 1999. Para saber mais sobre as mudanças na medicina científica a partir de meados do século XIX e as transformações pasteurianas, ver, entre outros, Czeresnia, 1997.

médicos a propor duras medidas de isolamento compulsório em território brasileiro para doentes de moléstias infecciosas, especialmente para os leprosos.

Souza-Araújo nasceu na cidade paranaense de Imbituva em 24 de junho de 1886 e formou-se médico no ano de 1915 pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Baseando seus estudos no sanitarismo, ele dedicou seu olhar especialmente para as questões referentes à lepra. No entanto, não se limitou a isso, dedicando-se também a serviços de profilaxia rural e urbana. Inserido num contexto onde a eugenia² era amplamente discutida, posicionou-se sobre o tema e utilizou de suas premissas, mesmo que de forma implícita, em bom número dos seus trabalhos.

Desse modo, é importante para essa dissertação se debruçar sobre o contexto inicial da República brasileira, momento em que circularam no país diversas ideias e teorias baseadas na eugenia. Elas seduziram diversos intelectuais de diversos campos e os médicos não ficaram imunes a ela. Apesar de não podermos afirmar que Souza-Araújo fosse um entusiasta explícito da eugenia em suas vertentes positiva ou negativa³, vamos sugerir, pela análise de alguns de seus textos publicados na imprensa, em relatórios governamentais e em outros trabalhos científicos que Souza-Araújo foi ao seu modo, um eugenista cuja peculiaridade maior residiu na valorização da ideia de isolamento compulsório.

² O termo eugenia (do grego *eugen-s*, que significa “bem nascido”) foi cunhado pelo cientista britânico Francis Galton, em 1883. Ele representaria as possíveis aplicações sociais das recentes descobertas científicas sobre a hereditariedade do período, na busca por uma reprodução melhorada. Baseada na hierarquização racial, a eugenia se fortaleceu entre o fim do século XIX e início do XX, estando presente em círculos científicos de diversas partes do mundo. Foi usada, entre outras questões, como uma prática travestida de ciência para se atingir o objetivo da “raça pura”, mobilizando seguidores em diferentes contextos socioculturais, sobretudo na sociedade ocidental. JANZ JÚNIOR, D. C. *A eugenia nas páginas da Revista Médica do Paraná* (1831-1940). 164 f. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012, p. 8.

³ A eugenia positiva se referia à uma eugenia que ligava um ambiente sanitário, com ações sócio educativas, à saúde racial, para o aprimoramento da raça. Já a eugenia negativa defendia a ideia de que somente com intervenções biológicas, ligadas à hereditariedade, se poderia chegar à uma nação sólida e regenerada. In: STEPAN, Nancy Leys. *“A hora da Eugenia”: raça, gênero e nação na América Latina*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.

Após a proclamação da República, os intelectuais da época buscaram a viabilização de um projeto nacional que enquadrasse o Brasil no hall dos países desenvolvidos e progressistas. Deve-se ressaltar que o conceito de progresso vigente na época baseava-se numa visão teleológica e englobava toda a humanidade em uma escala de constante aprimoramento em direção ao homem ideal. Os defensores do progresso pautavam-se numa razão evolutiva na qual o “antes” era menos que o “depois” e dessa forma, era prioridade reformar o país e

a idéia de progresso, ainda que pretendendo apontar para a materialização de um conjunto de novidades e para a superação do passado, recolocava, como sua própria condição de viabilidade, a reprodução da ordem ⁴.

Ordem e progresso, conceitos fundamentais daquele momento, não se coadunavam com a constante presença de epidemias nas cidades de médio e grande porte e com a presença de endemias diversas em inúmeros rincões do país. Assim, o sanitarismo⁵ enquanto um campo da medicina que se desenvolvia intensamente no Brasil, trazia, para além das novidades da pesquisa laboratorial, uma ideologia na qual era necessário um forte poder de intervenção do Estado sobre o conjunto da população doente.

O sanitarismo parecia apontar para a possibilidade de regeneração física e moral dos indivíduos; ou seja, os “novos” médicos sanitaristas passaram a ter o papel de fiscalizar e intervir sobre as condições de vida da população e levar a civilização e a modernidade àqueles que não tinham acesso à informação sobre as fontes de seus males. Temas variados passaram a tornar-se comuns dentro das discussões nas sociedades médicas: nação, identidade nacional, raça e sexualidade, por exemplo. Sobretudo a partir de 1915, o sanitarismo

⁴ KROPF, Simone; HERSCHMANN, Micael; NUNES, Clarice. *Missionários do Progresso: médicos, engenheiros e educadores no Rio de Janeiro (1870-1937)*. Rio de Janeiro: Diadorim, 1996. p. 9.

⁵ A noção de sanitarismo, está profundamente ligada às ações higiênicas e consiste na “implementação de grandes planos de atuação nos espaços públicos e privados da nação”, por parte dos médicos, buscando inserir a higiene nos hábitos da população e na reformulação de ambiente. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

“revela os primeiros contornos de ideologias e ações civilizatórias que têm como alvos as populações rurais do país” ⁶.

Na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, que se tornou vanguarda das novidades científicas naquele momento, começaram a se destacar nomes como Oswaldo Cruz⁷ (1872-1917) médico precursor no campo da medicina experimental brasileira. A fundação do Instituto de Soroterapia de Manguinhos, em 1901, aos moldes do Instituto Pasteur⁸, posteriormente recebeu o seu nome.

O surgimento da liderança intelectual de Oswaldo Cruz produziu impacto sobre a configuração tradicional do campo, desalojando antigas posições e desalinhando as relações existentes. Introduzia-se uma diferenciação profissional a partir da institucionalização de uma prática, cuja característica era a conjunção da pesquisa de laboratório com a saúde pública ⁹.

O Brasil seguia por inúmeras transformações: as capitais eram remodeladas, seguindo os padrões europeus, sobretudo o francês, com ruas amplas, bares e cafés modernos, buscando expressar a civilização que chegava às cidades brasileiras ¹⁰. A indústria e o comércio ganhavam impulso e ondas de imigração, sobretudo europeia, modificavam o padrão demográfico do país.

⁶ CASTRO SANTOS, Luiz Antonio. Poder, Ideologias e Saúde no Brasil da Primeira República: ensaio de sociologia histórica. In: HOCHMAN, Gilberto; ARMUS, Diego. *Cuidar, controlar, curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2004. p. 252.

⁷ Oswaldo Cruz nasceu em 5 de agosto de 1872. Aos 15 anos de idade, entrou para a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Em 24 de dezembro de 1892, formou-se médico. No ano de 1896 especializou-se em Bacteriologia no Instituto Pasteur de Paris, que, no período, reunia grandes nomes da ciência. Morreu em 11 de fevereiro de 1917. <http://portal.fiocruz.br/pt-br/content/oswaldo-cruz>. Acesso em: 17/09/2012.

⁸ Famoso centro de pesquisas de medicina experimental desde o século XIX, localizado em Paris e fundado pelo cientista Louis Pasteur. Neste instituto, muitos jovens brasileiros foram aprofundar seus conhecimentos. Entre eles, Oswaldo Cruz.

⁹ BRITTO, Nara. *Oswaldo Cruz: a construção de um mito na ciência brasileira*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006. p. 30.

¹⁰ LIMA, Nísia Trindade. *Um sertão chamado Brasil: intelectuais e representação geográfica da identidade nacional*. Rio de Janeiro: Iuperj; Revan, 1999.

Quanto ao imenso contingente de imigrantes que atingia as cidades em busca de emprego, vale destacar que as diferentes etnias também passaram a miscigenar com a população brasileira. A intelectualidade olhou ora com entusiasmo ora com desânimo para as especificidades do quadro populacional do país. Para alguns, a miscigenação era bem vista e bem-vinda, pois o branqueamento era a saída encontrada para a regeneração da raça e consequentemente a consolidação da chegada da modernidade no Brasil ¹¹.

Por sua vez, os moradores do interior do Brasil seguiam sendo considerados por muitos como atrasados em termos de desenvolvimento social e possuíam métodos rústicos de trabalho e sobrevivência e, em sua grande maioria, desconheciam as novas formas de higiene propostas pelos sanitaristas.

Exemplo clássico é o Jeca Tatu, personagem presente nos textos de Monteiro Lobato que era exemplo do estado de penúria e abandono que se encontrava a população, situação típica dos sertões brasileiros. Segundo Marco Stancik:

Aqueles trabalhos discorriam em torno de uma problemática central e que naquele período vinha adquirindo grande importância, qual seja, a urgência de se tirar o caboclo dos sertões brasileiros das condições de miséria e doenças sob as quais vivia. Seriam elas resultantes do longo abandono e do esquecimento a que estava ele relegado.¹²

Nesse mesmo período, ideais eugenistas oriundos da Europa e EUA eram amplamente lidos e debatidos no país. Assim, teorias evolucionistas as mais diversas, ora ligadas diretamente as ideias de Darwin¹³, agora transpostas

¹¹ AZEVEDO, Célia Maria Marinho de. *Onda negra, medo branco: o negro no imaginário das elites do século XIX*. São Paulo: Annablume, 2004.

¹² STANCIK, M. A. Os Jecas do literato e do cientista: movimento eugênico, higienismo e racismo na Primeira República. *Publicatio UEPG Ci. Hum. Ci. Soc. Apl., Ling., Letras e Artes*. Ponta Grossa, nº 13(1) 45-62, junho 2005, p. 48.

¹³ Pode-se perceber o significado das teorias darwinianas nas palavras de Hofstadter: “[...] se muitos descobrimentos científicos afetaram profundamente maneiras de viver, nenhum teve tal impacto em formas de pensar e crer... O darwinismo forneceu uma nova relação com a natureza e, aplicado a várias disciplinas sociais - Antropologia, Sociologia, História, Teoria Política e Economia – formou uma geração social-darwinista”. *Apud* SCHWARCZ, L. M. O

para explicar a sociedade (darwinismo social) e as ideias do criador da eugenia, Galton, ora ligadas à genética de Mendel¹⁴ tomaram corpo nos círculos científicos da nação.

Vários debates começaram a pulsar nas associações e sociedades médicas criadas nas capitais, debates especialmente voltados para a procura dos motivos dos problemas dos brasileiros. Seriam eles relacionados à sua formação racial/étnica ou seriam a pobreza e as doenças que afligiam a população as responsáveis pelo Brasil ser considerado um país descompasso no concerto da civilização?

Para os médicos sanitaristas, especialmente os que tiveram sua formação nos quadros do Instituto Manguinhos, o problema do brasileiro estaria ligado, sobretudo, às doenças e ao abandono das populações por parte do Estado, incapaz de levar melhores condições de vida e saúde aos diversos cantos da nação. As doenças, especialmente as chamadas tropicais, inviabilizariam o projeto de nação.

A partir da década de 1910, surgiram várias organizações com o intuito de colocar em prática esses projetos de nação, sempre com o apoio da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, da Academia Nacional de Medicina e do Instituto Oswaldo Cruz. A que teve o maior destaque foi a Liga de Pró-Saneamento¹⁵, criada em 1918 por Belisário Penna¹⁶.

espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930). São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 55.

¹⁴ O mendelismo consistia em ter um fator hereditário como responsável pelas características desenvolvidas pelo indivíduo, especialmente relacionado neste período com a questão racial, e no Brasil presente no debate sobre o branqueamento da raça, ou seja, “no mendelismo, os fatores hereditários que controlam a cor nem se misturam nem se fundem, mas são preservados e recombinados”, sendo assim, para alguns médicos, possível transformar a nação brasileira em uma nação branca conforme a miscigenação e o tempo. In: STEPAN, Nancy Leys. *Eugenia no Brasil: 1917-1940*. In: ARMUS, Diego; HOCHMAN, Gilberto. (orgs.) *Cuidar, Controlar, Curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2004.p. 369.

¹⁵ A Liga Pró-Saneamento tinha como mote a saúde como fator de progresso, desenvolvendo uma teoria higienista do desenvolvimento, que procurava explicar as desigualdades a partir das ações de políticas sanitárias, desprezando o clima e as variações étnicas como variantes do

Nesta época já existia o sanitário no sentido de levar noções higiênicas ao interior do Brasil, até então desassistido pelas autoridades. No entanto, ele passa a se tornar um projeto de cunho nacional que extrapola o Rio de Janeiro nesse momento. As ações consistiam em levar a todos os cantos do Brasil os conhecimentos básicos sobre higiene a partir de projetos e ações ligados à modernização das residências e dos hábitos da população.

Com isso houve

uma verdadeira invasão dos sertões do país, exterminando doenças e epidemias, acreditando, com isso, ser possível edificar as balizas civilizatórias, de que o país tanto carecia. A partir desta visão, diziam que a árvore nacional ganharia força e melhores frutos ¹⁷.

Junto a esse quadro voltado para o combate às mazelas brasileiras, a eugenia proposta por Galton também teve força no contexto da medicina do país. Um dado apontado pela pesquisadora Lilia Schwarcz diz respeito ao fato de que muitos médicos ressignificaram a eugenia (tal como proposta por Galton) no Brasil uma vez que eles próprios tinham origem indígena ou africana ¹⁸.

O sanitário brasileiro acabou suavizando determinados aspectos do componente racial da eugenia, porém, o discurso sobre a raça não foi abandonada, permanecendo como um componente presente no discurso. Souza-Araujo não ficou imune a isso e iremos apontar mais adiante que ele, às vezes, representou determinados problemas brasileiros como ligados à questão da raça e em determinados momentos deixou isso num segundo

progresso do país. In: BRITTO, Nara. *Oswaldo Cruz: a construção de um mito na ciência brasileira*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006. p. 23.

¹⁶ Foi, junto com Oswaldo Cruz, um dos precursores na campanha de regeneração dos sertões. Desenvolveu inúmeros projetos sanitários no combate das doenças contagiosas e ao alcoolismo.

¹⁷ MOTA, André. *Quem é bom já nasce feito: sanitário e eugenia no Brasil*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 16.

¹⁸ SCHWARCZ, L. M. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

plano. Entretanto, deve-se ressaltar que ele sempre pugnou pelo isolamento de doentes.

Assim, as representações da eugenia acabaram se “adaptando” de acordo com a realidade brasileira.¹⁹ Esterilizações, abortos e proibições de casamentos, pontos-chaves da eugenia utilizada por alguns estados americanos e países europeus, não se adequaram ao panorama nacional, pois os hábitos e tradições no Brasil eram profundamente influenciados por instituições como, por exemplo, a Igreja Católica, que condenava tais práticas. Alguns poucos casos de práticas de eugenia negativa, como esterilizações, foram realizadas no sanatório para doentes psiquiátricos do Juquery²⁰.

Uma boa possibilidade para o entendimento do sentido eugênico brasileiro se dá através do estudo das representações expostas pelos grupos médicos dominantes, especialmente aqueles ligados ao Instituto Oswaldo Cruz. E foi ali que se inseriu o médico paranaense Heraclides César de Souza-Araújo, pois sua formação médica ocorreu dentro da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e do Instituto Oswaldo Cruz. Seus professores foram os já citados Belisário Penna e Oswaldo Cruz, precursores do sanitarismo.

Portanto, vamos apontar que se Souza-Araújo foi também um eugenista e que seu ideário eugênico foi influenciado pela égide de Manguinhos; ou seja, um eugenista menos voltado para a reflexão sobre as mazelas da herança genética brasileira (apesar disso às vezes estar presente em seu discurso) e mais voltado para a necessidade de intervenção do Estado sobre a população no que tange às suas mazelas relacionadas às diversas moléstias transmissíveis.

Caracterizada por incentivar a reprodução dos considerados adequados por meio de práticas não invasivas, a eugenia positiva foi amplamente utilizada pelos sanitaristas brasileiros. Eles se apropriaram de muitas das ações

¹⁹ Para saber mais sobre a diversidade de uso da eugenia no país, ler, entre outros, Souza (2008), Stepan (2005) e JANZ JÚNIOR (2012).

²⁰ ROMERO, Marisa. *Medicalização da saúde e exclusão social*. Bauru: Edusc, 2002.

propostas pelos eugenistas, como por exemplo, campanhas de educação da população, por meio de algumas ações higiênicas.

O espaço que pode ser considerado como o centro formador e irradiador do sanitarismo brasileiro foi o Instituto Oswaldo Cruz. Nele, grande parte dos projetos sanitaristas era formulada para diversas localidades brasileiras e, por consequência, os médicos de outras localidades acabavam se apropriando do discurso e da prática sanitarista. Souza-Araujo, apesar de não ser carioca, acabou passando pelo Instituto Manguinhos num momento crucial de formulação ideológica do sanitarismo e num momento em que a eugenia começava a ganhar força no interior do pensamento médico.

Entre 1912 e 1930, antes de tornar-se mundialmente conhecido como um dos grandes pesquisadores do campo da leprologia, com inúmeros artigos publicados (calcula-se que tenha publicado em vida cerca de 260 artigos)²¹, Souza-Araújo já tinha deixado registrado suas representações sobre aspectos sociais relacionados às doenças no Brasil em artigos de imprensa e em revistas médicas. Tais textos sobre aspectos variados das diferentes mazelas e moléstias brasileiras, assim como os seus textos já voltados para a lepra (sobretudo a partir de 1924, quando publica *Lazarópolis do Prata*) nos indicaram um caminho possível para pensar se a eugenia esteve presente nas representações que Souza-Araujo formulou sobre os problemas brasileiros entre 1912-1930; e, caso sim, qual seria a peculiaridade de seu entendimento da eugenia.

Assim, nossa análise se beneficia do sentido dado à eugenia por Souza-Araújo ao nos utilizarmos do conceito de representação do historiador francês Roger Chartier, pois

as práticas que visam a fazer reconhecer uma identidade social, a exibir uma maneira própria de ser no mundo, a significar simbolicamente um estatuto e uma posição; enfim, as formas institucionalizadas e objetivadas em virtude das quais 'representantes' (instâncias coletivas ou indivíduos singulares)

²¹ FLEIUSS, Maria Carolina Max. *Bio-bibliografia do Professor Heraclides Cesar de Souza-Araújo*. Rio de Janeiro: Gráfica Milone Ltda, 1958.

marcam de modo visível e perpétuo a existência do grupo, da comunidade ou da classe ²².

O exemplo do Instituto Oswaldo Cruz aqui pode ser posto como um exemplo típico do processo de apropriação e representação apontado por Chartier. Ele desenvolveu o papel de um centro de pesquisas com características próprias, que reorganizou teorias, como foi o caso da eugenia, as representando de formas diferentes, além de formular outras. E também foi, como uma das suas principais funções, o centro de formação médica, ou seja, formou inúmeros sanitaristas, como foi o caso de nosso médico em questão, Souza-Araújo.

A pergunta: afinal, Souza-Araújo foi eugenista? E caso sim, de que forma ele representou as ideias eugênicas em seus textos do período 1912-1930 (antes de sua fama) moveu o interesse da pesquisa. Buscando informações sobre o médico em outras fontes, na grande maioria das vezes, os relatos eram sempre voltados para as ações relativas à profilaxia e controle da lepra, tendo em vista que Souza-Araújo foi um renomado leprologista brasileiro no contexto da Era Vargas.

No momento em que finalizava essa dissertação, por exemplo, Marcio Magalhães de Andrade defendeu sua tese de doutorado sobre Souza-Araújo, justamente num recorte parecido (1910-1920). Ele apontou detalhes da formação do médico, os caminhos institucionais percorridos por ele no início da carreira, as personagens que participaram desta caminhada, entretanto não abordou a influência eugênica nas ações de Souza-Araújo, especialmente quanto ao isolamento de doentes ²³.

Num período em que na formação do médico já vinham embutidos os ideais do sanitarismo, do higienismo, as ideias eugênicas foram fundamentais para que algumas delas se concretizassem como acabou ocorrendo com

²² CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estudos Avançados*, São Paulo, v.5 n. 11, jan/abr, 1991.

²³ ANDRADE, Marcio Magalhães de. *Capítulos da história sanitária no Brasil: a atuação profissional de Souza-Araújo entre os anos de 1910 e 1920*. Rio de Janeiro, 2011. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde - Fiocruz).

Souza-Araújo durante suas ações de isolamento de doentes, e de forma mais contundente, dos leprosos. Entretanto faltavam as informações sobre o início de sua carreira, sua trajetória, como por exemplo: como o jovem Heraclídes se tornou um conceituado médico? Quais foram os seus mestres, sua formação, seus primeiros trabalhos, suas convicções? Como foi Como Heraclídes se posicionou em meio ao movimento sanitaria brasileiro? Qual foi o papel eugenia em seus trabalhos?

O principal objetivo deste trabalho é justamente ocupar essa lacuna ao refletirmos sobre os primeiros trabalhos de Souza-Araújo (1912-1930). Esta biografia parcial é importante para que se possa conhecer melhor um período considerado importante da medicina nacional para os historiadores da saúde. É também um período pouco explorado na vida de Souza-Araújo, pois grande parte dos estudos feitos até hoje sobre o médico estão relacionados com acontecimentos a partir da década de 1930, quando ele já havia ganhado importante reconhecimento internacional com as suas pesquisas no combate à lepra.

Tendo como pano de fundo essa questões, ao olhar para sua instigante trajetória profissional, os objetivos dessa dissertação assim se apresentam: primeiramente percorrer a trajetória de Souza-Araújo entre 1912 e 1930 e apontar o papel do sanitarismo como importante fator definidor das suas práticas e representações sobre a possibilidade de regeneração da sociedade brasileira.

Além disso, procuramos verificar se nas representações sobre os males do Brasil efetuadas pelo médico, os ideais eugênicos - que circulavam tanto no interior como fora do campo da medicina - também se fizeram presentes. E por fim, centrando nossa análise entre as décadas de 1910 e o final da década de 1920, buscamos observar caminhos que levaram nosso esculápio a tornar-se um leprologista²⁴ de renome no país, um dos mais ativos médicos a propor

²⁴ Leprologista é o termo utilizado para designar os profissionais da medicina que se especializaram em tratar a lepra.

duras medidas de isolamento compulsório em território brasileiro para doentes de moléstias infecciosas, especialmente para os leprosos.

Nessa perspectiva, no primeiro capítulo foram abordadas algumas características referentes à sua infância e aos primeiros anos de estudo, bem como, apresentamos algumas das suas leituras e opções teóricas. Logo em seguida, foram apontados dados de sua formação médica, bem como a sua passagem pela “Escola de Manguinhos” ²⁵, no curso de Aplicação ²⁶, fator principal de sua inserção dentro do importante e conceituado quadro médico-científico nacional. Ainda no primeiro capítulo estudamos a recepção dada por Souza Araújo às teorias bacteriológicas. Nesse sentido, levantamos algumas questões polêmicas relativas ao embate existente dentro da nova ciência que desabrochava.

No segundo capítulo, foram abordadas as questões ligadas à visão de Souza Araújo acerca do movimento sanitaria, impulsionado pela “era do saneamento” ²⁷ e pela busca da população doente no incessante “saneamento dos sertões”. Neste capítulo foram analisadas também as ações sanitárias, as expedições científicas, suas considerações a respeito da condição de saúde das pessoas e localidades visitadas. E dentro deste panorama foi possível identificar questões relacionadas à eugenia nas representações de certos textos de Souza-Araujo que serão aprofundadas no terceiro capítulo.

Por fim, o terceiro e último capítulo está concentrado na eugenia, esta pretensa “ciência” que teve grande impacto sobre o pensamento de vários médicos brasileiros. Veremos que Souza-Araujo, mesmo sem ter aderido a ela com grande ênfase (seja em sua versão positiva ou negativa) como outros colegas do período, também foi um eugenista sanitaria. A peculiaridade de

²⁵ Aqui entenda-se Instituto Oswaldo Cruz.

²⁶ Curso referente à bacteriologia.

²⁷ Termo utilizado por Gilberto Hochman para explicar o movimento higienista de cunho político que ocorreu em boa parte do interior brasileiro durante a Primeira República. In: HOCHMAN, Gilberto. *A Era do saneamento: as bases da política de saúde pública no Brasil*. 2ª Ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

Souza-Araújo foi sua ênfase depositada quanto ao papel do estado diante dos doentes e a importância do isolamento compulsório para certos portadores de doenças transmissíveis. As representações sobre o perigo do contágio da lepra efetuadas por Souza-araujo constituem um terreno fértil para se pensar a peculiaridade do médico no campo da eugenia.

CAPÍTULO 1

A gênese de um cientista: Souza-Araújo e sua inserção dentro do universo médico-científico (1912-1930)

1.1 CONTEXTUALIZANDO SOUZA-ARAÚJO

Neste capítulo será abordada a fase inicial da trajetória profissional de Heraclídes César de Souza-Araújo, período do qual ele deixou interessantes relatos de suas experiências médicas iniciais. Até mesmo alguns conflitos no ambiente de trabalho ajudarão a delinear o perfil pertinente à sua visão de mundo. Com isso será possível verificar como ocorreu o seu contato no interior do ambiente médico-científico sob a égide do sanitarismo de Manguinhos.

Heraclídes César de Souza-Araújo, o agente em análise, foi um jovem que conseguiu ter uma “profissão respeitada”, tendo buscado e conquistado seu lugar dentro do ambiente médico-científico. Ele nasceu em 24 de junho de 1886, na cidade paranaense de Imbituva, então Vila de Santo Antonio de Imbituva²⁸.

No Acervo da Casa de Oswaldo Cruz encontramos a seguinte descrição:

“Médico por natural vocação, admirador da República, respeitador da Monarquia, positivista, admirador de óperas, leitor de grandes clássicos, de autores como Aluisio de Azevedo, Graça Aranha, Machado de Assis, Fialho de Almeida, Eça de Queiróz, Chateaubriand, Alexandre Dumas, Oscar Wilde, Gonçalves Dias, de obras sobre medicina popular, história natural, frisando que não lia nenhuma obra de estilo pornográfico”.²⁹

²⁸ ANDRADE, Marcio Magalhães de. *Capítulos da história sanitária no Brasil: a atuação profissional de Souza-Araújo entre os anos de 1910 e 1920*. Rio de Janeiro, 2011. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde - Fiocruz).

²⁹ Acervo da Casa de Oswaldo Cruz, Departamento de Arquivo e Documentação – Documento SA/DP/19371010, Fundo Heraclídes César de Souza-Araújo. Cópia do questionário enviado por Souza-Araújo à Gilberto Freyre para ajudar na confecção do livro *Ordem e Progresso*, que reunia várias visões de intelectuais da época sobre a Primeira República. Este episódio será analisado mais adiante neste capítulo.

O então jovem Heraclídes gostava de estudar temas que retratavam a Reforma Protestante, a República e a Abolição da escravatura. Era discípulo de Teixeira Mendes, Oswaldo Cruz, Arthur Neiva, Adolpho Lutz e Fernando Terra. “Também estavam entre suas leituras prediletas os naturalistas, leu um pouco Spencer, nunca quis ler Nietzsche e Marx, sempre deixando transparecer a sua visão conservadora”³⁰.

Seu pai chamava-se Júlio César de Souza-Araújo, professor e responsável pela fundação da primeira escola de Imbituva.³¹ além de participante de diversas ações ligadas ao desenvolvimento da cidade.³² Casado com Manoela Alves de Souza-Araújo, faleceu em 1895, o que fez com que os estudos iniciados em 1904 na Escola Militar da Praia Vermelha no Rio de Janeiro fossem financiados pelo irmão mais velho, Hildebrando César de Souza-Araújo. Souza-Araújo ainda possuía mais um irmão, Hostílio César de Souza-Araújo, que exerceu a profissão de advogado³³.

Como já dito, o responsável pela formação dos dois irmãos mais novos foi Hildebrando, que ainda muito jovem foi trabalhar em Ipiranga, cidade próxima de Imbituva. Lá se empregou em uma loja de secos e molhados. Seu talento para a venda o fez crescer dentro do comércio e, com a ida de seu chefe para São Paulo, Hildebrando se tornou o dono do comércio. Logo se

³⁰ Acervo da Casa de Oswaldo Cruz, Departamento de Arquivo e Documentação – Documento SA/DP/19371010, Fundo Heraclídes César de Souza-Araújo. Cópia do questionário enviado por Souza-Araújo à Gilberto Freyre para ajudar na confecção do livro *Ordem e Progresso*, que reunia várias visões de intelectuais da época sobre a Primeira República. Este episódio será analisado mais adiante neste capítulo.

³¹ ANDRADE, Marcio Magalhães de. *Capítulos da história sanitária no Brasil: a atuação profissional de Souza-Araújo entre os anos de 1910 e 1920*. Rio de Janeiro, 2011. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde - Fiocruz).

³² ANDRADE, Marcio Magalhães de. *Capítulos da história sanitária no Brasil: a atuação profissional de Souza-Araújo entre os anos de 1910 e 1920*. Rio de Janeiro, 2011. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde - Fiocruz).

³³ FLEIUSS, Maria Carolina Max. *Bio-bibliografia do Professor Heraclídes Cesar de Souza-Araújo*. Rio de Janeiro: Gráfica Milone Ltda, 1958.

tornou um empresário expressivo no Paraná e acabou adquirindo o tradicional jornal paranaense Diário da Tarde ³⁴.

Os três irmãos da família Souza-Araújo acabariam se tornando pessoas influentes em todo o Estado do Paraná, o que foi possível em razão do crescimento econômico vertiginoso das cidades no período. Esse fenômeno, como o da família Souza-Araújo, é analisado por Nicolau Sevcenko, que afirma que, no período da Primeira República, muitas famílias até então pertencentes à classe média tornaram-se “novas elites”:

Esse conjunto de transformações gerou um amplo processo de desestabilização da sociedade e cultura tradicionais, cujo sintoma mais nítido e mais excruciante, pelos custos implicados no desejo das novas elites de promover a modernização ‘a qualquer custo’ ³⁵.

Inserido num patamar de “nova elite”, em março de 1910, Heraclides passou a dar aulas de História Natural ³⁶ no Externato Maurell no Rio de Janeiro ³⁷. Essa foi uma das áreas de interesse de Heraclides, cujo conteúdo serviu de base para as suas futuras pesquisas.

Ainda em março de 1910, Souza-Araújo ingressou no curso de medicina da Faculdade do Rio de Janeiro. Em 1911, resolveu pleitear uma vaga como livre-docente nesta mesma instituição, pois neste período a livre-docência não estava ligada ao título universitário. O trabalho apresentado no concurso pelo médico foi *História natural aplicada à medicina e à farmácia*, na qual, entretanto, não conseguiu obter êxito ³⁸.

³⁴ Informações sobre Hildebrado de Araújo disponíveis em: <http://www.fundacaoharaujo.org.br>. Acesso em: 27/05/2009.

³⁵ SEVCENKO, Nicolau. O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: SEVCENKO, Nicolau (org.) *História da vida privada no Brasil*: República: da Belle Époque à Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. V. 3. p. 16.

³⁶ A História Natural nesta época estudava fenômenos científicos ligados à biologia, natureza e a física.

³⁷ VASQUES DA SILVA, Maria de Lourdes. *Descrição de documentos fotográficos*: aspectos teórico-metodológicos e modelo de aplicação. Dissertação de Mestrado, Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.

³⁸ ANDRADE, Marcio Magalhães de. *Capítulos da história sanitária no Brasil*: a atuação profissional de Souza-Araújo entre os anos de 1910 e 1920. Rio de Janeiro, 2011. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde - Fiocruz).

Já em 1912, Souza-Araújo formou-se no curso de Farmácia da Escola de Farmácia de Ouro Preto em Minas Gerais. Vale ressaltar que simultaneamente a esse curso, Souza-Araújo continuou estudando medicina no Rio de Janeiro, pois ainda frequentava a Faculdade de Medicina. Em ambas as instituições conviveu com o contexto da consolidação do ambiente médico-científico brasileiro, que vinha ocorrendo desde o final do século XIX, liderado por Oswaldo Cruz.

No ano de 1913, após um período de intensos estudos em Manguinhos³⁹, Souza-Araújo se formou no Curso de Aplicação⁴⁰ do Instituto Oswaldo Cruz, que teve início em 1912. Segundo reportagem da época “o programma do curso do Instituto, segundo nos informou um dos medicos que o fizeram, é superior em extensão, ao do próprio Instituto Pasteur”⁴¹, além de todos serem especialistas em suas áreas. Os alunos eram convidados e deveriam possuir um conhecimento prévio, além de serem escolhidos pelo próprio Oswaldo Cruz⁴².

Ainda no ano de 1913, Souza-Araújo foi fazer intercâmbio de estudos na Alemanha, com o objetivo de cursar Medicina na Faculdade de Medicina da Real Universidade de Berlim, entretanto teve que retornar ao Brasil em 1914, por causa da eclosão da I Grande Guerra⁴³.

Seguindo a fonte citada acima, esse curso consistia em os alunos ficarem ao

³⁹ Instituição que tem como nome oficial Instituto Oswaldo Cruz, mas devido à sua localização, na área de Manguinhos, também é reconhecida por este nome. O Instituto Oswaldo Cruz foi surgiu em 1908, mas funcionava com outro nome desde 1900, Instituto Soroterápico Federal. Seu objetivo era estudar as principais doenças que acometiam os brasileiros, doenças conhecidas como tropicais. Além disto, era responsável pelas campanhas de cura e prevenção destas doenças.

⁴⁰ Curso ligado à área da bacteriologia.

⁴¹ Acervo da Casa de Oswaldo Cruz, Departamento de Arquivo e Documentação – Documento SA/DP/19371010 (caderno de recortes de jornais), Fundo Heraclides César de Souza-Araújo.

⁴² CASTRO SANTOS, Luis Antonio; FARIA, Lina. O ensino da Saúde Pública no Brasil: os primeiros tempos no Rio de Janeiro. In: *Trabalho, Educação e Saúde*. Rio de Janeiro: Fiocruz, Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio. Vol. 4 n. 2, Setembro 2006.

⁴³ FLEIUSS, Maria Carolina Max. *Bio-bibliografia do Professor Heraclides Cesar de Souza-Araújo*. Rio de Janeiro: Gráfica Milone Ltda, 1958.

redor do professor ou assistente, que expõe e explica, ao microscópio, a técnica bacteriológica e das ciências afins, há um grupo de homens atentos, de olhares argutos, acompanhando suas palavras e seus gestos; fala-se do microbio, tão grande através das lentes microscópicas, tão misterioso em seus movimentos e transformações, tão estranhos na sua incrível resistência às mais elevadas temperaturas ⁴⁴.

O curso foi criado para atender a demanda de profissionais da saúde decorrente da expansão dos programas de saúde pública que marcou o período em questão. Esse processo encontra-se discutido por Gilberto Hochman, para quem

uma implicação significativa desse processo foi a formação de uma identidade profissional no interior dos quadros técnicos, criados para dirigir e atuarem nos serviços públicos de saúde. Assim, deu-se um lento, porém evidente, processo de diferenciação entre os médicos clínicos e os higienistas/sanitaristas, por exemplo ⁴⁵.

Segundo Castro Santos e Faria, os mentores do Curso de aplicação faziam parte de um grupo que mantinha laços estreitos com lideranças e programas de saúde pública nos Estados Unidos, em particular com a Fundação Rockefeller ⁴⁶, que teve um papel relevante na consolidação da área no país” ⁴⁷.

Souza-Araújo se formou médico em 1915. Sua turma estava repleta de futuros “homens da ciência” e conterrâneos como Alceu do Amaral, especialista também na cadeira de higiene e um dos primeiros professores da Faculdade

⁴⁴ Acervo da Casa de Oswaldo Cruz, Departamento de Arquivo e Documentação – Documento SA/DP/19371010 (caderno de recortes de jornais), Fundo Heraclides César de Souza-Araújo.

⁴⁵ HOCHMAN, Gilberto. *A Era do Saneamento*: as bases da política de saúde pública no Brasil. 2ª Ed. São Paulo: Hucitec. 2006. p. 202; 203.

⁴⁶ Instituição fundada em 1913 com o objetivo de superar as moléstias do ser humano financiada pela rica norte-americana família Rockefeller. Desde sua fundação investiu bilhões de dólares em ações por todo mundo. No Brasil, teve participação nas campanhas sanitárias e na formação de profissionais.

⁴⁷ CASTRO SANTOS, Luis Antonio; FARIA, Lina. O ensino da Saúde Pública no Brasil: os primeiros tempos no Rio de Janeiro. In: *Trabalho, Educação e Saúde*. Rio de Janeiro: Fiocruz, Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio. Vol. 4 n. 2, Setembro 2006, p. 294.

de Medicina do Paraná e Renato Ferraz Kehl ⁴⁸, que tempos depois se tornaria o maior defensor das causas eugenistas em solo brasileiro, dentre outros ⁴⁹.

A inserção de Souza-Araújo na medicina nacional se deu sob os olhares e indicações de Oswaldo Cruz. Dada a importância e a influência deste personagem sobre Souza-Araújo, é interessante falar um pouco sobre ele.

Oswaldo Cruz, [...] é reconhecido como o fundador da higiene científica e o criador de uma escola de onde surgiram mestres abalizados. [Ele] é objeto de uma profusão de imagens que põem em evidência tanto a idealização do cientista como a valorização de seus herdeiros ou discípulos ⁵⁰.

Situação que demonstra a ligação entre Cruz e Araújo ocorreu quando este retornou em 19 de março de 1914 de Berlim. Assim que chegou em terras brasileiras ele procurou pelo mestre Oswaldo Cruz para pedir conselhos sobre o assunto da sua tese de doutoramento sobre dermatologia. Segundo Souza-Araújo o mestre lhe indicou o seguinte:

1º. achar mto útil minha formatura pela Alemanha e pelo Brasil ao [...mesmo] tempo; 2º. Aconselhou-me para minha especialidade 'Pelle e Syphilis e Molestias Tropicaes'; 3º. mandou-me procurar o Prof. Terra da Santa Casa p^a. combinar o assumpto, molestia brasileira para a these e pedir material clinico para estudos e experimentos; 4º deixou a minha disposição o Instituto para o estudo experimental de Laboratorio ⁵¹.

⁴⁸ Considerado patrono da eugenia no Brasil.

⁴⁹ Acervo da Casa de Oswaldo Cruz, Departamento de Arquivo e Documentação – Documento SA/DP/19371010 (livro “Nossa Turma”), Fundo Heraclides César de Souza-Araújo.

⁵⁰ BRITTO, Nara. *Oswaldo Cruz: a construção de um mito na ciência brasileira*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006. p. 13.

⁵¹ Acervo da Casa de Oswaldo Cruz, Departamento de Arquivo e Documentação – Documento SA/DP/19371010 (Caderno de anotações do Curso de Aplicação). Fundo Heraclides César de Souza-Araújo.

Com o título de *Granuloma Venéreo*⁵², Heraclídes defendeu sua tese dedicada ao médico cientista Gaspar Vianna⁵³. Com ricos detalhes de casos monitorados, além de conclusões relevantes para o período - como, por exemplo, a confirmação da nulidade da raça e do clima como fatores de propensão para a doença - o trabalho foi considerado na época um marco na área da dermatologia. Essa postura frente à questão racial na situação de atraso e fragilidade do brasileiro nos dá os primeiros indícios de como Souza-Araújo interpretava a eugenia.

Fernando Terra, importante dermatologista da época e diretor do Hospital dos Lázaros no Rio de Janeiro, foi o autor da introdução do livro *Granuloma Venéreo de Souza-Araújo*, texto no qual descreveu a importância da obra dentro do campo médico:

[...] pode-se assegurar que tudo que está actualmente no domínio de nossos conhecimentos sobre o granuloma venereo encontra-se na valiosa monographia tratado com cuidado, e não se faz nenhum favor affirmando que nenhum trabalho publicado sobre o assumpto leva-lhe vantagem, e será sempre consultado com proveito por quem recorrer a essas paginas escriptas com maxima erudição⁵⁴.

Esses primeiros passos foram fundamentais para a sua carreira como leprologista, pois nestes primeiros passos na dermatologia foi que Heraclídes também teve seus primeiros contatos com a lepra. No momento da elaboração da tese, quando teve contato com portadores de lepra e sífilis, elaborou métodos de profilaxia e do tratamento dessas doenças.

A partir desse momento com a intenção de “desbravar” o interior brasileiro e combater suas mazelas, Souza-Araújo fez inúmeras viagens

⁵² Doença conhecida atualmente também como donovanose, ligada às doenças sexualmente transmissíveis e causa ulcerações na região genitália.

⁵³ Gaspar Vianna trabalhou no Instituto Oswaldo Cruz, abriu caminho para a “quimioterapia anti-infecciosa”, usada no tratamento do granuloma venéreo. Disponível em: <http://diariodopara.diarioonline.com.br/N-85788GASPAR+VIANNA++GENIO+E+MARTIR+DA+CIENCIA.html>. Acesso em: 04/08/2011.

⁵⁴ SOUZA-ARAÚJO. Heraclídes César. *Granuloma Venéreo*. Rio de Janeiro: Cia. Litográfica Ferreira Pinto, 1917. p. 11. (O livro com a tese foi publicado apenas em 1917.)

nacionais, sempre em busca de novas descobertas, até mesmo para coletar novos e diferentes casos para seus experimentos ⁵⁵. O primeiro lugar onde efetivamente aplicou seus conhecimentos foi o Paraná.

Durante o período em que esteve no estado, Souza-Araújo foi redator chefe da revista do Serviço de Profilaxia Rural, intitulada *Archivos Paranaenses de Medicina*. As questões relativas ao serviço de Profilaxia Rural serão discutidas no próximo capítulo de forma mais detalhada.

Logo quando assumiu os primeiros serviços no Paraná, em 1916, Souza-Araújo se envolveu em várias frentes de atuação. Organizou uma expedição para contabilizar o número de doentes acometidos pela lepra, bem como elaborou ações profiláticas para o controle dessa doença, que acabaram tornando-se parte do regulamento do Serviço de Profilaxia Rural paranaense.

No órgão estadual ocupou a direção a partir de maio de 1918, por indicação de Carlos Chagas,⁵⁶ permanecendo na chefia até 1921, quando pediu transferência para o Serviço de Profilaxia Rural do Estado do Pará.

1.2 O POSITIVISMO E A MEDICINA

A estadia no Rio de Janeiro entre 1904-1918 pode ser visto como o período em que Heraclides consolidou suas primeiras definições sobre o campo médico-científico. Ao ingressar na Escola Militar da Praia Vermelha em 1904, teve contato com o positivismo⁵⁷, por intermédio de seu mestre Carlos Chagas.

⁵⁵ FLEIUSS, Maria Carolina Max. *Bio-bibliografia do Professor Heraclides Cesar de Souza-Araújo*. Rio de Janeiro: Gráfica Milone Ltda, 1958.

⁵⁶ Carlos Chagas foi também um discípulo de Oswaldo Cruz. Logo após a morte do mestre assumiu o Instituto Oswaldo Cruz em 1917. Ficou internacionalmente conhecido pela descoberta do vetor *Tripanossoma Cruzi*, causador da chamada desde então doença de Chagas. Disponível em: http://www.museudavida.fiocruz.br/media/Chagas_Filho.pdf. Acesso em: 27/07/2012.

⁵⁷ Para os positivistas, os principais valores eram a humanidade, a pátria e a família. Entretanto havia a liberdade de religião, de profissão e da indústria. “Segundo esses princípios, os indivíduos deviam ser moralizados por meio da tutela do Estado. O elemento considerado de primeira ordem para atender aos interesses populares era a existência de uma reorganização

Guiado, sobretudo por Teixeira Mendes, um dos principais precursores e filósofos positivistas no Brasil, Souza-Araújo assimilou muitos dos ideais positivistas para as suas práticas. Nesse sentido, ele acompanhou uma série de conferências proferidas por Teixeira Mendes durante sua estadia no Rio de Janeiro, todas com temáticas ligadas ao Positivismo.

Nesse período, recente à instituição da República, os positivistas almejavam ideais como a ordem e o progresso. Isto, segundo eles, seria conquistado a partir da organização da nação. Um dos principais meios encontrados para se chegar a este objetivo foi o desenvolvimento dos meios de saúde, além de ações de cunho político e educacional.

Para Luiz Antonio de Castro Santos, o positivismo, foi um dos fatores responsáveis pela preocupação do Estado com a saúde:

Essa influência, até agora inexplorada quanto a suas possíveis implicações para a propagação do movimento de saúde pública, poderia ter representado um verdadeiro aguilhão na formação das idéias republicanas com respeito à intervenção estatal no campo da saúde⁵⁸.

As primeiras ações do Estado referente à prática de políticas de saúde pública foram a vacinação obrigatória contra a febre amarela e a varíola no Rio de Janeiro em 1904. Entretanto, tais medidas não agradaram a todos, sendo que alguns positivistas foram contrários à iniciativa, pois entendiam que o homem tinha liberdade sobre o próprio corpo e a vacinação compulsória seria um ato contra tal liberdade. Para estes homens, credos do positivismo, a ciência era essencial para o desenvolvimento da nação, mas não nesse modelo de intervenção. Sendo assim, eles apoiaram uma nova forma de medicina, a medicina experimental.

da sociedade, que levasse em conta a dimensão espiritual das necessidades humanas, o que dependia das alterações das opiniões e dos costumes". RODRÍGUEZ *apud* WEBER, Beatriz Teixeira. *As artes de curar: medicina, religião e positivismo na República Rio-Grandense – 1889-1928*. Bauru; Santa Maria: Edusc; UFSM, 1999. p. 42.

⁵⁸ CASTRO SANTOS, Luiz A. Estado e Saúde Pública no Brasil (1889-1930). *Dados: Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 02, 1980. p. 248.

Na medicina experimental, conforme os preceitos ensinados nas Faculdades de Medicina da Europa desde a segunda metade do século XIX, o positivismo desempenhava um papel de destaque durante a formação do médico. Segundo Madel Luz,

para o êxito e a aceitação dessas ciências, foi de fundamental importância o estabelecimento da hegemonia da filosofia positivista, que surge no Brasil em meados do século XIX. Esta, propondo a ruptura com a imaginação e a argumentação, submentendo-as à observação e à experimentação, substituindo a procura de causas e essências pelo descobrimento de leis imutáveis, que seriam as relações constantes entre fenômenos observáveis – os fatos – cria o solo propício para o desenvolvimento das ciências positivas, já que o aforisma comtiano ‘ver para crer’, supõe a previsão de uma intervenção. Assim, a observação de um micróbio é mais convincente para justificar uma ação sobre ele do que um miasma, que não pode ser visto ⁵⁹.

Essa avalanche de novos conhecimentos influenciou profundamente o jovem Heraclídes. Como já dito, ele optou logo pela medicina experimental, desenvolvendo ações por todo território nacional. Pela ótica positivista, com o desenvolvimento de ações na esfera da saúde pública, chegaríamos ao progresso da nação. Uma das saídas encontradas para o desenvolvimento nacional foi o investimento em ações sanitárias.

O Serviço de Profilaxia Rural do Paraná, exemplo de serviço sanitário comandado por Souza-Araújo, foi um dos pioneiros. Segundo Gilberto Hochman:

[O Paraná] sendo um dos estados pioneiros no estabelecimento de convênios com o Governo federal, em dois anos adequou toda sua legislação e serviços às exigências federais, com a abertura de dois créditos anuais de 100 contos de réis (idêntico ao valor a que deveria ser creditado pela União) e a criação, até o início de 1919, de quatro postos sanitários no interior e um posto central na capital do estado, afora um contrato com a Fundação Rockefeller [...] ⁶⁰.

⁵⁹ LUZ, Madel T. *Medicina e Ordem Política Brasileira: políticas e instituições de saúde (1850-1930)*. Rio de Janeiro: Graal, 1982. p. 111.

⁶⁰ HOCHMAN, Gilberto. *A Era do Saneamento: as bases da política de saúde pública no Brasil*. 2ª Ed. São Paulo: Hucitec. 2006. p. 176.

As ações feitas por Souza-Araújo em seu Estado natal foram consideráveis. A partir de 1916 iniciou a contagem dos doentes de lepra e algumas ações da profilaxia desta doença no Paraná. No ano seguinte, começou a trabalhar na profilaxia das verminoses no litoral paranaense, época esta, anterior às ações nacionais em parceria com a Fundação Rockefeller em São Paulo, na formação de profissionais. Também em 1917 combateu a malária no norte do Estado.

Com isto, se pode observar que o referido médico abraçou a causa de seus colegas médicos de Manguinhos e também os preceitos positivistas relativos à ciência nacional, ou seja, buscou ao máximo, a partir de aparelhos científicos desenvolver o Paraná.

Um dos pontos cruciais para a concretização dos planos positivistas estava relacionado com a família e sua importância. Era dentro do lar que se constituíam os futuros cidadãos e na maioria das vezes cabia às mães a formação destas crianças. Para os positivistas, as mulheres eram fundamentais. Elas eram exaltadas, responsáveis pela preservação da espécie, com a responsabilidade da reprodução e pela formação moral do futuro cidadão.

Para Souza-Araújo, a mulher também possuía um papel especial na sociedade. Era necessário ter bons frutos para se chegar ao desenvolvimento da nação, além da importância de povoá-la. Para tanto, deveriam emergir novos métodos para o controle da saúde da mulher, bem como ações educativas que as jovens pudessem aprender ainda nas escolas. Elas deveriam ser exemplo de cuidados com a sua prole. Além disto, Souza-Araújo procura denunciar também o descaso das autoridades para com a população do interior brasileiro.

Isto é perceptível no seguinte trecho escrito por Souza-Araújo:

Dado o modo de vida dessa gente rustica, da prostituição precoce que entre ella se observa, da sem-cerimonia com que se ajuntam negros com brancos, homens que entre os demais habitantes são respeitados ou temidos, com qualquer meretriz de baixo estôfo, paes e mães que entregam as filhas a trôco de qualquer donativo ou que as exploram sem-vergonhamente, só tenho uma conclusão: este

povo é amoral. A distancia dos centros civilizados, a falta de comunicações, a desídia das auctoridades, a ignorância e a penúria em que vivem as populações do interior, são os principaes factores dessa situação de miséria social. Na Villa de Guarakessaba, no Paraná, quando o medico do posto de Prophylaxia me communicou que era habito ahi certos homens mais ou menos abastados 'encommendarem' do interior do município as filhas dos caipiras para suas concubinas, causou-me esse facto não só admiração mas estupefacção, habituado como eu estava a conviver com a população dos Campos Geraes, onde nasci, e onde são punidos severamente taes crimes de moral, quando não pela Justiça, ao menos pelos offendidos em sua honra...⁶¹

Nesta passagem emblemática, podemos observar alguns temas que exemplificam os debates existentes no Brasil da Primeira República, em especial o sanitarismo como medida de eugenia positiva. O descaso com o interior do país vinha sendo muito criticado, especialmente pelo Instituto de Manguinhos, como sendo um dos motivos do “atraso” brasileiro.

Ponto bastante relevante para percebermos a influência da eugenia nas palavras de Souza-Araújo, mesmo que de forma implícita, é o trecho: “sem-cerimonia com que se ajuntam negros com brancos”. Nele observamos a permanência da crença de que a miscigenação racial era mais um fator degenerador da sociedade. Outras palavras que remetem à essas questões são prostituição, amoral, centros civilizados, miséria social, ignorância, crimes de moral, as quais são utilizados em inúmeros estudos médicos no período em questão.

Sendo assim, podemos sugerir que na trajetória de Souza-Araújo a utilização dos ideais eugenistas foi um passo natural. Isso porque muitas das características do positivismo são compatíveis com as características da eugenia brasileira. Temos como exemplo, o papel fundamental da moral e da família, além da intenção de colaborar com o desenvolvimento da nação.

⁶¹ SOUZA-ARAÚJO. Heraclides César. *A Prophylaxia Rural no Estado do Pará*. Belém: Typografia da Livraria Gillet, 1922. V. I. p. 305.

1.3 CONFLITOS MÉDICOS-CIENTÍFICOS NO INÍCIO DA CARREIRA

Após entrar em contato com seus mestres sanitaristas, Oswaldo Cruz e Carlos Chagas, Souza-Araújo se aprofundou de vez no movimento sanitaria e nas discussões de caráter eugênico. Seu trabalho se iniciou no Paraná, no ano de 1916, de onde se projetou para o cenário nacional.

Muitos dos médicos, impulsionados pelas novas descobertas sanitárias, já possuíam renome internacional, sendo que o então jovem Heraclides também lutava pela sua posição. Encaminhava notas para os jornais, como “*A estatística da lepra no Paraná*”, em que relatava o cotidiano de suas ações na busca por doentes no interior do Paraná. Também “buscava por contatos”, procurando se envolver com pessoas influentes, esboçando amizades com pessoas que frequentavam as colunas dos jornais, como Santos Dumont, Gilberto Freyre e Capistrano de Abreu ⁶².

Porém, não podemos acreditar que a trajetória de Souza-Araújo ocorreu de forma linear, sem conflitos. Isto começa a aparecer quando o referido médico migra do curso de Farmácia para o de Medicina, fato que elevaria o seu *status* diante da sociedade, bem como o colocaria no centro das discussões intelectuais do período. Isso ocorreu também no momento de decisões particulares importantes, como quando do seu pedido de transferência para o Pará, onde poderiam surgir novas possibilidades ao empreender missões aos confins para “resgatar” a população doente e abandonada. Alguns episódios que se seguiram exemplificam embates do período pela legitimação da autoridade do jovem médico dentro da medicina nacional.

Ainda em 1918, em companhia dos médicos Adolpho Lutz e Olympio da Fonseca Filho, Souza-Araújo percorreu em uma viagem pela região que percorreu o Rio Paraná, muitos lugares pouco estudados e que precisavam de assistência médica.⁶³ O grupo buscava “desbravar” as regiões distantes dos

⁶² Acervo da Casa de Oswaldo Cruz, Departamento de Arquivo e Documentação – Documento SA/DP/19371010, Fundo Heraclides César de Souza-Araújo.

⁶³ LUTZ, Adolpho; SOUZA-ARAÚJO, Heraclides César; FONSECA FILHO, Olympio da. Viagem científica no Rio Paraná e a Assuncion com volta por Buenos Aires, Montevideo e Rio

grandes centros e mapear as doenças que encontravam pelo caminho. Estas viagens contribuíram para reconhecer as regiões do interior em que as doenças eram responsabilizadas pelas negativas características associadas à nacionalidade brasileira.

Heraclídes ficou responsável por analisar o estado sanitário dos locais e pelos estudos climáticos ⁶⁴. Esta expedição resultou em um relatório publicado na revista *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz* em 1918, sob o título *Viagem científica no Rio Paraná e a Assuncion com volta por Buenos Aires, Montevideo e Rio Grande* ⁶⁵.

Esse relatório expôs inúmeros problemas sanitários que foram encontrados pela equipe de médicos e cientistas da qual Souza-Araújo fez parte, especialmente quanto à desorganização no sistema de saúde do Rio Grande do Sul, pois nesta época o governo gaúcho pregava a liberdade profissional, ou seja, cada médico trabalhava da forma que lhe conviesse ⁶⁶.

Tal fato desencadeou uma grande polêmica e foi considerado ofensivo pelos representantes médicos do Rio Grande do Sul. Dois anos após a divulgação do relatório, o documento foi contestado pelo deputado Evaristo do Amaral e pelo diretor de higiene do Rio Grande do Sul, o Dr. Ricardo Machado,

Grande. In: *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, Rio de Janeiro, tomo 10, p. 104 – 173, fascículo 2, 1918. Disponível em: [http://memorias.ioc.fiocruz.br/pdf/Tomo10/tomo10\(f2\)_104-173.pdf](http://memorias.ioc.fiocruz.br/pdf/Tomo10/tomo10(f2)_104-173.pdf). Acesso em: 24/04/2009.

⁶⁴ LUTZ, Adolpho; SOUZA-ARAÚJO, Heraclídes César; FONSECA FILHO, Olympio da. Viagem científica no Rio Paraná e a Assuncion com volta por Buenos Aires, Montevideo e Rio Grande. In: *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, Rio de Janeiro, tomo 10, p. 104 – 173, fascículo 2, 1918. Disponível em: [http://memorias.ioc.fiocruz.br/pdf/Tomo10/tomo10\(f2\)_104-173.pdf](http://memorias.ioc.fiocruz.br/pdf/Tomo10/tomo10(f2)_104-173.pdf). Acesso em: 24/04/2009.

⁶⁵ LUTZ, Adolpho; SOUZA-ARAÚJO, Heraclídes César; FONSECA FILHO, Olympio da. Viagem científica no Rio Paraná e a Assuncion com volta por Buenos Aires, Montevideo e Rio Grande. In: *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, Rio de Janeiro, tomo 10, p. 104 – 173, fascículo 2, 1918. Disponível em: [http://memorias.ioc.fiocruz.br/pdf/Tomo10/tomo10\(f2\)_104-173.pdf](http://memorias.ioc.fiocruz.br/pdf/Tomo10/tomo10(f2)_104-173.pdf). Acesso em: 24/04/2009.

⁶⁶ WEBER, Beatriz Teixeira. *As artes do curar: medicina, religião, magia e positivismo na República Rio-Grandense – 1889-1928*. Santa Maria: Edusc; Ed. Ufsm, 1999.

na sessão de 22 de junho de 1920 da Câmara dos Deputados no Rio de Janeiro ⁶⁷.

A queixa do deputado se dirigia ao Departamento Nacional de Saúde Pública e ao Instituto Oswaldo Cruz. O deputado não poupou críticas ao relatório elaborado pelos sanitaristas forasteiros, chegando, até mesmo, a mencionar o estilo da escrita do documento que, segundo ele, era densamente “científica”, o que restringia o número de pessoas que a entenderiam.

Quanto à redação do relatório de viagem sob a responsabilidade de Adolpho Lutz, foram expostos erros de português e a “impropriedade do estilo”. Segundo Souza-Araújo em artigo publicado nos *Archivos Paranaense de Medicina*, o deputado Evaristo do Amaral:

procurou aqui e alli as impropriedades de termos e phrases do nosso relatorio para apresentar ao Congresso como ‘Amostras de verve ou da *vis estylistica*’ das nossas narrações, sem cuidar de apreciar o fundo scientifico e patriotico das observações que elle contem ⁶⁸.

A linguagem do documento expressava a crença no ideal não apenas de seu redator, mas dos outros membros da comissão, de que o cientista deveria ser do “typo do verdadeiro sabio pesquisador, todo voltado para a verdade scientifica sem muito se preocupar com a parte litteraria” ⁶⁹. Como justifica Souza-Araújo:

os que escrevem para as ‘Memorias’ nunca quizeram fazer literatura; se preocupam menos com o estylo que com o fundo. São ellas uma revista de sciencia de observação e experiencia, e neste ramo de actividade deve-se usar sempre uma linguagem muito simples e concisa ⁷⁰.

⁶⁷ SOUZA-ARAUJO. H. C. de. Questões de Hygiene. In: *Archivos Paranaenses de Medicina*. Curitiba: Anno I, n. 3, julho de 1920, p. 58.

⁶⁸ Idem. p. 58.

⁶⁹ SOUZA-ARAUJO. H. C. de. Questões de Hygiene. In: *Archivos Paranaenses de Medicina*. Curitiba: Anno I, n. 3, julho de 1920, p. 58.

⁷⁰ Idem.

Segundo Dominichi Miranda de Sá, os médicos-cientistas desta época defendiam que “os homens de ciência/cientistas se propunham, nas suas obras, a buscar “toda a verdade” por intermédio de “pesquisa rigorosa”, inadequado seria que o resultado do seu trabalho fosse conotado como arte” ⁷¹. Portanto, um trabalho escrito com estilo literário seria rejeitado pelos pares cientistas e pelas revistas especializadas. Este também foi um recurso utilizado pelos médicos brasileiros:

[...] essa padronização da linguagem entre os homens de ciência brasileiros era fundamental para que rompessem, aos olhos dos pares estrangeiros, com a imagem da ciência brasileira como uma imensa Torre de Babel, assunto de estetas impressionistas ocupados com a beleza e singularidade da escrita ⁷².

A defesa de Souza-Araújo foi apresentada pelo deputado pernambucano Dr. Antonio Austregesilo na sessão da Câmara no Rio de Janeiro em 19 de julho de 1920. Ele não concordava com as alegações do colega deputado Evaristo do Amaral e, portanto, resolveu esclarecer os acontecimentos. Após a defesa, segundo os editores da revista *Archivos Paranaenses de Medicina*, ele foi aclamado com cumprimentos de “muito bem, muito bem” ⁷³.

Ainda, segundo Souza-Araújo, a intenção do relatório não era “atacar” o Rio Grande, mas sim ajudá-lo, alertando para as necessidades sanitárias do local, seu clima e geografia. Este era um dos objetivos desta expedição, demonstrar os problemas encontrados, como podemos observar na passagem que se segue do relatório, que aponta a falta de ações da Diretoria de Higiene Pública:

Informou-nos também o Sr. Director de Hygiene do Rio Grande do Sul, que o isolamento dos doentes de peste, assim como a

⁷¹ SÁ, Dominichi Miranda de. *A ciência como profissão: médicos, bacharéis e cientistas no Brasil (1895-1935)*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006. p. 132.

⁷² Idem. p. 122.

⁷³ AUSTREGESILO, A. Questões de Hygiene. In: *Archivos Paranaenses de Medicina*, Curitiba, Anno I, n. 4, agosto de 1920.

desinfecção das casas, onde se dão obitos por essa doença, são lá facultativos, porque acima de tudo está a liberdade individual. Pelas informações que nos prestou o Sr. Dr. RICARDO MACHADO, essas e muitas outras, concluímos que Porto Alegre, ou melhor, o Rio Grande do Sul não tem hygiene publica, organizada segundo as doutrinas modernas.

Por esse motivo lá existem todas as molestias infecto-contagiosas evitaveis e muitas delas implantadas endemicamente. Outra grande endemia do Rio Grande é o Charlatanismo. Em todo o Estado e sobretudo na Capital, o numero de curandeiros e charlatães é enorme e o povo paga pesadissimo tributo a esses exploradores prestigiados pelo Governo, que não é, como devia sel-o, o 'tutor' do povo. Não há certamente no Brazil um Estado, mesmo o mais longínquo e mais atrasado, que em assumpto de charlatanismo possa competir com o Rio Grande do Sul ⁷⁴.

O relatório foi entendido pelos gaúchos como uma pesada crítica, com a intenção de difamar o referido Estado. Segundo Sá, se pode observar que o relatório não estava longe dos padrões em voga na época das viagens:

Segundo a concepção médica do período, a emergência das pesquisas bacteriológicas levaria ao progressivo abandono do paradigma climático-telúrico. Seguindo essa climatologia médica, o diagnóstico e a terapêutica exigiam a identificação tanto de agentes ambientais – climáticos e geográficos [...] – quanto de hábitos sociais 'anti-higiênicos'[...]. Para tanto, seriam necessários longos estudos em hygiene, profilaxia, química, física, fisiologia, anatomoclínica, meteorologia, botânica, climatologia, topografia e geologia ⁷⁵.

A partir disto, se pode notar que “uma é a questão de saber aquilo que um texto significa, a outra é a questão de saber o significado que um autor pode ter pretendido transmitir” ⁷⁶. Ou seja, para os gaúchos, o texto do relatório significou uma afronta ao Estado, um insulto.

⁷⁴ LUTZ, Adolpho; SOUZA-ARAÚJO, Heraclides César; FONSECA FILHO, Olympio da. Viagem científica no Rio Paraná e a Assuncion com volta por Buenos Aires, Montevideo e Rio Grande. In: *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, Rio de Janeiro, tomo 10, p. 104 – 173, fascículo 2, 1918. Disponível em: [http://memorias.ioc.fiocruz.br/pdf/Tomo10/tomo10\(f2\)_104-173.pdf](http://memorias.ioc.fiocruz.br/pdf/Tomo10/tomo10(f2)_104-173.pdf). Acesso em: 24/04/2009. p. 148;149.

⁷⁵ SÁ, Dominichi Miranda de. *A ciência como profissão: médicos, bacharéis e cientistas no Brasil (1895-1935)*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006. p. 109.

⁷⁶ SKINNER, Quentin. Interpretação e compreensão dos actos discursivos. In: SKINNER, Quentin. *Visões da Política: questões metodológicas*. Algés: Difel, 2005. p. 159.

Outro episódio polêmico do início da carreira de Heraclides foi a questão envolvendo a Faculdade de Medicina do Paraná. Souza-Araújo recebeu o convite da Faculdade em 1920, para tornar-se professor desta instituição, às vésperas de sua partida para a sua missão no Estado do Pará.

A Congregação da faculdade de Medicina do Paraná, reunida em sessão ordinária reunida em 17 de Novembro de 1920, elegeu por unanimidade de votos professor substituto da cadeira de Clínica Dermatosyphiligraphica da mesma, o nosso redactor-chefe Dr. H. C. Souza Araujo. Por motivos de ordem publica e particular o Dr. Souza Araujo excusou-se de acceitar tão elevado quão espinhoso encargo. Em nova sessão da Congregação, realizada neste mez, Ella decidiu, tambem por unanimidade de votos, não acceitar as excusas do Dr. Souza Araujo, tendo mandado uma commissão pedir-lhe que as retirasse porque não considera motivos imperiosos os alegados ⁷⁷.

Entretanto estas conversas tranquilas não duraram muito tempo. Uma questão surgiu em dois de março de 1921 com a Portaria número 37, expedida pelo Diretor da Faculdade de Medicina, o Dr. Victor do Amaral:

PORTARIA Nº 37. Tendo eu sciencia de que o professor desta Faculdade, Doutor Heraclides de Souza Araujo, na Capital Federal, perante a Directoria da Saude Publica e por informações á imprensa, fez declarações offensivas á Faculdade de Medicina e que pode acarretar-lhe grave desprestigio e serios prejuizos moraes e materiaes, determino que autuada esta portaria, o Senhor Doutor Secretario intime o referido professor a se defender dentro do prazo de vinte dias, proseguindo-se após, o processo summario, constante do paragrapho segundo o artigo setenta e seis do Regimento Interno ⁷⁸.

Em resposta à Portaria do diretor, Souza-Araújo alegou nos *Archivos Paranaenses de Medicina* que não devia explicações ao Conselho, tendo em vista que não era professor. Entretanto, disse que a única campanha que fez foi contra os médicos que exerciam as suas atividades ilegalmente no Brasil por tratar-se de estrangeiros com a validação feita de forma incorreta. Alegou também que a única alusão que fez à Faculdade de Medicina foi que alguns

⁷⁷ Noticiario. In: *Archivos Paranaenses de Medicina*. Curytiba, Anno I, n. 7, novembro, 1920.

⁷⁸ A questão com a faculdade de Medicina do Paraná. In: *Archivos Paranaenses de Medicina*. Curytiba, Anno I, n. 12, abril, 1921. p. 386. (Portaria publicada na íntegra.)

estrangeiros estavam conseguindo a validação com títulos honoríficos sem o diploma acadêmico para exercer a profissão. Quanto à campanha nos jornais cariocas difamando a Faculdade, Souza-Araújo diz que não teve envolvimento nenhum, especialmente quanto ao repasse de informações. E terminou a sua defesa da seguinte forma:

Seja qual fôr a solução final deste caso, eu me honro e me felicito por ter sido o iniciador de uma campanha de real utilidade ao Ensino Superior e á Saude Publica do nosso Paiz, e cujas providencias serão extensivas a todas as escolas nas condições desta Faculdade e a todos os Estados da Federação⁷⁹.

Os alunos da Faculdade de Medicina do Paraná não deixaram por menos essa ofensa, que foi considerada uma traição pelos estudantes, os quais divulgaram um panfleto em que expunham os seguintes dizeres:

O Heraclides Souza Araujo é o homem dos contrastes: tem muito pedantismo e muita pretensão mas não tem nenhum valor. Pensa que é um sabio e é um paspalhão. Suppõe-se elegante e a sua figura é ridiculamente caricata. Podemos definil-o: 'Um palhaço da sciencia sem ter cabeça para guardar tanta pretensão'.

Mas o Heraclides ainda é mais alguma cousa: é traidor, é um degenerado. Judas trahiu e enforcou-se numa figueira. O Heraclides deveria ter-se enforcado num pinheiro. Mas não o fez. Morreu com as patadas que deu na gamella da comida.

E por isso

Heraclides de Araujo.
Esse tolo sabichão.
D' ora avante, ficou sujo.
Com toda a população.⁸⁰

A defesa de Souza-Araújo foi entregue para o Dr. Victor Amaral que a levou a uma reunião para expor o seu conteúdo e para levá-lo ao conhecimento dos outros lentes da Instituição. Surgiram então duas frentes: os que não tinham se convencido das explicações do referido médico e aqueles

⁷⁹ A questão com a faculdade de Medicina do Paraná. In: *Archivos Paranaenses de Medicina*. Curitiba, Anno I, n. 12, abril, 1921. p. 390.

⁸⁰ Acervo da Casa de Oswaldo Cruz, Departamento de Arquivo e Documentação – Documento SA/DP/19371010, Fundo Heraclides César de Souza-Araújo.

que o defendiam ainda para que se tornasse lente da Faculdade. Após longo debate conduzido pelo professor Dr. João Candido Ferreira, o processo foi arquivado, por ficar comprovado que o Dr. Souza-Araújo não fazia parte do corpo docente da Faculdade ⁸¹.

Para os companheiros de revista *Archivos Paranaense de Medicina*, seus amigos e discípulos, Heraclídes fez muito pelo Paraná. Em sua transferência para o Pará os editores fizeram uma homenagem na revista ao mestre demonstrando a sua importância para o avanço sanitário no Paraná, bem como as grandes obras e projetos que deixou em andamento e concluíram indagando:

Teria sido compreendido?
Receberia o premio do seus esforços?
Pouco importa. Procurou, sempre, cumprir o seu dever. E, que mais pode aspirar um homem publico, do que estar tranquillo com a sua consciencia? ⁸²

1.4 A CIÊNCIA BRASILEIRA NO CONTEXTO DE SOUZA-ARAÚJO

No período pesquisado, a ciência “fervilhava” com a busca incessante pelo progresso. Em São Paulo e no Rio de Janeiro, institutos como o Butantã e o Instituto Oswaldo Cruz se consolidavam. Ambos estavam intimamente ligados à medicina europeia, mas dando características tropicais às pesquisas.

Entretanto, para que se atingisse um nível de excelência, os laboratórios tiveram de passar por aprimoramentos que se iniciaram em finais do século XIX, com a ida de vários médicos brasileiros para institutos europeus,

⁸¹ A questão com a faculdade de Medicina do Paraná. In: *Archivos Paranaenses de Medicina*. Curitiba, Anno I, n. 12, abril, 1921. p. 391.

⁸² Dr. H. C. de Souza Araujo. In: *Archivos Paranaenses de Medicina*. Curitiba: Anno I, n. 9, janeiro de 1921, p. 382.

principalmente para o Instituto Pasteur, considerado o melhor centro de pesquisa da Europa.⁸³

Segundo Schwartzman,

O resultado foi o surgimento no Brasil de uma 'escola' de medicina experimental do mesmo nível das melhores da Europa. No Instituto Oswaldo Cruz cruzaram-se duas tradições, a francesa e a alemã, e um grande empenho em resgatar o Brasil do estigma da inviabilidade provocado pela sua condição tropical⁸⁴.

O Brasil neste período era visto com muito preconceito pelos demais países, sendo considerados por muitos como um lugar atrasado, que sofria com as consequências de ser um país tropical, o que, para eles, acabava degenerando o brasileiro.

Em contrapartida, esta nova geração de médicos implementou

o programa da nova ciência [e] tiveram de lutar em duas frentes: numa, para obter o reconhecimento das instituições hegemônicas no cenário internacional; na outra, para conquistar lugar e legitimidade para esse programa no cenário interno, ainda dominado por paradigmas que conferiam grande força de inércia às instituições, mentalidades e práticas sociais⁸⁵.

Com o advento da medicina experimental, muitas doenças conseguiram ser controladas pelos homens da ciência, como a febre amarela, malária, ancilostomose, dentre outras, que foram sendo aos poucos devidamente medicadas. Cada vez mais a medicina tradicional, aquela do médico teórico, de gabinete, acabou perdendo espaço entre os jovens médicos. Eles queriam colocar “a mão na massa”, investigar as causas e profilaxias das doenças,

⁸³ BRITTO, Nara. *Oswaldo Cruz: a construção de um mito na ciência brasileira*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006.

⁸⁴ SCHWARTZMAN, Simon. *Formação da comunidade científica no Brasil*. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1979. p. 133.

⁸⁵ BENCHIMOL, Jaime Larry. Febre Amarela e a Instituição da Microbiologia no Brasil. In: ARMUS, Diego; HOCHMAN, Gilberto. (orgs.) *Cuidar, Controlar, Curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2004. p. 59.

descobrir o que ainda estava encoberto e assim, gravar o seu nome na história da ciência.

Muitas horas de estudo eram convertidas em experiências, sempre buscando desenvolvimento científico e o progresso para os locais que necessitavam. Neste período, muitos livros e compêndios surgiram, sempre demonstrando detalhadamente as ações necessárias para os casos de malária, lepra, sífilis, etc. Estes livros geralmente eram ricos em detalhes, com fotos, mapas, plantas e esquemas em que “ilustravam” as doenças.

Souza-Araújo publicou cerca de nove livros durante toda a sua carreira médica como *Granuloma Venéreo* (1917), *Prophylaxia Rural no Paraná* (1919), *Lazarópolis do Prata* (1924), dentre outros, além de incontáveis artigos, sempre provenientes de suas experiências dentro e fora dos laboratórios. Muitos deles ricos em imagens e mapas, ilustrando muito bem o estado sanitário das localidades estudadas.

Entretanto, Souza-Araújo era campeão de publicações em periódicos não acadêmicos. Qualquer ação de que participava, sempre merecia uma nota na imprensa. Sua imagem era conhecida, especialmente no Paraná, pois, seu irmão Hildebrando era dono de um dos jornais de maior circulação no Estado, o *Diário da Tarde* e nele o médico sempre escrevia reportagens sobre a situação da saúde no país. As suas participações com notícias ligadas à saúde eram quase que diárias. Homenagens ao Dr. Souza-Araújo eram relatadas em inúmeras cidades.

Isto é um fator que certamente impulsionou na promoção do médico. Tendo um órgão de imprensa em suas mãos, ele já tinha um passo à frente dos demais médicos. O poder de Souza-Araújo diante da população comum, como Chefe do Serviço de Profilaxia, aumentava, pois quase todos os dias, havia alguma referência a ele, especialmente aquelas ligadas às ações de prevenção.

Essa também era uma das formas utilizadas pelos médicos-cientistas, como Souza-Araújo, para a divulgação de suas pesquisas. Segundo Dominichi Sá,

a imprensa noticiava as novas descobertas científicas, as viagens dos cientistas ao exterior, a presença de cientistas estrangeiros no país, suas biografias, perfis e obituários, e ainda costumava realizar entrevistas e reproduzir as palestras, as aulas e os discursos proferidos nas mais prestigiadas instituições da época. E tudo isto graças à importância então conotada à ciência no processo de modernização e civilização do país ⁸⁶.

Um bom exemplo disto está na reportagem feita sobre a formatura do Curso de Aplicação do Instituto Oswaldo Cruz. Por se tratar de um caderno de recortes, infelizmente não foi possível identificar o jornal, apenas o título da reportagem *O encerramento do curso de bacteriologia, parasitologia, e protozoologia do Instituto Oswaldo Cruz*, mas podemos ter uma visão de como a papel da ciência tinha um destaque dentro da sociedade:

Muita gente ignora o que se faz, refaz e desfaz nos retirados e silenciosos laboratorios daquelle nosso instituto.

Levantado propositalmente num retiro da cidade, fôra do rumor inconveniente da vida cotidiana, [?] como que procura pudicamente occultar todo o enorme prestigio scientifico de que gosa no mundo medico.

Ninguem ignora, entretanto, que é ali que nossos jovens medicos e academicos vão satisfazer á saciedade ás suas legitimas curiosidades de prescrutadores [sic] da vida, em todos os seus segredos, bio-physicos-chimicos.

O curso do Instituto não é outra cousa, não tem outro fim. Felizmente, é modelar no ponto de vista a que se propõe. Tão modelar que conseguiu, como toda a gente sabe, na Exposição Internacional de Hygiene em Berlim, o primeiro premio. [...]

O que ali se ouve e, principalmente, se vê, examina, observa e experimenta é, afinal, a propria evidencia scientifica com toda a sua estranha fascinação ⁸⁷.

Dentro deste contexto, muitos foram os “encontros” de Souza-Araújo com outros cientistas, alguns de renome internacional. Tornou-se companheiro de Adolpho Lutz, Alexander Fleming, Vital Brazil, dentre outros. No entanto, sua mais forte duradoura ligação aconteceu com Carlos Chagas, do qual se tornou amigo íntimo.

⁸⁶ SÁ, Dominichi Miranda de. *A ciência como profissão: médicos, bacharéis e cientistas no Brasil (1895-1935)*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006. p. 17.

⁸⁷ Acervo da Casa de Oswaldo Cruz, Departamento de Arquivo e Documentação – Documento SA/DP/19371010 (caderno de recortes de jornais), Fundo Heraclides César de Souza-Araújo.

Chagas foi um dos responsáveis pela inserção da medicina nos rincões brasileiros e o responsável pela indicação de Souza-Araújo para desenvolver atividades no Paraná, especialmente no desenvolvimento do Serviço de Profilaxia Rural do Estado.

O trabalho em conjunto persistiu por muitos anos, inclusive com pedidos de auxílio financeiro. Em 1930, por exemplo, Souza-Araújo escreveu uma carta a Carlos Chagas pedindo ajuda financeira para dar continuidade a sua pesquisa e estudos, depois de uma breve investida como administrador em São Paulo:

[...] A indústria de madeiras está, em consequencia da crise do café, paralyzada. Pedi por isso ao Hildebrando que mande um outro gerente tomar conta da sua firma, afim de eu poder regressar definitivamente para o Rio.

O meu futuro está na medicina experimental auxiliada com a clinica. Com a experiencia daqui cresceu meu optimismo na cura da lepra incipiente e moderadamente avançada. Mesmo fazendo como faço aqui, cobrando apenas de um terço dos doentes que me procuram, a renda do consultorio dará para manter um pequeno centro de estudo de therapeutica e clinica da lepra, e onde possa colher bom material para os estudos de biologia da doença, tão bem iniciados em Manguinhos. [...]

Mas, antes de o fazer, preciso completar a minha educação dermatologica seguindo o curso 'post-graduate' na 'London School of Dermatology' [...] pela qual até hoje nenhum brasileiro se diplomou. [...]

Como desses estudos o Instituto lucrará também, consulto-lhe si o senhor me permite ir em comissão, isto é, apenas com os vencimentos, reassumindo eu o meu cargo alguns dias antes do embarque. Ouso solicitar-lhe essa permissão, que é ao mesmo tempo uma fineza, porque no momento actual o custeio dessa viagem de estudos, exclusivamente á minha expensa, é encargo excessivo para mim.⁸⁸

Apesar dessa proximidade com Chagas, da qual Souza-Araújo provavelmente tirou muitas inspirações, ele foi um homem de muitos contatos, um verdadeiro personagem público. Caracterizado por momentos polêmicos ou visto como um salvador dos marginalizados, ora prestigiado politicamente, ora criticado por seus pares, o famoso médico paranaense ocupou posição de destaque no campo médico-científico nacional.

⁸⁸ Acervo da Casa de Oswaldo Cruz, Departamento de Arquivo e Documentação – Documento SA/COR/19300204, Fundo Heraclides César de Souza-Araújo.

Esse panorama de sua trajetória profissional inicial nos permitiu entender um pouco melhor o contexto da época em que Souza-Araújo adentrou o campo médico-científico nacional. A partir de seus primeiros estudos observamos como ocorreu a sua formação, conhecemos alguns dos seus colegas, pudemos observar as influências que ele sofreu e seu papel dentro do campo médico-científico.

Com isto, algumas de suas ações na primeira fase de sua atuação foram demonstradas. A partir daqui poderemos notar a sua formação toda voltada para o sanitarismo, o que o tornou o mentor de numerosas ações como os Serviços de Profilaxia Rural no Paraná e no Pará e as viagens científicas, as quais serão tratadas detalhadamente no próximo capítulo.

CAPÍTULO 2

O saneamento nos primeiros anos de atuação de Souza-Araújo

2.1A “ERA DO SANEAMENTO”: A CHEGADA DA CIVILIZAÇÃO

O termo “Era do Saneamento” foi elaborado por Gilberto Hochman e possui dois sentidos:

primeiro, é o período da história brasileira [...], iniciado na década de 1910 e encerrado com o crepúsculo da Primeira República. Trata-se de um período de crescimento de uma consciência entre as elites em relação aos graves problemas sanitários do país e de um sentimento geral de que o Estado nacional deveria assumir mais a responsabilidade pela saúde da população e salubridade do território. [...] Num segundo significado, a era do saneamento é [...] habitada por inúmeros atores, que gravitam em torno da questão sanitária, como os círculos médicos, científicos e profissionais, funcionários dos serviços sanitários e intelectuais em geral. Em conjunto, esses personagens são capazes de transformar os efeitos externos da doença em consciência da interdependência social, difundindo socialmente o caráter público da doença e um diagnóstico sobre as condições sanitárias do país ⁸⁹.

Na década de 1910, contexto das primeiras ações ligadas ao saneamento no Brasil, imperava o sentimento nacionalista. Primeiro, de maneira ufanista, exaltando o amor à pátria e as raças que compunham o Brasil. Logo após a Primeira Guerra Mundial e o intenso fluxo de imigrantes, o nacionalismo passou a debater sobre a organização da nação pelo Estado. Isso acarretou no aumento da importância dos serviços de saúde e controle sanitário ⁹⁰.

Os primeiros locais a serem saneados no país foram as cidades de grande porte, pois, com maiores oportunidades de emprego em fins do século XIX, muitos imigrantes estrangeiros, além de muitos moradores do interior, se

⁸⁹ In: HOCHMAN, Gilberto. *A Era do saneamento: as bases da política de saúde pública no Brasil*. 2ª Ed. São Paulo: Hucitec, 2006. p. 40; 41.

⁹⁰ OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A questão nacional na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

instalavam nestas cidades, as quais não tinham uma estrutura preparada para tão pronunciado aumento populacional ⁹¹.

Esse foi um momento de grandes obras de revitalização urbana, como no caso do Rio de Janeiro que sob o comando do prefeito Pereira Passos, teve sua paisagem central totalmente modificada.⁹² Além dessa “modernização” aos moldes europeus dos principais centros do país, outra ação importante foi realizada pelos médicos sanitaristas que viajavam ao interior do Brasil e exploravam lugares esquecidos pelas autoridades, habitados em grande parte por índios ou sertanejos.

Um dos principais movimentos que abarcava tanto saúde quanto nacionalismo foi a Liga Pró-Saneamento do Brasil, surgida em 1918. Segundo Gilberto Hochman,

a Liga Pró-Saneamento do Brasil, fundada 11/2/1918, no primeiro aniversário da morte de Oswaldo Cruz, pretendia alertar as elites políticas e intelectuais para a precariedade das condições sanitárias e obter apoio para uma ação pública efetiva de saneamento no interior do país ou, como ficou consagrado, para o *saneamento dos sertões* ⁹³.

Além disto, a Liga Pró-Saneamento possuía três bandeiras de luta: a concepção da saúde como fator do progresso; o desenvolvimento de uma teoria da higiene que se enquadrava à realidade brasileira, explicando que o desenvolvimento das nações se dava através da qualidade dos serviços sanitários e, por fim, a atribuição de atraso do país ligado à ausência de saúde e educação, recusando os motivos climáticos e raciais. Para eles, com medidas

⁹¹ MORAES, José Geraldo V. de. *Cidade e cultura urbana na Primeira República*. São Paulo: Atual, 1998.

⁹² Para saber mais sobre a chamada “orgia da picareta” ocorrida no Rio de Janeiro no começo do século, ler, entre outros CHALHOUN, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2008, 2001.

⁹³ HOCHMAN, Gilberto. *A Era do saneamento: as bases da política de saúde pública no Brasil*. 2ª Ed. São Paulo: Hucitec, 2006. p. 63.

simples de cunho higiênico aliadas à educação, o Brasil poderia alcançar um patamar de país desenvolvido ⁹⁴.

Após a instituição da Liga, ainda em 1918, sob a direção de Belisário Penna, foi criado o Serviço de Profilaxia Rural. Este órgão foi ligado à Diretoria Geral de Saúde Pública que era subordinada ao Ministério da Justiça. Entretanto, no fim de 1919, o Congresso Nacional autorizou a reforma nos serviços de saúde pública, culminando no surgimento do Departamento Nacional de Saúde Pública, que teve como diretor Carlos Chagas ⁹⁵. Neste período, poucos eram os estados que possuíam um departamento de saúde estruturado e independente, do governo nacional. O modelo de estado “independente” era São Paulo que contava com uma vasta estrutura, financiada pelos grandes fazendeiros e industriais, com políticas sanitárias referentes ao controle de doenças nos portos, devido à imigração e, também, com ações ligadas ao homem do interior, buscando aperfeiçoar a produção cafeeira ⁹⁶.

No Paraná, o Serviço de Profilaxia Rural foi instituído em 1918 com o decreto nº 779, numa administração em conjunto entre o governo federal e estadual:

O Presidente do Estado do Paraná, usando das auctorizações contidas em as leis nºs. 1718, de 31 de Março de 1917 e 1791, de 8 de Abril de 1918, decreta:

Art. 1º - Fica creado no Estado do Paraná o serviço de prophylaxia rural, visando essencialmente o combate ás grandes endemias que difficultam o trabalho nos campos e concorrem para a inferioridade orgânica do homem.

Art. 2º - A prophylaxia rural será executada de accordo com o Regulamento Sanitario Rural, nesta data expedido pelo Secretario d’Estado dos Negocios do Interior, Justiça e Instrucção Publica.

Art. 3º - O serviço de prophylaxia rural será dirigido por uma commissão do Instituto Oswaldo Cruz, de nomeação do Ministro da Justiça e Negocios Interiores, emquanto vigorar o accordo feito pelo Governo do estado com o da União, em 12 de Julho de 1918.

⁹⁴ Idem.

⁹⁵ Idem.

⁹⁶ HOCHMAN, Gilberto. *A Era do saneamento: as bases da política de saúde pública no Brasil*. 2ª Ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

Portanto, como lemos na citação acima, o objetivo principal do Serviço de Profilaxia Rural era revigorar o homem do campo, a partir do combate às epidemias e de sua instrução sobre medidas de higiene. Podemos definí-lo como um regulamento para orientar a população e em especial os médicos paranaenses.

Nesse contexto, Souza-Araújo exercia o cargo de Chefe do Serviço de Profilaxia Rural do Paraná e era o responsável pelas ações de saneamento de toda a região. Atuando segundo os preceitos sanitaristas, ele figurou como personagem central na implantação do serviço no estado. Ele foi responsável pela elaboração do Regulamento Sanitário Rural do Paraná, elaborado em 1918 que dizia o seguinte:

CAPÍTULO I

Art. 1º - O serviço de Prophylaxia Rural no Estado do Paraná tem por fim:

- a) a applicação de medidas de hygiene geral que visem melhorar as condições de habitabilidade no littoral e nos campos;
- b) a diffusão de preceitos hygienicos, individuaes e collectivos, aproveitaveis á garantia sanitaria das populações ruraes, compreendendo a propaganda escolar pelos professores publicos, para isso preparados em cursos especiaes;
- c) a prophylaxia especifica das doenças endemicas e epidemicas nas zonas ruraes do Estado e demais cidades;
- d) a applicação de medidas possiveis de engenharia necessarias ao objectivo acima visado;
- e) a diffusão, no Estado, dos medicamentos necessarios ao combate ás grandes endemias e de sôros e vaccinas destinados a prevenir o homem e os animaes contra diversas infecções.

Art. 2º - Em caso de epidemia o serviço de prophylaxia intervirá na defesa sanitaria da capital;

Art. 3º - O serviço de prophylaxia rural visará essencialmente o combate ás seguintes doenças: o impaludismo, a ancylostomose e a lepra.

Art. 4º - Serão também consideradas nas medidas de prophylaxia as febres do grupo colityphico, as dysenterias, a doença de Chagas, a variola, o trachoma, as ulceras epidemicas, as epizootias e outras doenças que apresentem character epidemico no Estado.

Art. 5º - Os trabalhos de prophylaxia rural serão realizados de accôrdo com o critério das necessidades regionaes, sendo progressivamente tratadas as zonas do Estado de elevado indice em relação ás grandes endemias, de maior valor economico e mais

⁹⁷ SOUZA-ARAÚJO. Heraclides César de. *Prophylaxia Rural no Paraná: esboço de geographia medica*. Curityba: Livraria Economica, 1919. p. 25.

densa população estando em primeiro lugar o município da Capital e logo em seguida o litoral e o Norte do Estado.

Art. 6º - As zonas saneadas ficarão sob fiscalização sanitária, afim de que possa nellas ser garantida a efficacia das medidas sanitárias de caracter permanente, já estabelecidas.

Art. 7º - Os municípios do Estado que concorrerem com a terça parte das despesas necessárias ao seu saneamento, terão preferência para o inicio do serviço de prophylaxia, de accôrdo com as determinações do artigo 5º.

Art. 8º - As medidas de prophylaxia rural serão de ordem geral, ou visarão, de modo especifico, cada uma das doenças referidas nos artigos 3º e 4º.

Art. 9º - Para a boa execução das medidas de prophylaxia sanitária, todas as empresas importantes, taes como as estradas de ferro, as companhias carboníferas e industriaes de madeira, de matte, e de outros ramos de commercio, industria e agricultura, com séde no Estado desde que funcionem com mais de 100 trabalhadores, deverão manter serviço medico permanente para os seus empregados e operarios, e fornecer trimestralmente, á directoria do Serviço de Prophylaxia, informações amplas sobre o estado sanitario das mesmas.

Art. 10º - Os medicos do serviço de Prophylaxia Rural se inncumbirão de organizar mappas da distribuição geographica das doenças, determinando o seu indice endemico para cada região do Estado, os quaes servirão de base para a imposição das medidas obrigatorias de prophylaxia e execução de outras medidas constantes deste regulamento ⁹⁸.

Com o objetivo de organizar as ações dos sanitaristas paranaenses o regulamento elaborado por Souza-Araújo previa várias medidas, como a instrução de professores sobre higiene, construção de fossas e banheiros, além da vacinação da população, algumas em conjunto com os municípios participantes.

As doenças mais comuns e endêmicas no Paraná, ou seja, persistentes por muito tempo e nas mesmas localidades, eram a lepra, a ancilostomose e o impaludismo.⁹⁹ A primeira lesionava a pele e amputava membros, além de ser contagiosa. A segunda era causada por parasitas presentes em lugares sem muita higiene, especialmente no interior do Estado, pois nas zonas rurais a situação higiênica era muito rústica. E por fim o impaludismo, que era causado por insetos presentes em áreas insalubres. Estas doenças afetavam

⁹⁸ SOUZA-ARAÚJO. Heraclides César de. *Prophylaxia Rural no Paraná: esboço de geographia medica*. Curitiba: Livraria Economica, 1919. p. 26; 27; 28.

⁹⁹ HOCHMAN, Gilberto. *A Era do saneamento: as bases da política de saúde pública no Brasil*. 2ª Ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

diretamente na produtividade do trabalhador, pois diminuía o seu ritmo de atividade. Para diminuir ou até mesmo erradicar estas doenças foi elaborado o regulamento acima transcrito.

No regulamento estão reunidas as principais recomendações dos médicos sanitaristas da época, como a difusão dos preceitos higiênicos, especialmente nas áreas rurais; a propaganda escolar; medidas de engenharia para melhorar a higiene básica; distribuição de remédios, soros e vacinas para toda a população, além da preocupação para a erradicação de doenças como a ancilostomose, lepra e impaludismo.

Para que a ação chegasse ao seu objetivo, o Estado, representado pelos médicos sanitaristas não poupou esforços. Hospitais foram construídos, pequenos postos foram organizados nas cidades do interior, a instrução era repassada por enfermeiros, farmacêuticos e médicos à população que habitava o interior, condenando inúmeras práticas habituais, como a ingestão de bebidas alcoólicas, o andar descalço, a utilização de remédios caseiros, a prostituição e promiscuidade, dentre outros ¹⁰⁰.

Apesar de todas essas preocupações dos médicos com a população e o interesse de alguns políticos para com a saúde e o desenvolvimento da população, a maioria das pessoas ainda estava abandonada.

O tom de denúncia sobre o descaso e a falta de ação do Estado nas localidades do interior era muito forte. A partir disto, os médicos sanitaristas desse período conseguiam levantar fundos e apoio para suas ações. Um dos estopins dessa mudança de atitude, multiplicando ações pelo interior brasileiro dentro do campo médico foi a declaração em 1916 do médico Miguel Pereira em que relatava a realidade médica brasileira: o Brasil seria um imenso hospital¹⁰¹.

¹⁰⁰ HOCHMAN, Gilberto. *A Era do saneamento: as bases da política de saúde pública no Brasil*. 2ª Ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

¹⁰¹ BRITTO, Nara. *Oswaldo Cruz: a construção de um mito na ciência brasileira*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006.

Segundo o renomado médico, “O progresso da nação dependia do trabalho e da produção, mas estas duas alavancas se achavam emperradas por efeito da generalização das endemias que abatiam as energias do homem produtivo” ¹⁰².

Para tanto, o médico teria o papel de substituto do Governo, influenciando diretamente nos hábitos e comportamentos da população. Seu papel seria fazer com que o povo adotasse ações de cunho higiênico para o controle das doenças. Para muitos médicos do período, era necessário participar “dessa causa sacrosanta da elevação da nossa raça, encarnada na campanha redemptora do saneamento do Brasil” ¹⁰³, e Souza-Araújo não estava deslocado desse modelo de ação, como veremos a seguir.

No comando do Serviço de Profilaxia Rural do Paraná, ele equipou postos e equipes de funcionários da saúde para combater a lepra, ancilostomose e sífilis, organizou cursos de formação higiênica para professores, construiu latrinas em casas nos vários municípios do Paraná e ajudou no controle de epidemias, como a de gripe espanhola em 1918.

Segundo Hochman:

Em agosto de 1917, perante a Sociedade de Medicina do Paraná, o médico Souza Araújo leu o relatório de sua viagem aos sertões paranaenses, a serviço do Governo estadual. Este relato se aproximava muito das observações de Penna & Neiva sobre a onipresença das endemias rurais, só que agora no norte do Paraná, área de expansão agrícola onde grassava a malária (ou impaludismo). O mais interessante dessa exposição pública é que nela se observa claramente a relação de causalidade estabelecida entre a presença da doença e a ausência do Poder Público. Para além das condições precárias de vida, da ignorância, dos fatores ambientais – como a cultura ‘anacrônica’ do arroz -, o principal fator que explicaria a situação sanitária dos sertões tanto do Paraná, como os de Goiás, seria ‘a criminosa indiferença’ das três esferas de governo em relação ao caráter endêmico da malária ¹⁰⁴.

¹⁰² BRITTO, Nara. *Oswaldo Cruz: a construção de um mito na ciência brasileira*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006. p. 23.

¹⁰³ SOUZA-ARAÚJO. Heraclides César. *A Prophylaxia Rural no Estado do Pará*. Belém: Typografia da Livraria Gillet, 1922. V. I. p. 28.

¹⁰⁴ HOCHMAN, Gilberto. *A Era do saneamento: as bases da política de saúde pública no Brasil*. 2ª Ed. São Paulo: Hucitec. p. 69; 70.

As denúncias eram uma constante nos relatórios das ações sanitárias, como podemos observar em outro trecho escrito por Souza-Araújo, no qual ele procura demonstrar a realidade dos sertanejos brasileiros:

[em] uma palhoça de 2 por 3 metros, apenas coberta, tendo armadas umas rêdes immundas, encontrei um preto leproso, ainda joven, uma mulata robusta, sua irmã solteira e que me disseram ser sua 'amásia', e seis creanças menores de 10 annos, sendo 3 filhos do leproso e 3 de sua irmã. Das seis creanças cinco estavam nuas, sentadas ao chão – terreno arenoso – tendo defronte a si uma grande cuia com mingáu de farinha que comiam com as proprias mãos. Associavam-se a ellas varios patinhos, porquinhos e cães famintos, cada qual mais prompto em metter o focinho na cuia e apanhar o seu bocado. E o leproso limitava-se a dizer: 'enxota o bicho creança... enxota...' Numa rêde, armada junto ao fogo estava uma menina de 3 annos, sobrinha do leproso, que apresentava o ventre crescido, a pelle das coxas murcha e enrugada, a face atrophada, labios distendidos e dentinhos á mostra, - choramingando sem cessar. [...] Essa casa representa um dos quadros frequentes da miséria sertaneja do nosso paiz ¹⁰⁵.

A miséria em que se encontrava a população “esquecida” era considerada um dos motivos para o atraso da nação. Na concepção dos sanitaristas, e por consequência de Souza-Araújo, recuperando o miserável doente, o Brasil teria um forte trabalhador e avançaria rumo ao progresso. A doença, portanto era tida como a principal causa do atraso brasileiro. Extirpando as doenças, levando a higiene e a educação a estas pessoas, o homem seria saudável e assim, melhor trabalhador e pai de família, construindo a nova nação brasileira.

Entretanto, Souza-Araújo também tecia críticas ao sistema de saúde em vigor. A politicagem, segundo ele, tomava conta da saúde neste contexto, e foi muito combatida pelo médico. Quando era chefe do Serviço de Profilaxia do Paraná no ano de 1918 relatou o seguinte:

Antonina tem um arremedo de hospital a que dão o nome de Santa Casa e que serve apenas de pretexto para constantes brigas políticas.

¹⁰⁵ SOUZA-ARAÚJO. Heraclides César. *A Prophylaxia Rural no Estado do Pará*. Belém: Typografia da Livraria Gillet, 1922. V. I. p. 299.

Seria desejável que os dois partidos municipais se unissem para dar combate aos mosquitos, que, em quantidade indescritível invadem todos os lares desde o começo da primavera ¹⁰⁶!

Como vimos, a chamada “era do saneamento” no Brasil caracterizou-se pela busca constante em melhorar as condições de vida da parcela mais interiorana da população, marcada historicamente pelo abandono e pela miséria. No Paraná, nosso personagem, o médico Heraclídes Souza-Araújo, destacou-se pelo engajamento às questões sanitárias, situação que levou o ao cargo de Chefe de Profilaxia Rural, sendo responsável direto pela elaboração do regulamento do Serviço de Profilaxia Rural do estado.

A seguir, faremos uma apresentação das expedições médicas que adentraram o sertão do país na busca por desbravar o território “abandonado” pelo poder público. Com isso, buscamos demonstrar a repercussão dessas viagens, bem como destacar o papel de Souza-Araújo nas mesmas.

2.2 AS EXPEDIÇÕES CIENTÍFICAS

As expedições científicas consistiram em grandes viagens para o interior do Brasil e tinham por objetivo intervir nos lugares “esquecidos” pelo poder público. As equipes iam sempre preparadas para levar assistência a quem necessitasse. “As primeiras viagens destinaram-se ao desenvolvimento de trabalhos profiláticos que acompanharam ações relacionadas às atividades exportadoras, base da economia do país” ¹⁰⁷.

Elas começaram ainda sob a supervisão de Oswaldo Cruz, em 1912 e tinham como principal meta analisar a situação em que se encontravam as regiões interioranas do Brasil. Muitas vezes em conjunto com os estados, eram observados a condição de vida dos habitantes, seus hábitos e, a partir disto

¹⁰⁶ SOUZA-ARAÚJO. Heraclídes César de. *Prophylaxia Rural no Paraná*: esboço de geographia medica. Curitiba: Livraria Economica, 1919. p. 76.

¹⁰⁷ LIMA, Nísia Trindade. *Um sertão chamado Brasil*: intelectuais e representação geográfica da identidade nacional. Rio de Janeiro: IUPERJ; Revan, 1999. p. 79.

eram elaboradas ações de intervenção e higienização correspondentes à cada localidade.

Desde o início do século XX, os chamados “sertões”, áreas do interior brasileiro, eram temas de intensa discussão nos salões das associações médicas. Nesta época, os locais “esquecidos” pelo poder público passam a ser valorizados. Sem o saneamento destas regiões, o país continuaria em situação de atraso frente às demais nações desenvolvidas.

Alguns anos depois das primeiras expedições, Souza-Araújo em conjunto com os Drs. Adolpho Lutz e Olympio da Fonseca Filho, empreenderam em 1918 a expedição que buscava analisar a região sul do continente americano. O objetivo da comissão era analisar a situação sanitária da região referente ao Uruguai, Paraguai, Argentina e dos estados brasileiros Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, que possuía intenso movimento econômico, com negócios envolvendo gado e mate, além de ser uma área que envolvia portos, fronteiras, e uma grande circulação de pessoas.

As despesas dessa expedição foram pagas pelo Governo do Estado do Paraná, custeando os medicamentos utilizados no percurso de Jupiá até Foz do Iguaçu, além das despesas do Dr. Adolpho Lutz; as despesas de Souza-Araújo foram custeadas por uma bolsa da Fundação Rockefeller¹⁰⁸ e, por fim, as despesas do Dr. Olímpio da Fonseca Filho e do auxiliar José Vasconcellos, foram pagas por um caixa particular do Instituto Oswaldo Cruz ¹⁰⁹.

Em relato de outra missão, no distrito de Jatahy, pertencente ao município de Tibagi no norte do Paraná, em 1920, Souza-Araújo nos mostra a imensa quantidade de doentes presentes no interior, o que se reproduzia por

¹⁰⁸ Instituição que surgiu em 1913 nos Estados Unidos para mapear os problemas, especialmente sanitários, dos países menos desenvolvidos socialmente. “A Fundação Rockefeller atuou no Brasil de 1916 a 1942, registrando, em relatórios periódicos, diagnósticos, ações e tendências do quadro sanitário local”. MOREIRA, Martha Cristina Nunes. A Fundação Rockefeller e a construção da identidade profissional de enfermagem no Brasil na Primeira República. In: *Hist. cienc. saude-Manguinhos*, vol.5, no.3, Rio de Janeiro, Nov. 1998/Feb. 1999.

¹⁰⁹ AUSTREGESILO, A. Questões de Higiene. In: *Archivos Paranaenses de Medicina*, Curitiba, Anno I, n. 4, agosto de 1920.

todo país. Após a análise dos exames microscópicos dos doentes, o referido médico notou o alto índice de contaminação das pessoas pelas doenças, que chegou a 97,65% numa população de 2000 pessoas.¹¹⁰ Além disto, ele demonstra o mau hábito dos índios, considerado por ele a causa das contaminações:

os índios parasitados pelo NECATOR AMERICANUS STILES, eram em porcentagem quasi dupla á dos 'portuguezes', e isto se explica pelo MODUS VIVENDI desses individuos que sobre não usarem calçado, têm contra si o máu habito de defecarem em redór de sua 'lóca', infestando dest'art todo o terreno que circunda a sua habitação¹¹¹.

Souza-Araújo, imbuído do conhecimento sanitaria criticava a forma rústica em que essa comunidade vivia. Para ele, era necessário que essa população tivesse um local próprio para fazer as necessidades, como uma fossa específica ou um banheiro e principalmente, essas pessoas deveriam estar calçadas. Ações que para nós são simples, mas na época possuíam uma grande complexidade por se tratar de mudança de hábito de uma sociedade inteira.

No litoral paranaense a ancilostomíase se destacava. Devido ao alto índice de infestação, Souza-Araújo chamava a atenção das autoridades para a situação grave em que se encontrava a população litorânea e a necessidade de se tomar uma atitude quanto a isto:

Como se vê, a situação é muito critica e reclama dos poderes publicos medidas serias de restricção deste mal. Felizmente a prophylaxia é fácil e barata e póde ser encetada, logo que o Governo disponha de fundos. Si porém a prophylaxia não for feita, pode-se considerar perdida a futura geração litorânea. Seria mais patriotico e mais acertado que os municipios interessados se oferecessem para auxiliar o Governo Estadual na execução dessas obras, comtanto que ellas fossem executadas sem mais delongas¹¹².

¹¹⁰ Acervo da Casa de Oswaldo Cruz, Departamento de Arquivo e Documentação – Documento SA/PI/TP/19202040. Série Produção Intelectual. Fundo Heraclídes César de Souza-Araújo.

¹¹¹ Acervo da Casa de Oswaldo Cruz, Departamento de Arquivo e Documentação – Documento SA/PI/TP/19202040, Fundo Heraclídes César de Souza-Araújo.

¹¹² LUTZ, Adolpho; SOUZA-ARAÚJO, Heraclídes César; FONSECA FILHO, Olympio da. Viagem scientifica no Rio Paraná e a Assuncion com volta por Buenos Aires, Montevideo e Rio Grande. In: *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, Rio de Janeiro, tomo 10, p. 104 – 173,

Nesta passagem, o médico paranaense retoma as denúncias feitas anteriormente, em que demonstra o descaso do governo para com as medidas profiláticas. Sem elas, a população continuaria “perdida”, sem poder continuar a sua missão e encontrar o progresso, ou seja, permaneceria estagnada.

E continua:

Fôra dessa época [temporada de turismo] a vida daquela gente deve ser miseravel. Diz o Dr. Sebastião Paraná, em sua apreciada Chronographia, que os habitantes da Ilha se alimentam quasi só de peixe e farinha de mandioca. Parece-nos que mesmo a farinha deve faltar a muitos delles. A situação geral é de extrema pobreza e entretanto o solo não é safaro; se fosse bem trabalhado daria mandioca, batata, canna, café, legumes e fructas. Infelizmente quasi todo o povo da nossa costa vive em um estado de semi-selvageria que causa pena e raiva. Não lhes falta estímulo, e mesmo assim nada produzem ¹¹³.

Neste trecho, Souza-Araújo procura demonstrar que mesmo tendo condições de progredir, os pescadores não conseguiriam contornar a situação de pobreza e falta de estrutura devido ao pouco investimento em instrução e educação. Entretanto, não havia ninguém que pudesse instruí-los antes do movimento sanitário. Na opinião do esculápio, com o auxílio e intervenção do Estado, esta situação poderia mudar.

Outro ponto que se destaca nas viagens pelos rincões são os problemas relativos ao alcoolismo, considerado um fator de degeneração do trabalhador. Dentro dos chamados “venenos raciais” combatidos pela eugenia brasileira, o álcool ocupava papel de destaque. Os relatos sobre o abuso de álcool estão presentes em quase todas as publicações de relatos das expedições, mostrando a importância dada ao mesmo.

Em Porto Tibiriçá, São Paulo, Souza-Araújo nos relata o bom exemplo de uma empresa que havia proibido o uso de álcool pelos moradores. Segundo ele:

A empreza prohiibe o uso do alcool a todos os habitantes desse sympatico reduto. Esta alta medida social e econômica devia ser

fascículo 2, 1918. Disponível em: [http://memorias.ioc.fiocruz.br/pdf/Tomo10/tomo10\(f2\)_104-173.pdf](http://memorias.ioc.fiocruz.br/pdf/Tomo10/tomo10(f2)_104-173.pdf). Acesso em: 24/04/2009. p. 154.

¹¹³ SOUZA-ARAÚJO. Heraclides César. Saneamento da Ilha do Mel. In: *Archivos Paranaenses de Medicina*, Curitiba, Anno I, n. 4, agosto de 1920. p. 110.

adotada em todas as empresas rurais, porque de todos os vícios, o que maiores males produz aos nossos sertanejos é o alcoolismo ¹¹⁴.

Num momento posterior, Souza-Araújo exporia o mesmo problema devastando a população paraense. Nesse sentido, o alcoolismo acabava prejudicando o desenvolvimento da nação, pois, afetava a produtividade do trabalhador. No relato lemos: “gente improductiva no meio de uma natureza rica e de terra fertilíssima. Muitos negros trabalham na extração do ouro, cujas migalhas vêm trocar por cachaça na aldeia...” ¹¹⁵.

A cruzada contra o alcoolismo mobilizou quase todos os sanitaristas do período. Junto com as doenças parasitárias e infecto contagiosas, ele foi considerado um dos grandes males do período. As ações que mais eram utilizadas pelos médicos eram aquelas que estavam ligadas à educação da população. Todas as ações envolveram mudanças de hábitos e na forma de viver da população do interior.

Sob essa perspectiva, podemos ressaltar o importante papel desempenhado pelas expedições científicas na ampliação do conhecimento sobre as populações interioranas do país e as doenças que as assolavam. Assumindo papel de destaque nesse campo de atuação, Souza-Araújo viajou longas distâncias e contribuiu com a sua visão sobre a preocupante realidade nacional.

A seguir, discutiremos a forma pela qual os médicos sanitaristas combateram as mazelas nacionais, dando especial enfoque ao posicionamento de Heraclides Souza-Araújo nessas questões.

¹¹⁴ LUTZ, Adolpho; SOUZA-ARAÚJO, Heraclides César; FONSECA FILHO, Olympio da. Viagem científica no Rio Paraná e a Assuncion com volta por Buenos Aires, Montevideo e Rio Grande. In: *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, Rio de Janeiro, tomo 10, p. 104 – 173, fascículo 2, 1918. Disponível em: [http://memorias.ioc.fiocruz.br/pdf/Tomo10/tomo10\(f2\)_104-173.pdf](http://memorias.ioc.fiocruz.br/pdf/Tomo10/tomo10(f2)_104-173.pdf). Acesso em: 24/04/2009. p. 130. Parte do relatório escrita por Souza-Araújo.

¹¹⁵ SOUZA-ARAÚJO. Heraclides César. *A Prophylaxia Rural no Estado do Pará*. Belém: Typografia da Livraria Gillet, 1922. V. I. p. 304.

2.3 A PROFILAXIA DE UMA NAÇÃO: A EDUCAÇÃO DA POPULAÇÃO

Moral, higiene e educação. Esta foi a fórmula encontrada pelos médicos do período para propagar as suas ações profiláticas. O objetivo era educar e moralizar a população, com especial olhar para a higiene e os bons hábitos.

A população residente no interior do Brasil, neste período, era tida por muitos médicos sanitaristas como degenerados, entregues aos vícios, improdutivos, preguiçosos e doentes. Portanto, a cura da nação, estaria nas mãos desses mesmos médicos, responsáveis por ações higiênicas e educacionais “redentoras”.

No discurso de inauguração das atividades no Serviço de Profilaxia Rural do Pará em 1922, Souza-Araújo apresentaria o indispensável papel do guarda sanitário:

referiu-se ainda, muito longamente ao papel importante do guarda sanitario que requer ser um cidadão polido e cortez, de forma a fazer sympathias e não animosidades, vencendo ainda pela intelligencia, extremada paciencia e dedicação ‘a rebeldia mal educada’ dos que ainda não estejam sufficientemente aparelhados para receber as medidas adoptadas ¹¹⁶.

Isto se dava porque numerosos habitantes resistiam aos preceitos higiênicos divulgados pela “nova medicina”, pois, muitas vezes estavam ligados a outras formas populares de cura, como benzedadeiras, práticos e farmacêuticos. Para os médicos, essas pessoas se negavam a se adaptar à modernidade.

Segundo Souza-Araújo, o guarda deveria possuir papel cortês e paciente, pois muitos “rebeldes” agiam de forma pouco respeitosa e às vezes até violenta:

Toda a gente é mais ou menos infensa a submeter-se a um tratamento medico serio, sobretudo quando a doença não faz soffrer muito, e o povo, a classe baixa, sobretudo o sertanejo sem educação e sem illustração, é ainda mais difficil de se deixar convencer da necessidade de certas medidas therapeuticas ou hygienicas. Por tudo isso em se tratando de prophylaxia rural, o melhor methodo é aquelle

¹¹⁶ SOUZA-ARAÚJO. Heraclides César. *A Prophylaxia Rural no Estado do Pará*. Belém: Typografia da Livraria Gillet, 1922. V. I. p. 27.

que aproxima a auctoridade sanitária do povo, em seu 'habitat', e que leva o remedio para aquelles que se encontram atacados das varias endemias que infestam as terras brasileiras, incapacitando as suas populações littoraneas ou sertanejas ¹¹⁷.

Muitos habitantes eram contrários às ações sanitárias, pois, os médicos tinham a intenção de transformar quase que por completo seus hábitos. Uma forma menos ofensiva encontrada pelos sanitaristas foi a educação por meio de publicações populares.

Um exemplo interessante das ações profiláticas foi a que ocorreu durante o combate a epidemia de gripe espanhola em 1918, que contagiou inúmeras pessoas em todo o mundo. Segundo Liane Bertucci,

A gripe de 1918 suscitou diferentes opiniões quanto a possíveis tratamentos (todos paliativos, como em toda gripe) que eram apresentados à população com reserva pelos médicos, mas que desencadearam uma avalanche de propagandas de produtos medicamentosos anunciados como indicados para impedir a doença, minimizar seus efeitos e curar os gripados ¹¹⁸.

Muitas foram as conferências, propagandas e panfletos distribuídos nas campanhas contra a gripe que Souza-Araújo coordenou. Em relatório publicado no livro *Prophylaxia Rural no Paraná*, Souza-Araújo conta que

Nos dias 30 e 31 de Outubro [1918] fizemos publicar em todos os jornaes avisos á população desta capital, aconselhando os meios de evitar o contagio, e, em caso de aquisição da grippe o meio mais pratico de orientar a sua cura e evitar as suas complicações e maior disseminação ¹¹⁹.

Estes avisos continham alertas à respeito de como proceder se a doença chegasse às casas dos leitores e a condenação da procura por meios alternativos de cura. Neste contexto de epidemia, quando as pessoas procuram

¹¹⁷ SOUZA-ARAÚJO. Heraclides César de. *Prophylaxia Rural no Paraná*: esboço de geographia medica. Curitiba: Livraria Economica, 1919. p. 130.

¹¹⁸ BERTUCCI, Liane Maria. Ciências da cura: debates, embates, educação popular no final dos anos 1910. In: *Esboços*: revista do programa de pós-graduação em história da UFSC, Florianópolis, v. 16, n. 16, 2006. p. 77.

¹¹⁹ SOUZA-ARAÚJO. Heraclides César de. *Prophylaxia Rural no Paraná*: esboço de geographia medica. Curitiba: Livraria Economica, 1919. p. 118.

por incontáveis recursos, um fato polêmico que sempre rondava as questões médicas perturbou Souza-Araújo: o curandeirismo.

A partir do relatório do Dr. Alvaro Lobo, inspetor de profilaxia de Tomazina no Paraná, Souza-Araújo relatou o seguinte quanto às práticas dos curandeiros (grifos nossos):

Não só a gripe victimou enormemente a população sertaneja, também os **curandeiros** e **raizeiros**, bem como praticos de pharmacia audaciosos e incompetentes augmentaram extraordinariamente o coefferiente de mortalidade, chegando a sua imbecilidade muita vez ás raias do assassinio puro e frio ¹²⁰.

Alguns destes “curandeiros” tinham conhecimento do que estavam fazendo, porém muitos se aproveitavam da situação e se passavam por experientes curadores, o que acabava ocasionando na perda de incontáveis vidas. Este debate entre curandeirismo e medicina estava presente na academia médica desde o século XVIII e XIX, quando a medicina foi se profissionalizando cada vez mais ¹²¹.

As conferências foram um recurso valioso também, pois numa linguagem simples, as informações eram repassadas:

As conferencias têm dado resultado animador, a avaliar pelo interesse que despertam nos innumerous assistentes que, facilmente, logram reunir. Assim, os medicos da Commissão, em repetidas palestras, dizem, usando uma linguagem simples, ao alcance da assistencia – em sua grande maioria composta de gente sem a menor instrucção – o que vae de mal para o individuo vivendo em condições precarias de hygiene, ao mesmo tempo que, praticamente, fazem demonstrações com o microscopio, com plantas muraes, com projecções luminosas, procurando gravar entre os seus ouvintes os perigos que os cercam e as delicias de uma vida sadia ¹²².

O aprofundamento das informações e o reforço a importância das medidas profiláticas vinham através de folhetos. “A distribuição de folhetos, com um resumo explicativo das doenças ruraes, os meios de evital-as, seu

¹²⁰ Idem. p. 125; 126 [grifos do autor].

¹²¹ SAMPAIO, Gabriela dos Reis. *Nas trincheiras da cura: as diferentes medicinas no Rio de Janeiro imperial*. Campinas: Unicamp, 2005.

¹²² SOUZA-ARAÚJO. Heraclides César de. *Prophylaxia Rural no Paraná: esboço de geographia medica*. Curitiba: Livraria Economica, 1919. p. 157.

tratamento, as leis que regem a sua prophylaxia, etc., é feita em grande quantidade” ¹²³.

Outro recurso utilizado para a instrução da população quanto aos preceitos higiênicos era o seu ensino nas escolas. Por isso, Souza-Araújo também apoiou ações ligadas à educação no Paraná. Em 1920, a convite do Inspetor Geral de Ensino do Paraná, Cezar Prieto Martinez, Souza-Araújo instituiu um curso de higiene destinado aos professores:

A convite do Sr. Professor Cezar Prieto Martinez, digno inspector geral do Estado do Paraná, e com a aprovação e prestigio do governo do Estado, o Sr. Dr. Heraclides Cesar de Souza Araujo, chefe do Setor de Prophylaxia Rural e redactor-chefe desta Revista, creou um curso elementar de Hygiene, destinado aos professores publicos do Paraná, tendo se realizado a aula inaugural, no dia 15 deste mez, ás 18 horas, no salão nobre do Gymnasio Paranaense ¹²⁴.

O curso contou com a participação do Dr. Vital Brazil, ilustre sanitaria da época. Em sua palestra, ele dissertou sobre os temas “Noções geraes sobre hygiene. Importancia do saneamento do Brazil. Ophidismo” ¹²⁵.

Na abertura da palestra, o Dr. Marins Camurgo, Secretário Geral do Estado, discursou,

salientando a inadiavel necessidade de se diffundirem na mais larga escala conhecimentos elementares de hygiene, preparando-se desse modo nosso povo para conhecer o perigo das moléstias e assim poder evital-o. O Dr. Marins referiu-se com entusiasmo á obra de saneamento que está sendo levada a effeito em nosso Estado, e demonstrou mais uma vez como se empenha o governo pelo seu proseguimento. Concluindo, estimulou os professores publicos a se interessarem o mais possivel pelos assumptos de hygiene geral, que lhes seriam desvendados nesse curso, ficando deste modo habilitados a propagarem as boas idéas entre os seus discipulos ¹²⁶.

Uma das formas mais fáceis de atingir os jovens nesta época era instruindo os professores das escolas públicas. Como nos mostra a citação

¹²³ Idem.

¹²⁴ SOUZA-ARAÚJO. Heraclides César. Noticiário. In: *Archivos Paranaenses de Medicina*, Curitiba, Anno I, n. 5, setembro de 1920. p. 144.

¹²⁵ SOUZA-ARAÚJO. Heraclides César. Noticiário. In: *Archivos Paranaenses de Medicina*, Curitiba, Anno I, n. 5, setembro de 1920. p. 144.. Ofidismo: engloba o estudo dos venenos das serpentes.

¹²⁶ Idem. p. 145.

acima, eles poderiam tanto ajudar na profilaxia quanto ensinando a melhor forma de se evitar as moléstias.

O curso para os professores públicos do Paraná possuía o seguinte programa ¹²⁷:

Primeira Parte	
Dr. Vital Brazil	Noções gerais sobre higiene, importância do saneamento do Brasil e ofidismo
Dr. H. Araújo	Microorganismos patogênicos em geral, infecção, as defesas do organismo, pontos de penetração do agente infeccioso, evolução e especificidade das infecções, vacinação e soroterapia
Dr. H. Araújo	Doenças contagiosas em geral, meios de contágio, transmissores animais de moléstias: mosquitos, barbeiros, pulgas, piolhos, etc
Dr. Leal	Ectoparasitos, noções gerais sobre a escabiose, a pediculose, as tinhas, a sua profilaxia
Dr. H. Araújo	Verminoses intestinais, noções teórico-práticas sobre a ancilostomose, a ascaridíase e sua profilaxia
Dr. Medeiros	Febres eruptivas, noções gerais sobre a escarlatina, o sarampo e o grupo variólico, sua profilaxia e vacinação anti-rábica
Drs. Leonidas Ferreira, Medeiros e Leal	Tracoma, raiva e moléstia Heine-Medin, noções gerais e sua profilaxia, vacinação anti-rábica
Dr. Leal	Infecções tíficas e paratíficas, disenterias, noções teórico-práticas e sua profilaxia
Dr. Medeiros	Difteria, tétano e meningite cérebro-espinhal, noções teórico-práticas e sua profilaxia
Dr. Medeiros	Tuberculose, noções teórico-práticas e sua profilaxia
Dr. H. Araújo	Lepra, noções teórico-práticas e sua profilaxia
Dr. Leal	Epizootias transmissíveis ao homem, peste, mormo e carbúnculo, noções teórico-práticas e sua profilaxia
Dr. H. Araújo	Impaludismo, noções teórico-práticas sobre os diversos parasitas, doença de Chagas e leishmaniose e sua profilaxia
Dr. Sebastião Azevedo	Doenças venéreas: sífilis, blenorragia, etc, noções gerais e sua profilaxia
Dr. Medeiros	Intoxicações: morfina e cocaína, álcool e alcoolismo, considerações médicas-sociais, profilaxia

A tabela nos permite visualizar as palestras que foram apresentadas por Araújo, reafirmando os assuntos de interesse do nosso personagem. A segunda parte do curso consistia em aulas ligada à higiene geral, higiene

¹²⁷ SOUZA-ARAÚJO. Heraclides César. Noticiário. In: *Archivos Paranaenses de Medicina*, Curitiba, Anno I, n. 5, setembro de 1920. p. 145;146.

escolar e alguns pontos de medicina social ¹²⁸. Nesta época, devido ao sanitarismo, uma das estratégias do Estado e dos médicos era utilizar a educação para regenerar a população. Eles entendiam que isso era necessário, pois somente com o conhecimento se chegaria ao progresso. Este era um princípio de todas as nações consideradas civilizadas e modernas ¹²⁹.

Simultaneamente a essas ações uma corrente de pensamento se uniu às práticas de regeneração da população: a eugenia. Segundo Vera Regina Marques, “higienistas e eugenistas ora se encontravam no serviço sanitário, ora nos serviços de inspeção escolar, ou ainda ocupando cargos nas diversas instituições da sociedade, cuja área de atuação fosse a saúde e, ou, a educação” ¹³⁰.

No Brasil a eugenia apresentou várias nuances, contudo, a corrente que a percebia como medida de higiene foi a mais profícua e numerosa. Ações que visavam a “limpeza da raça”, através de esterilizações e abortos compulsórios como no caso dos EUA ¹³¹ não tiveram, em geral, boa aceitação no país.

Várias foram as causas para essa escolha, e no nosso caso devemos ressaltar a importância de uma ciência que já possuía uma tradição dentro do universo médico científico nacional, graças a Oswaldo Cruz, com os conhecimentos sobre sanitarismo dissipados por Manguinhos. Isto sugere que a presença da Fundação Rockefeller e a chegada de teorias europeias não tiveram influência predominante, ou se tiveram, foram reelaboradas para se adequar ao universo já instituído, ou seja, às teorias disseminadas pelo Instituto Oswaldo Cruz.

Por isso, no Brasil, os médicos foram considerados como os grandes responsáveis pelo resgate do brasileiro. Para eles, o homem do interior ainda

¹²⁸ SOUZA-ARAÚJO. Heraclides César. Noticiário. In: *Archivos Paranaenses de Medicina*, Curitiba, Anno I, n. 5, setembro de 1920. p.146.

¹²⁹ MARQUES, Vera Regina Beltrão. *A medicalização da raça: médicos, educadores e discurso eugênico*. Campinas: Unicamp, 1994. p. 101.

¹³⁰ Idem. p. 110.

¹³¹ DIWAN, Pietra. *Raça Pura: uma história da eugenia no Brasil e no mundo*. São Paulo: Contexto, 2007. p. 50.

tinha saída, pois, poderia receber tratamento e ser curado, como no caso do clássico personagem de Monteiro Lobato, o Jeca Tatu¹³² ou por meio de sua educação moral e dos bons hábitos.

Dessa forma, podemos concluir que os profissionais da medicina participavam de forma ativa do debate sobre a regeneração do brasileiro. Eles seriam os atores principais nessa caminhada, intérpretes das ações higiênico-eugênicas na sociedade.

A tão almejada regeneração se daria através do saneamento, de ações higiênicas, de obras para o tratamento do esgoto, do ensino de bons hábitos morais. É possível observar esse ideal no pensamento de Heraclídes Souza-Araújo, a partir de uma passagem presente em seu livro *Profilaxia Rural no Paraná*:

Iremos abrindo aos poucos os vossos olhos e penetrando nos vossos ouvidos, e com o correr de alguns mezes vereis como a situação vae mudar, para melhor, e então vós outros, os refractarios aos modernos ensinamentos da hygiene, vos incorporareis aos nossos combatentes e nos ajudareis no desempenho da santa campanha de regeneração da nossa raça. Vereis que aos poucos estes individuos pallidos, edemaciados, barrigudos e de olhos sem brilho, de pelle côr de terra, de physionomia sem expressão, de arterias sem sangue, de cerebro sem intelligencia e de crescimento retardado, irão cada dia rareando mais e a saude voltará aos vossos lares e com ella a alegria e a felicidade ¹³³.

Nesta passagem pode-se observar o “Jeca Paranaense”, doente e improdutivo. Entretanto, com a proposta da saúde, do saneamento e do progresso, apesar de alguma resistência, era possível trazer novamente o doente à vida produtiva.

¹³² Um exemplo clássico foi a personagem criado por Monteiro Lobato, o Jeca Tatu. Ele surge com o artigo *Urupês* de 1918 como sendo um caboclo do interior de São Paulo, improdutivo, ocioso e considerado indolente, ou seja, um parasita da terra, sem solução. Com o pensamento sanitaria e ações profiláticas, esse quadro se transforma. O caboclo parasitário e indolente se torna uma pessoa sadia, trabalhadora e próspera, portanto ainda tinha solução. Diante disto, surgiu a frase “o Jeca não é assim, ele está assim”. In: LIMA, Nísia Trindade; HOCHMAN, Gilberto. “Pouca saúde e muita saúde”: sanitarismo, interpretações do país e ciências sociais. In: HOCHMAN, Gilberto; ARMUS, Diego (orgs). *Cuidar, controlar, curar*: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2004.

¹³³ SOUZA-ARAÚJO. Heraclídes César de. *A Prophylaxia Rural no Paraná*: Esboço de geographia medica. Curitiba: Livraria Economica, 1919. p. 63;64.

Nesse contexto, Souza-Araújo foi um agente restaurador da doentia e atrasada população nacional. Percorreu rincões antes nunca medicados e conheceu a miséria dos brasileiros. Aliando as teorias apreendidas nos tempos de estudo no Instituto Oswaldo Cruz, aplicou a higiene nestas regiões e procurou levar a modernidade onde, para ele, havia atraso.

No próximo capítulo adentraremos na produção de Souza-Araújo procurando demonstrar seus vínculos com os preceitos da eugenia. Analisando textos como *O problema das doenças venéreas no Brasil*, *Hospital para Luéticos* e *Questões de Higiene* discutiremos as ações e posicionamentos que nos levaram a associar a figura do célebre leprologista brasileiro com a ciência eugenista.

CAPÍTULO 3

Souza – Araújo e a eugenia implícita

3.1 Definição de eugenia e a eugenia no Brasil

Neste capítulo serão estudadas quais foram as representações dadas à teoria da eugenia no Brasil. Buscaremos demonstrar como ela foi recepcionada e interpretada pelos cientistas brasileiros na época, especialmente por Souza-Araújo.

O cientista inglês Francis Galton, considerado o pai da eugenia definiu assim a nova ciência: “La eugenesia es la ciencia que trata de todas las influencias que mejoran las cualidades innatas de una raza; también trata de aquellas que la pueden desarrollar hasta alcanzar la máxima superioridad” ¹³⁴. Seu objetivo inicial seria buscar o desenvolvimento da “raça inglesa” para a consolidação do triunfo do Império Britânico como civilização mais avançada, enquanto exemplo para as demais civilizações naquele momento.

No anseio da busca pelo progresso das mais diferentes nações, o interesse pelas origens étnicas e pelo desenvolvimento da população, as leis de seleção natural e hereditárias já existentes passam a ganhar destaque dentro de debates e artigos científicos. Obras de Charles Darwin, Gregor Mendel, Herbert Spender, Jean-Baptiste de Lamarck tornaram-se leituras obrigatórias por todos aqueles que tinham o papel de curar a nação e alcançar o progresso.

“Em termos práticos, a eugenia encorajou a administração científica e ‘racional’ da composição hereditária da espécie humana. Introduziu também ideias sociais e políticas inovadoras e potencialmente explosivas” ¹³⁵. Em alguns países europeus e em alguns estados dos Estados Unidos projetos de

¹³⁴ GALTON, Francis. *Herencia y Eugenesia*. Madrid: Alianza, 1988.p. 165.

¹³⁵ STEPAN, Nancy Leys. “*A hora da Eugenia*”: raça, gênero e nação na América Latina. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005. p. 9.

esterilização em massa e hospitais para o internamento de alcoólatras, sífilíticos, tuberculosos, leprosos e deficientes, tiveram altos investimentos. Casamentos inter-raciais foram proibidos, para evitar a geração de filhos “inadequados”. Os portadores das doenças elencadas acima eram considerados inaptos para o desenvolvimento de atividades e excluídos do convívio com a sociedade na maioria das vezes.

Contudo, no início do século XX, houve uma divisão dentro da eugenia: surgiram a eugenia positiva e a eugenia negativa. A eugenia positiva

“[...] tinha como objetivos centrais propiciar a seleção eugênica na orientação aos casamentos e estimular a procriação dos casais considerados eugenicamente aptos para tal” ¹³⁶.

Esta forma de eugenia foi a que encontrou terreno mais fértil dentro do contexto brasileiro, graças à formação dos cientistas nacionais e as tradições aqui já instaladas. Além da intervenção nos casamentos, a eugenia positiva pregava a utilização da educação na formação do cidadão, a valorização da moral e da conduta, a higiene, além de outras ações menos ofensivas. Isto veio a corroborar com as práticas já adotadas no país, além de estar em consonância com os preceitos da Igreja Católica, a qual tinha forte influência na Primeira República, dentro das questões referentes ao casamento e a moral. Nesse momento, também estavam começando a ocorrer as primeiras ações no campo sanitário, profundamente ligados à higiene, como já visto no capítulo anterior.

Já a eugenia negativa visava diminuir o número dos seres não-eugênicos, considerados improdutivos e inferiores e incluía basicamente a limitação ao casamento e procriação daqueles considerados degenerados.¹³⁷ Formas mais radicais de contraceptivos foram adotados. Abortos eugênicos

¹³⁶ MAI, Lilian Denise; ANGERAMI, Emília Luigia Sapoti. Eugenia negativa e positiva: significados e contradições. *Rev. Latino-americana de Enfermagem*, São Paulo, ano 14, n. 2, mar/abr, p. 254.

¹³⁷ GALTON, Francis. *Herencia y Eugenesia*. Madrid: Alianza, 1988.

com a função de não permitir o nascimento de seres considerados inaptos foram legalizados, além da eutanásia e infanticídio, que consistia na morte de doentes incuráveis e no “assassinato” de crianças indesejadas. Também eram práticas da eugenia negativa a segregação de pessoas de diferentes etnias, ocorrendo assim, a política contra a imigração de determinados povos como asiáticos e africanos.

A eugenia negativa foi apropriada pelos cientistas brasileiros de uma forma mais branda, pois, além da religião católica, contava com a dúvida dos próprios cientistas da época sobre as suas origens. Como condenar veementemente a miscigenação se a probabilidade de ser miscigenado era tão alta? Como houve intenso processo de miscigenação desde a colonização, a montagem de uma árvore genealógica definitiva e segura acabava sendo uma tarefa muito difícil.

Os anos 20 experimentaram uma sorte de proliferação discursiva que condenava os contágios entre pessoas de etnias diferentes como fonte de degeneração moral. [...] A depuração dos sangues ‘inferiores’ viria, no curso do tempo, tornar a população mais homogênea, alcançando-se assim, pela via natural, os ideais de igualdade e de liberdade, comprometidos pela sobrevivência da cultura negra e indígena¹³⁸.

Sendo assim, essa adaptação ideológica foi usada pelos nossos cientistas como uma solução para a “limpeza racial”, pois, depurando, a partir de cruzamentos as mais diferentes raças – processo conhecido como branqueamento -, eles formariam o verdadeiro cidadão brasileiro, tão almejado pela incipiente República.

A tarefa de ‘arianização’ da raça ficava facilitada com a vinda de estrangeiros já que a população tornar-se-ia branca, sem que, para isso, as elites corressem o risco de perder seu *pedigree*. Mesmo sendo considerados socialmente inferiores, os imigrantes contribuíram para o ‘clareamento’ dos brasileiros. O povo seria puro por seleção, o que era suficiente. [...] Essa perspectiva acerca da imigração não parece consensual entre os médicos nos anos 20¹³⁹.

¹³⁸ MARQUES, Vera Regina Beltrão. *A medicalização da raça: médicos, educadores e discurso eugênico*. Campinas: Unicamp, 1994. p. 15.

¹³⁹ Idem p. 88.

No Brasil, além dessas modalidades da eugenia, praticou-se também a “eugenia preventiva”, que consistia no ensino de ações eugênicas a partir de ações educacionais, ou seja, era a instrução da população de como evitar as doenças. Dentro desta corrente pretendia-se instruir a população a evitar o alcoolismo e as doenças venéreas¹⁴⁰. Apesar desta forma de eugenia ter se destacado em território nacional, houve cientistas seguidores das três formas de eugenia definidas pela historiografia no nosso país.

Em território brasileiro, o principal expoente ligado à defesa da eugenia enquanto solução nacional foi o médico e farmacêutico Renato Kehl. Formado em medicina no ano de 1915 pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro na mesma turma de Souza-Araújo, ele ingressou na luta pela regeneração nacional no fim da década de 1910.¹⁴¹

Autor de mais de trinta obras referentes ao tema, foi responsável técnico da indústria química alemã Bayer no Brasil. O período de atuação de Kehl pode ser dividido em duas etapas: a primeira de defensor da eugenia positiva, ligada diretamente à profilaxia, como era pregada pelos sanitaristas do período (1917-1928). A segunda etapa está ligada à radicalização da eugenia contra a imigração, e a favor de medidas de esterilização em massa (1930-1939)¹⁴².

Em meados da década de 1910 entra em cena também outro autor, Monteiro Lobato, como foi visto em uma breve passagem no capítulo anterior. A sua inserção dentro do mundo eugênico se deu a partir da publicação do texto *Urupês* em 23 de dezembro de 1914, no jornal *O Estado de São Paulo*. Neste conto surge o modelo do sertanejo brasileiro, o Jeca Tatu. O brasileiro é representado como indolente, preguiçoso, degenerado.

¹⁴⁰ STEPAN, Nancy Leys. “*A hora da Eugenia*”: raça, gênero e nação na América Latina. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005. p. 94.

¹⁴¹ STEPAN, Nancy Leys. Eugenia no Brasil: 1917-1940. In: ARMUS, Diego; HOCHMAN, Gilberto. (orgs.) *Cuidar, Controlar, Curar*: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2004.

¹⁴² DIWAN, Pietra. *Raça Pura*: uma história da eugenia no Brasil e no mundo. São Paulo: Contexto, 2007.

Entretanto com o advento do sanitarismo nesta época, o Jeca passa de degenerado para um ser doente, que necessita de assistência e, partir disto, torna-se um ser produtivo para a nação. Na companhia do farmacêutico Candido Fontoura, Lobato construiu a imagem do Jeca Tatu como o garoto-propaganda do Biotônico Fontoura (tônico regenerador e fortificante), que logo acabou tornando-se o garoto-propaganda do movimento sanitarista.¹⁴³

A eugenia encontrou terreno fértil para se desenvolver, sobretudo, em três instituições: Inicialmente, no ano de 1918, foi criada a Sociedade Eugênica de São Paulo, por Renato Kehl. Este foi considerado “o marco da institucionalização da eugenia no Brasil”¹⁴⁴. “A Sociedade Eugênica de São Paulo se propunha a estudar as leis da hereditariedade, concentrando-se em questões da evolução e descendência”¹⁴⁵. Porém, apesar de nomes considerados de peso no meio científico fazerem parte desta Sociedade, ela durou apenas um ano. Isto ocorreu devido à transferência de Renato Kehl para o Rio de Janeiro;

Em 1922 foi fundada a Liga Brasileira de Hygiene Mental (LBHM) pelo médico Gustavo Riedel. Entre suas principais ações estavam “o combate ao alcoolismo, e aos ‘vícios sociais’ (prostituição, promiscuidade), imigração, seleção e orientação profissional, matrimônios daqueles considerados degenerados”¹⁴⁶. Renato Kehl também teve participação ativa dentro desta organização;

Por fim, a Liga de Pró-Saneamento do Brasil que surgiu em 1918 e foi fundada por Belisário Penna (sogro de Renato Kehl), tinha por objetivo reconhecer e buscar a solução para os problemas sanitários que acometiam a

¹⁴³ DE LUCA, Tania Regina. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*. São Paulo: Unesp, 1998.

¹⁴⁴ KOBAYASHI, Elisabete; FARIA, Lina; CONÇEIÇÃO DA COSTA, Maria. Eugenia e Fundação Rockefeller no Brasil: a saúde como proposta de regeneração nacional. *Interface*, Porto Alegre, ano 11, n. 22, jul/dez. 2009, p. 319.

¹⁴⁵ KOBAYASHI, Elisabete; FARIA, Lina; CONÇEIÇÃO DA COSTA, Maria. Eugenia e Fundação Rockefeller no Brasil: a saúde como proposta de regeneração nacional. *Interface*, Porto Alegre, ano 11, n. 22, jul/dez. 2009, p. 320; 321.

¹⁴⁶ Idem p. 322.

população por todo território nacional. A eugenia desenvolvida pelos médicos e engenheiros participantes deste grupo estava ligada à corrente positiva, trabalhando com ações sanitárias de melhoria da qualidade de vida e educativas para a regeneração da população.

Estas organizações permearam toda a trajetória da eugenia em território brasileiro até aproximadamente a década de 1930. Muitos dos “grandes” nomes da ciência brasileira nesta época aderiram à eugenia. Como exemplo temos Oswaldo Cruz, Carlos Chagas, Edgar Roquette-Pinto, Juliano Moreira, Miguel Couto, Afrânio Peixoto, Antonio Austregésilo, dentre outros. Destes, Souza-Araújo teve contato com Oswaldo Cruz e Carlos Chagas em Manguinhos ¹⁴⁷.

No ano de 1929 ocorreu outro expressivo ato de apoio a eugenia na cidade do Rio de Janeiro, o Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia.

Ao observarmos as atas das reuniões do Congresso, nota-se o constante esforço para relacionar a eugenia exclusivamente às questões hereditárias. Entretanto, é possível encontrar assuntos ligados aos cuidados com o corpo, com a higiene individual e sexual. Outras propunham a criação de um departamento nacional de Educação Física. Os congressistas defendiam também a instalação de cursos de eugenia em todas as escolas, mais especificamente nas faculdades de medicina; a exigência de exames pré-nupciais; a intensificação da propaganda antialcoólica, já realizada pela Liga Brasileira de Higiene Mental[...]. Na ocasião houve discussões acirradas em relação à constituição racial, à imigração ¹⁴⁸.

Sempre com o objetivo de regenerar o Brasil, buscando a ordem e o progresso, os eugenistas lutavam e combatiam o descaso do governo com o interior, as doenças venéreas, dentre outros temas constantes no Congresso.

Outra questão que sempre aparecia em debates nesse contexto é a beleza física do ser humano. O feio ou o “mal formado” surge como o estranho,

¹⁴⁷ Acervo da Casa de Oswaldo Cruz, Departamento de Arquivo e Documentação – Documento SA/DP/19371010, Fundo Heraclides César de Souza-Araújo.

¹⁴⁸ KOBAYASHI, Elisabete; FARIA, Lina; CONÇEIÇÃO DA COSTA, Maria. Eugenia e Fundação Rockefeller no Brasil: a saúde como proposta de regeneração nacional. *Interface*, Porto Alegre, ano 11, n. 22, jul/dez. 2009, p. 327; 328.

uma aberração. Uma das alternativas encontrada pelos cientistas para defender a eugenia era a busca pelo belo, pela perfeição. Essa ideia foi apropriada da Grécia. Entretanto, para que isso se concretizasse seria necessária a exclusão daqueles que não se enquadravam neste hall de beleza. Pietra Diwan, parafraseando Jean-Jacques Courtine, nos diz que

o monstro só pode usufruir dos cuidados médicos e da emoção caridosa da opinião pública sob a condição de desaparecer do olhar público, ou seja, há na monstruosidade um paradoxo de compaixão pelo corpo disforme, que presidiu à elaboração da noção de deficiência ao longo do século ¹⁴⁹.

Portanto, surgiram nesta época inúmeros sanatórios, manicômios e asilos para exclusão dos inaptos à sociedade moderna.

Em conjunto a isto, retorno a citar a importância dos movimentos sanitaristas, pois, eles foram um dos principais catalisadores da eugenia em todo território brasileiro. A ênfase dada na relação entre a eugenia e o saneamento com a saúde pública, na Primeira República, foi utilizada como fator de destaque para chamar a atenção da opinião pública para o aprimoramento da raça brasileira ¹⁵⁰.

Sendo assim, a solução para boa parte dos “problemas” do povo brasileiro estariam ligadas à eugenia. Se ela obtivesse sucesso, o Brasil seria um país que encontraria o progresso e chegaria ao grupo das civilizações consideradas mais desenvolvidas.

3.2 Souza-Araújo dentro do campo eugênico

Nossa personagem, Heraclídes César de Souza-Araújo, não divulgou explicitamente em sua trajetória se era ou não eugenista, muito menos se

¹⁴⁹ DIWAN, Pietra. *Raça Pura: uma história da eugenia no Brasil e no mundo*. São Paulo: Contexto, 2007. P. 135.

¹⁵⁰ KOBAYASHI, Elisabete; FARIA, Lina; CONÇEIÇÃO DA COSTA, Maria. Eugenia e Fundação Rockefeller no Brasil: a saúde como proposta de regeneração nacional. *Interface*, Porto Alegre, ano 11, n. 22, jul/dez. 2009, p. 336.

apoiava tal ciência ou não. Entretanto, pistas foram deixadas entre uma fonte e outra e podemos observar e afirmar que ele foi, sim, um eugenista.

Além das fontes, outros fatores nos fazem acreditar nesta hipótese. O contexto analisado anteriormente, em que várias instituições estavam ligadas a esta ciência, o círculo de amizades profissionais em que se encontrava Souza-Araújo e a sua formação.

Um dos pontos iniciais, ou seja, o motivo desencadeador pode ter sido suas leituras iniciais sobre História Natural e que logo em seguida, ainda no Externato Morell, começou a ministrar aulas desta disciplina.¹⁵¹ O contato com o positivismo também pode ter sido um ponto favorável.

Souza-Araújo não foi um eugenista extremado, adepto da eugenia negativa, mas sim, voltado para a eugenia positiva e preventiva¹⁵², ou seja, ele defendia a separação de doentes infectados por moléstias contagiosas, a cura dos “sertanejos”, o casamento entre pessoas saudáveis etc. Para alguns médicos do período,

o diagnóstico de um povo doente significava que, em lugar da resignação, da condenação ao atraso eterno, seria possível recuperá-lo, por meio de ações de higiene e saneamento, fundadas no conhecimento médico e implementadas pelas autoridades públicas¹⁵³.

Portanto, para os médicos formados especialmente na década de 1910, incluindo Souza-Araújo, a recuperação da raça, a sua regeneração estaria nas mãos dos sanitaristas, responsáveis pela extirpação dos males. Eles seriam os redentores da nação brasileira.

¹⁵¹ Acervo da Casa de Oswaldo Cruz, Departamento de Arquivo e Documentação – Documento SA/DP/19371010, Fundo Heraclides César de Souza-Araújo.

¹⁵² KOBAYASHI, Elisabete; FARIA, Lina; CONÇEIÇÃO DA COSTA, Maria. Eugenia e Fundação Rockefeller no Brasil: a saúde como proposta de regeneração nacional. *Interface*, Porto Alegre, ano 11, n. 22, jul/dez. 2009, p. 314-351.

¹⁵³ LIMA, Nísia Trindade; HOCHMAN, Gilberto. “Pouca Saúde e Muita Saúva”: sanitarismo, interpretações do país e ciências sociais. In: HOCHMAN, Gilberto; ARMUS, Diego (orgs.). *Cuidar, controlar, curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2004. p. 501.

3.2.1 *Eugenia e doenças*

Desde sua formação em 1915, o jovem Heraclídes, sempre esteve presente em locais com altas incidências de doenças transmissíveis, pesquisando, entre as quais, aquela em que futuramente se especializaria: a lepra.

Inspirado por Oswaldo Cruz, Souza-Araújo era adepto do isolamento insular para leprosos e pessoas contaminadas por doenças venéreas dentro de asilos e colônias. Essa ideia era contrária ao que Adolpho Lutz pregava, por exemplo. Este acreditava que o isolamento dos doentes pouco ajudaria no tratamento dos mesmos.

No artigo publicado no jornal *A República* datado de 19 de setembro de 1916, Souza-Araújo procurou demonstrar os riscos da disseminação da lepra no território nacional. “Defesa contra a lepra”, título do artigo, mostra o objetivo maior do médico, que era a implantação de um hospital para os acometidos pela doença no Paraná ¹⁵⁴.

Em outro artigo também publicado no *A República*, só que desta vez datado de 29 de setembro de 1916, Heraclídes expõe seu projeto de regulamentação da doença no Estado do Paraná. Nele seria obrigatória a declaração compulsória dos casos de doentes pelos médicos, a

entrada de leprosos seria proibida no estado; os que se negassem ao isolamento seriam expulsos, e o estado providenciaria a segregação dos filhos sadios dos pais portadores do bacilo. Mendigos e vagabundos doentes seriam isolados à força. Já os abastados escolheriam o local de isolamento – poderia ser a própria residência – desde que respeitassem as regras de higiene” ¹⁵⁵.

Na citação acima, podemos perceber o caráter radical da proposta de Heraclídes. Segundo Andrade, neste mesmo artigo, Souza-Araújo diferencia as antigas leprosarias das modernas. Nas modernas, “idealizadas como

¹⁵⁴ ANDRADE, Marcio Magalhães de. *Capítulos da história sanitária no Brasil: a atuação profissional de Souza-Araújo entre os anos de 1910 e 1920*. Rio de Janeiro, 2011. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde - Fiocruz).

¹⁵⁵ *Idem*. p.81; 82.

colônias agrícolas onde os leprosos ‘aspirassem entrar’ e onde os válidos pudessem trabalhar na medida de suas forças” ¹⁵⁶. Já nas antigas, tinham o formato medieval, com o isolamento do mundo exterior ¹⁵⁷.

Ainda engajado na luta contra as doenças contagiantes, Heraclídes foi o responsável pela regulamentação do serviço de profilaxia venérea no Paraná. Ele foi aprovado pelo decreto 775 de 8 de outubro de 1918 e tinha como principais objetivos:

1) Criação de um dispensario central em Curityba; 2) Notificação confidencial dos casos; 3) Tratamento obrigatorio dos casos contagiantes; 4) Exame medico semanal e tratamento compulsorio das prostitutas; 5) Delicto de contaminação para as prostitutas; 6) Repressão ao proxenetismo e protecção das mulheres; 7) Identificação das prostitutas na Chefatura de Polícia; 8) Criação do carnet de saude para as prostitutas e de certificados para estabelecimento; 9) Educação sexual da Adolescencia; 10) Prophylaxia nas zonas de Subestação de estradas de ferro, etc ¹⁵⁸.

Ainda segundo Souza-Araújo, as casas de prostituição também deveriam ser fiscalizadas:

por observação, estudo e experiencia adquiri a convicção de que a vigilancia sanitaria do meretrício a uma necessidade em toda cidade de população superior a 50.000 habitantes e nas regiões de concentração de caminhos de ferro, campos de concentração de forças, nucleos coloniaes e formação, etc ¹⁵⁹.

Em outro artigo escrito para o jornal *Diário da Tarde* em 1929, com o título “Hospital para Luéticos” ¹⁶⁰, ainda na luta contra as doenças venéreas, Souza – Araújo comemorou a instalação do referido hospital na cidade de Curitiba. Durante todo o artigo ele demonstrou uma preocupação especial com

¹⁵⁶ ANDRADE, Marcio Magalhães de. *Capítulos da história sanitária no Brasil: a atuação profissional de Souza-Araújo entre os anos de 1910 e 1920*. Rio de Janeiro, 2011. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde - Fiocruz). p. 82.

¹⁵⁷ *Idem*.

¹⁵⁸ SOUZA-ARAÚJO, Heraclídes César. O problema das doenças venéreas no Brasil. *Jornal do Commercio*, 20/05/1928, p. 7.

¹⁵⁹ *Idem*.

¹⁶⁰ Aqui entenda-se luético como sífilítico.

as meretrizes e a transmissão da doença, podendo-se observar a necessidade da exclusão dos doentes, como forma de proteção dos sãos:

A acção do “Dispensário Anti-Venereo” só poderá ser eficiente tendo onde isolar, de rigôr, os casos contagiantes. Esse pavilhão de venereos da Capital poderá servir também para internamento de doentes das cidades proximas. [...] E desde já deve ficar assentado que esse hospital não se destina exclusivamente ás meretrizes, mas a todas as pessoas portadoras de doenças venereas em periodo contagiante e cuja liberdade offereça grave risco a saude publica. Serão nelle internados, naturalmente com mais frequencia, as meretrizes, os empregados domesticos e operarios de fabricas, mas poderão selo, também, pessoas de mais elevada condição social, que necessitem um tratamento [...] ¹⁶¹

Neste trecho é perceptível a preocupação com as classes emergentes do período, tidas por muitos como “classes perigosas”, pois poderiam por em risco a família, um pilar de sustentação fundamental, tanto para os eugenistas, como para os positivistas, principais influenciadores de Souza-Araújo. Segundo os mesmos, só se teria uma nação triunfante, com trabalhadores fortes e crianças saudáveis. Segundo Nancy Stepan,

Nas primeiras décadas do século XX, essa família tradicional parecia cada vez mais ameaçada, seja pela crescente presença das mulheres nos locais de trabalho, seja pelos novos costumes sexuais trazidos pela modernidade e pela imigração, pela prostituição, a prole ilegítima, os abortos ilegais e o alcoolismo que acompanharam a crescente industrialização, as migrações internas, a urbanização e a pauperização ¹⁶².

Além do mais, se os trabalhadores adoecessem, a produção industrial estaria prejudicada, tendo em vista que este período era de intensa industrialização. Se o número de doentes fosse alto, menos homens aptos ao trabalho o país teria, diminuindo assim o desenvolvimento da nação.

¹⁶¹ SOUZA-ARAÚJO. Heraclides César. Hospital para Luéticos. *Jornal da Tarde*. 18/03/1929, n. 10405, ano XXXI, p. 2.

¹⁶² STEPAN, Nancy Leys. “A hora da Eugenia”: raça, gênero e nação na América Latina. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005. p. 52.

Mas voltemos nosso olhar novamente ao nosso personagem, buscando entender sua postura frente ao contexto estudado: Souza-Araújo ficou conhecido por ser um “grande” leprologista. Para a exclusão dos doentes acometidos em época posterior à aqui pesquisada, no governo de Getúlio Vargas, ele foi o “arquiteto” de uma das maiores estruturas de internamento compulsório de leprosos do mundo. Entretanto, para chegar a este patamar, ele teve todo um percurso de estudos e debates.

Logo nas suas primeiras experiências na luta pelo isolamento dos leprosos, Souza-Araújo encontrou inúmeras críticas a esse modelo de profilaxia. O principal crítico desta teoria foi Emílio Ribas ¹⁶³. Para Ribas, não havia a necessidade de isolamento tão rigoroso dos leprosos em ilhas. Segundo ele, tal atitude ocasionaria o efeito inverso, com o aumento de casos, pois seria cada vez mais difícil de encontrar os doentes para o tratamento, a ideia de degredo causaria a fuga dos doentes.

Já para Heraclídes, era sim necessário o isolamento rigoroso de tais doentes. Segundo ele, os doentes sem condições, que não tinham lar, deveriam ser internados em colônias agrícolas (como o Lazarópolis do Prata, idealizado por ele no Pará). Os ricos poderiam permanecer em suas residências, com isolamento domiciliar, mas com o acompanhamento constante de médicos. Entretanto, fazia uma ressalva: “Na Europa onde o povo é de regra mais ou menos ilustrado, e sobretudo disciplinado, o isolamento a domicílio pode ser uma realidade; mas entre nós duvidamos muito...”¹⁶⁴.

Apesar disso, ainda acreditava mais no tratamento com o isolamento insular:

Se for possível isolar todos os leprosos em ilhas marítimas, será muito mais vantajoso, 1º porque o isolamento será mais eficiente; 2º porque as evasões serão mais difíceis; 3º porque os doentes poderão gozar, aí, de ampla liberdade; 4º porque, se se quiser fazer a profilaxia culicidiana, a título de experiências, as leprosarias em ilhas

¹⁶³ Emílio Ribas (1862-1925) foi um importante higienista que atuou em São Paulo. Por quase duas décadas foi Diretor do Serviço Sanitário de São Paulo.

¹⁶⁴ SOUZA-ARAÚJO *apud* ANDRADE, Marcio Magalhães de. *Capítulos da história sanitária no Brasil: a atuação profissional de Souza-Araújo entre os anos de 1910 e 1920*. Rio de Janeiro, 2011. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde - Fiocruz). p. 91.

prestam-se muito mais, podendo-se obstar, aí, em absoluto, a proliferação desses insetos, assim como da mosca doméstica incriminada como transmissora da lepra, por certo autores, o que não se conseguirá no continente ¹⁶⁵.

Em todas estas ações profiláticas, referentes às doenças venéreas, à lepra, enfim, qualquer doença considerada fator degenerador da sociedade Souza-Araújo seguia um aspecto eugênico central, o isolamento dos doentes.

3.2.2 *Eugenia e casamento/família*

Logo em seus primeiros anos de atuação, Souza-Araújo teve conhecimento de uma família de pessoas com vários casos de má formação genética na cidade de Guarapuava no Paraná.

Em Setembro de 1920 conheci em Guarapuava, [...] os três monstros da fotografia nº 1, filhos de Gabriel Baptista da Rocha, então com cerca de 58 anos de idade e de sua mulher Luciana Alves da Rocha, com cerca de 43 anos [...]. O casal tinha tido mais seis filhas, estas *normais*, das quais estavam vivas as quatro seguintes: Gertrudes com 19 anos, Odília com 8, Nelcinda com 3 e Rosa com 2 anos de idade, e duas falecidas: Francisca aos 44 anos [?] e Maria das Dores aos 12 anos de idade.

Dois meses depois nasceu-lhes a última filha (10º). Maria, em 20 de Novembro de 1920, esta *anormal*, com as mesmas malformações dos seus três irmãos, representados na fotografia nº 1, que são: Nº 1 – João com 16 anos, nº 2 – Manuel com 25 e nº 3 – Francisco com pouco mais de cinco anos de idade. Manuel e João conheciam rudimentos de leitura e todos três tinham mente normal. Dos filhos do casal quatro são monstros (40%) ¹⁶⁶.

Vinte anos depois de ter conhecimento do caso, Souza-Araújo buscou novas informações da família com o então prefeito da cidade, Dr. Mário P. de Camargo, com quem conseguiu nova fotografia (Figura 2). Depois de vários anos se comunicando com médicos locais, Heraclides foi até Guarapuava

¹⁶⁵ *Idem*.

¹⁶⁶ SOUZA-ARAÚJO, Heraclides César. Casuística teratológica: quatro casos de hemímelos torácicos e pelvianos duplos, numa família do Estado do Paraná. *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, Rio de Janeiro, n.45, v. 2, 1947. p. 401.

conhecê-los pessoalmente. Este contato primário foi apenas em 14 de abril de 1947. Após um amplo levantamento de informações pessoais sobre os “monstros”, um relato se sobressai aos demais. Indagando Francisco, um dos doentes, Souza-Araújo deixa “escapar” a sua opinião eugênica sobre o casamento dos “monstros”.

Vendo-o assim animado para a vida, perguntei-lhe se queria casar-se. Respondeu, sorrindo, que sim. Esta sua resposta produziu uma gostosa gargalhada nas suas irmãs. Perguntei-lhe se encontraria uma noiva sadia e bonita; respondeu que *sim*, convictamente! Aconselhei-o, então, que se casasse e que me chamasse à Guarapuava para baptizar o seu primeiro filho, se este for *normal* ¹⁶⁷.

Segundo o médico, a causa dessa má formação era desconhecida:

A origem desses casos é obscura: uns atribuem ao parentesco próximo dos seus pais, cujo grau não pude determinar. Outros afirmam que os seus pais e avós eram todos normais. A pais normais que produzem monstros, Chabry chama de *monstríparos*. Não obstante Leitão da Cunha afirma que: ‘A herança é causa excepcional da transmissão de monstruosidades’, creio que a Lei de Mendel explicará esses casos, de *osteogenese imperfeita* na proporção de 40% dos descendentes do mesmo casal ¹⁶⁸.

Citando Mendel, Souza-Araújo concluiu um estudo de caso típico dos eugenistas. A “evolução” de uma família, que teve o acompanhamento de quase vinte anos, observando o seu histórico, as variações genéticas, os descendentes. Tudo para a solução do problema da degeneração da raça. Destaca-se também a proposta de Souza-Araújo, em que batizaria a criança, se esta nascesse normal, pois se nascesse um “monstro”, possivelmente não seria bem vinda para ele.

Também nesta época,

as descrições da fealdade são parte da aposta eugenista na intervenção direta no corpo do indivíduo, intencionando criar o corpo do novo homem e o corpo da coletividade, o que se traduz nas práticas que visam identificar o indivíduo feio como sinônimo de

¹⁶⁷ *Idem*. p. 405. Grifos do autor.

¹⁶⁸ *Idem*. p. 406.

inapto ao trabalho, anormal, monstruoso, doente, degenerado e incivilizado ¹⁶⁹.

Ou seja, o fato de Heraclídes sempre apontar que a família estava situada em um lugar de difícil acesso, que a família já possuía casos da doença em ancestrais nos faz corroborar da ideia de que o feio estaria ligado ao atraso, em consequência da falta de informação e de acompanhamento médico.

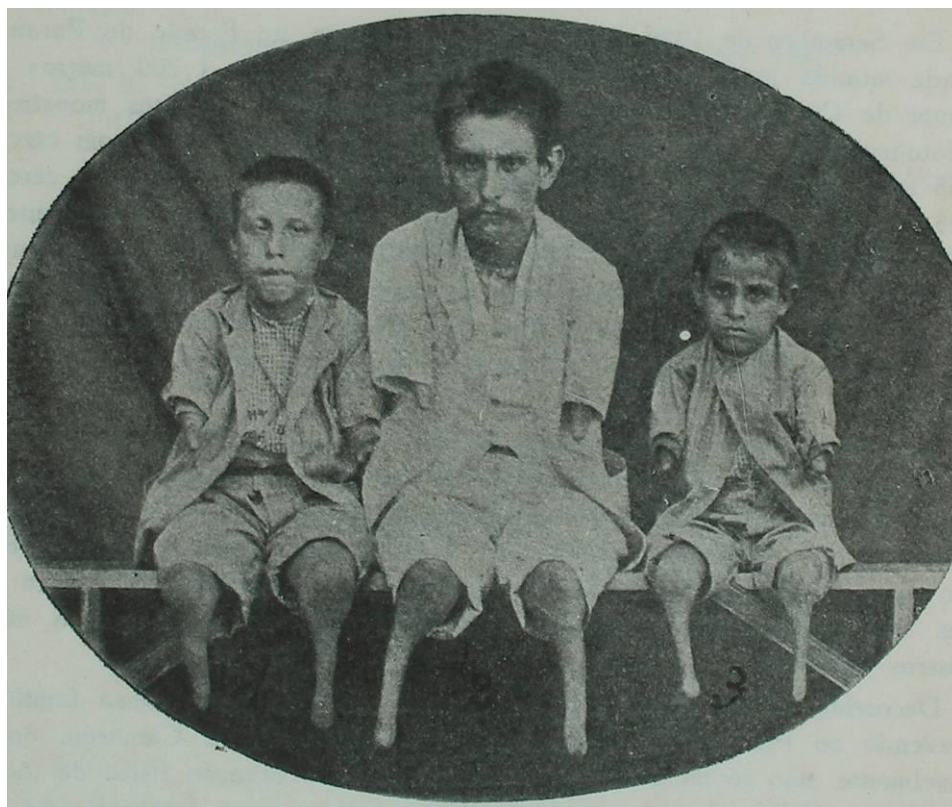


Figura 1 - Figura 2 Membros doentes da família Rocha ainda crianças

¹⁶⁹ DIWAN, Pietra. *Raça Pura: uma história da eugenia no Brasil e no mundo*. São Paulo: Contexto, 2007. p. 138.

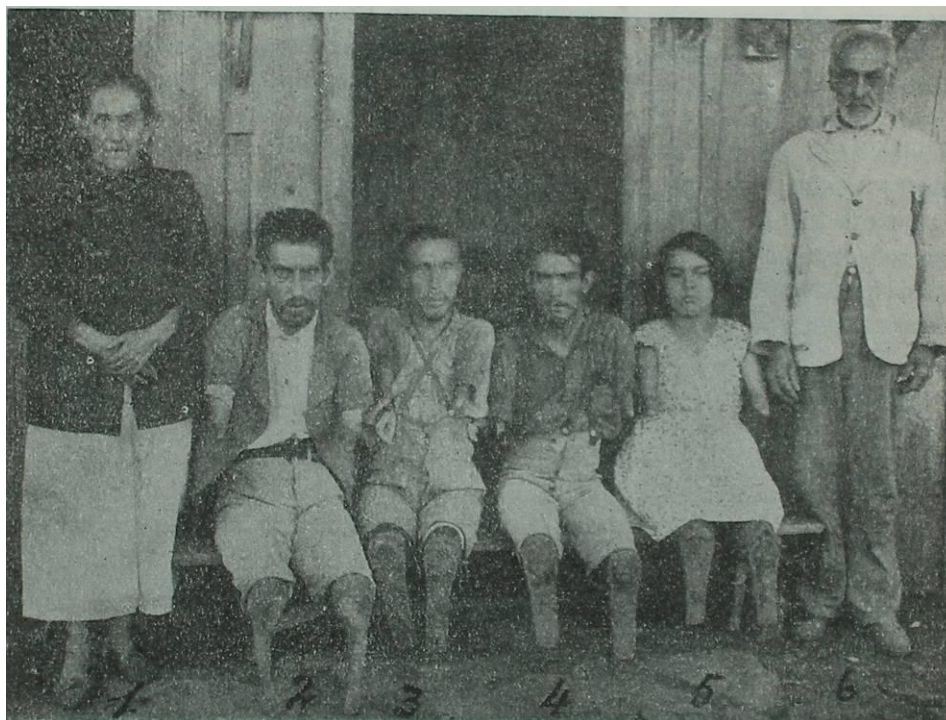


Figura 2 Membros doentes da família Rocha adultos

Já durante a sua atuação no Estado do Pará, a partir do início da década de 1920, ele chegou a várias constatações que nos permitem enxergar determinadas questões eugênicas em seu pensamento. Uma análise interessante refere-se aos índios Timbiras e Tembés, tribos tradicionais e às vezes violentas. Souza-Araújo descreve o seguinte (grifos nossos):

Os primeiros adoptam a 'moral christã', só podem e devem ter uma mulher; os outros seguem a 'moral musulmana': casam-se com tantas mulheres quantas possam manter. Entre os Tymbiras o casamento de dois jovens, mesmo depois de combinado pelos paes, como é costume, exige um preliminar rigoroso: o noivo e a noiva são segregados, separadamente, em tocaias, especie de prisão, onde são alimentados pelos outros, durante 3 a 6 mezes, até que fiquem gordos e fortes. Só então soltam o noivo da prisão e obrigam-no a carregar grandes tóros de paus. Se elle conseguir fazel-o – casará; em caso contrario não. Percebe-se o fundo moral dessa exigencia: só o homem forte, sadio e apto para o trabalho poderá [sic] casar-se. **É uma medida de eugenia empírica**¹⁷⁰.

¹⁷⁰ SOUZA-ARAÚJO. Herclídes César. *A Prophylaxia Rural no Estado do Pará*. Belém: Typografia da Livraria Gillet, 1922. V. I. p. 311. (Grifos do autor)

No texto, Heraclídes explicita sua leitura da eugenia. Analisando os costumes dos indígenas, ele “confessa” que estava por dentro dos debates eugênicos do período, especialmente quanto às ações de isolamento como forma de aperfeiçoamento da espécie. Essa postura também nos permite retomar Chartier, para quem há “usos diferenciados e opostos dos mesmos bens, dos mesmos textos e das mesmas idéias” ¹⁷¹ numa determinada sociedade.

Nesse sentido, podemos enquadrar Souza-Araújo como mais um médico brasileiro a ter uma leitura ressignificada da eugenia. Usada de forma distinta do sentido original, ela é entendida e divulgada não como uma seleção genética, mas como uma possibilidade de melhorar a geração por meio do “fundo moral” da espécie avaliada por meio da segregação dos indivíduos.

Contudo, não apenas os povos que habitam o interior do Brasil eram observados de forma tão detalhada. A família brasileira era cada vez mais pesquisada e alvo de intensas campanhas. Tudo isto estava também dentro dos objetivos do sanitarismo eugenista. Nesta época “instituições médicas, filantrópicas, policiais, familiares e escolares deram-se as mãos para construir a ordem civilizatória brasileira” ¹⁷².

Também pensando nisto, Souza-Araújo tinha uma opinião sobre o casamento entre os leprosos e qual o destino dos filhos que eram frutos dessas uniões. Após longa pesquisa exposta na série de artigos publicados no jornal *A República* chamada “Problemas de Hygiene: do casamento entre leprosos”, datado de 14 de setembro de 1916, ele pôde concluir que boa parte dos casos que são diagnosticados como lepra tuberculosa acabavam por inibir a procriação. Outra questão observada é que a fertilidade da mãe pouco diminui o que demonstraria a impossibilidade de penetração do bacilo de Hansen na

¹⁷¹ CHARTIER, R. Textos, impressão, leituras. In: HUNT, L. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 233.

¹⁷² MARQUES, Vera Regina Beltrão. *A medicalização da raça: médicos, educadores e discurso eugênico*. Campinas: Unicamp, 1994. p. 18.

placenta. Portanto, para o médico, não havia muitos problemas na concepção e gestação das mulheres leprosas ou casadas com leprosos ¹⁷³.

Entretanto a alta mortalidade infantil dentro das leprosarias fazia com que Heraclídes defendesse a seguinte tese:

Para evitar esse triste desfecho e para evitar o contagio e combater a terrível pré-disposição ao mal, em todos os paizes civilizados ou nas suas colonias, separam-se as creanças de paes leprosos immediatamente após o nascimento. Alibert recommenda além da separação, que se dê a essas infelizes creanças, amas sadias e robustas e que lhes faça mudar de ar e de clima. [...] Algumas dessas, casadas posteriormente, têm tido filhos absolutamente sãos, evidenciando a efficacia dessa prophylaxia ¹⁷⁴.

Após a constatação destes fatos, Souza-Araújo concluiu que não haveria problemas em liberar o casamento entre leprosos nas leprosarias, mas o casamento entre um indivíduo leproso e um indivíduo são deveria ser visto com restrições, pois o doente poderia transmitir a sua enfermidade para o indivíduo são, outra aspecto da sua predileção eugenista.

Para concretizar este ideário, foi elaborado um estatuto pela Comissão Brasileira de Profilaxia da Lepra em 1916:

- I. Não é admissivel o casamento entre um leproso e uma pessoa sã.
- II. Deve ser evitado o casamento entre leprosos.
- III. Não se póde estatuir em lei essa prohibição.
- IV. O casamento entre eles só é tolerável, nas leproserias, sob vigilancia medica.
- V. O divorcio é perfeitamente justificado entre conjuges, desde que um delles seja leproso.
- VI. Quando declarada tardiamente a lepra em um casal, é cabivel o divorcio.
- VII. Essas duas determinativas devem ser estatuidas em lei, embóra não seja acceitavel a obrigatoriedade do divorcio.
- VIII. Os filhos dos leprosos devem ser separados desde que nascem, dos seus progenitores.

¹⁷³ Acervo da Casa de Oswaldo Cruz, Departamento de Arquivo e Documentação – Documento SA/DP/19371010, Fundo Heraclídes César de Souza-Araújo. (Caderno de Recortes)

¹⁷⁴ *Idem*.

- IX. Devem ser tomadas rigorosas medidas de prophylaxia para a descendência dos leprosos ¹⁷⁵.

Com este estatuto dissipado pelo território nacional, a cena de famílias sendo separadas tornou-se uma constante, por vários anos, até aproximadamente a década de 1970. Entretanto, apesar desta medida profilática ser adotada de forma compulsória, muitas famílias permaneceram dentro de suas casas, escondendo a doença. Algumas vezes ela era transmitida para os filhos, mas outras não. Eles acabavam optando por correr o risco a perder o convívio com os seus descendentes.

3.2.3 *Eugenia e imigração*

Outra classe também observada por Heraclídes foram os imigrantes, pois, acreditava-se que o país se desenvolveria mais e melhor apoiando a imigração, especialmente branca.

Segundo Pietra Diwan,

Desde 1925, Juliano Moreira defendia a imigração restritiva no Brasil, inspirado pela implantação dessa lei nos Estados Unidos, no ano anterior. Nesse período, houve o declínio da imigração européia e o incremento da imigração asiática ao Brasil, atingindo uma média de 50 mil imigrantes asiáticos no ano de 1929. Esse declínio da imigração européia passou a preocupar os eugenistas, pois o incentivo a esse tipo de imigração após a abolição da escravidão, em 1888, significou o investimento no projeto de branqueamento racial do povo brasileiro ¹⁷⁶.

Uma das alternativas encontradas pelos eugenistas para a regeneração da raça brasileira, bem como seu branqueamento, era a imigração europeia. Muitos incentivos foram dados aos imigrantes que eram assediados ainda em território europeu. Terras, dinheiro, melhores condições de vida, essas eram as propagandas apresentadas pelo governo brasileiro para angariar “sangue

¹⁷⁵ *Idem.*

¹⁷⁶ DIWAN, Pietra. *Raça Pura: uma história da eugenia no Brasil e no mundo*. São Paulo: Contexto, 2007. p. 117.

novo” para o branqueamento da nação brasileira ¹⁷⁷. E com isto atingiriam o objetivo do progresso para se chegar a uma nação civilizada.

Souza-Araújo, diferentemente de outros médicos que eram contra a vinda de japoneses ¹⁷⁸, defendia a vinda destes, pois conforme havia observado na cidade de Antonina

Viver exclusivamente da pesca representa um atraso de um século. No interior do município de Antonina vê-se o mesmo atraso e a mesma miséria entre os caboclos, entretanto entre os japoneses que lá habitam há poucos annos, já existe abundância. A colônia dos japoneses em Cacatú é um bello exemplo de que com trabalho e intelligencia o homem domina a natureza, quaesquer que sejam as condições do meio ¹⁷⁹.

Para ele, estes japoneses eram importantes para o desenvolvimento da região, pois trabalhavam suas terras, eram produtores, diferentemente dos nativos daquela localidade, que se contentavam apenas com o que pescavam. Para ele, estes nativos deviam procurar outras formas produtivas para desenvolver a região.

Entretanto para alguns médicos

A imigração japonesa também era considerada prejudicial à formação da ‘raça brasileira’ que, segundo Kehl, ‘se vingarem os propositos das commissões japonesas que trabalham para intensificar esta imigração, e se o governo brasileiro continuar a favorecel-a, dentro de mais alguns annos teremos formado no Estado de São Paulo um formidavel e inassimilavel nucleo de filhos do Imperio do Sol Nascente, tal qual o kysto racial com que os Americanos do Norte tanto se preocupam’ ¹⁸⁰.

¹⁷⁷ DE AZEVEDO, Célia Maria Marinho. *Onda negra, medo branco: o negro no imaginário das elites do século XIX*. São Paulo: Annablume, 2004.

¹⁷⁸ KOBAYASHI, Elisabete; FARIA, Lina; CONÇEIÇÃO DA COSTA, Maria. Eugenia e Fundação Rockefeller no Brasil: a saúde como proposta de regeneração nacional. *Interface*, Porto Alegre, ano 11, n. 22, jul/dez. 2009, p. 314-351.

¹⁷⁹ SOUZA-ARAÚJO. Heraclides César. Saneamento da Ilha do Mel. *Archivos Paranaenses de Medicina*, Curitiba, ano 1, n. 4, 1920, p. 111.

¹⁸⁰ MARQUES, Vera Regina Beltrão. *A medicalização da raça: médicos, educadores e discurso eugênico*. Campinas: Unicamp, 1994. p. 91.

Algumas nacionalidades tinham a “preferência” do governo brasileiro: alemã, italiana, além de outras, sempre europeias. As asiáticas e árabes não eram muito bem vistas, pois, segundo os responsáveis pela a imigração do período, não eram muito produtivos.

Souza-Araújo, em período posterior ao aqui pesquisado ainda continuaria explorando a questão imigratória. Em artigo publicado no ano de 1934, no jornal Correio da Manhã e intitulado “Contra a vinda dos Assyrios” se mostra contra a imigração de árabes para o Brasil, especificamente no norte do Paraná.

O artigo gira em torno do debate da instalação de cerca de 14.000 refugiados assírios acolhidos pelo Ministério do Exterior do Brasil em 1934. Durante toda a sua explanação o médico se mantém contrário a qualquer tipo de imigração destes árabes e, para isto, desenvolve vários elementos para sustentar sua tese.

No começo ele já questiona de forma irônica o termo “assírios” utilizado pelo governo brasileiro. Para ele, é “curiosa a designação de ‘Assyrios’ dada aos refugiados do Irak que nos querem impingir. Se forem assyrios estão na sua patria e não devem ser desalojados” ¹⁸¹.

Ainda continuando sua exposição, outro ponto defendido por Souza-Araújo era a religião. Para ele, o fato dos imigrantes árabes serem muçulmanos seria um problema para o Brasil, pois ainda segundo o médico, esses imigrantes seriam fanáticos pela religião ¹⁸².

Outro fator considerado um ponto negativo à imigração árabe era relativo à agricultura. Para Heraclídes eles eram um povo improdutivo, diferentemente do que pregava o governo brasileiro. Eles moravam em regiões urbanas, longes das grandes fazendas produtoras, que eram praticamente

¹⁸¹ Acervo da Casa de Oswaldo Cruz, Departamento de Arquivo e Documentação – Documento SA/RJ/19080326, Fundo Heraclídes César de Souza-Araújo. (Caderno de Recortes)

¹⁸² *Idem*.

inexistentes nesta região. Enfim, não tinham nenhuma cultura de produção que pudesse ser desenvolvida no Brasil.

E, como último fator elencado por Souza-Araújo para a defesa contra a imigração dos árabes, ele procura nos mostrar que estes são desocupados e turbulentos, com hábitos primitivos, o que não seria bom para o Brasil, que neste momento está em busca de progresso.

Em sua conclusão, Heraclídes nos fala que

Devido às diferenças etnológicas, culturais, sociais e econômicas nenhum elemento das tribos do Irak convém ao Brasil como imigrantes, por isso sou de parecer que o governo federal deve evitar, por todos os meios, a vinda dos 'assyrios'.

O Brasil precisa de imigrantes, mas deve preferir os de raça latina e católicos para evitarmos futuras complicações ¹⁸³.

Enfim, neste artigo, Souza-Araújo procurou expressar o objetivo principal dos eugenistas na época: a defesa da nação brasileira. Lutou ainda pela vinda de imigrantes que se enquadrassem nos seus padrões de purificação da nação. Como se nota claramente, apesar de algumas peculiaridades como “aceitar” imigrantes japoneses, nosso personagem atuou intensamente nos debates sobre a política migratória com intenções eugenistas.

Sendo assim, neste capítulo se procurou demonstrar como Heraclídes Souza-Araújo aderiu a algumas peculiaridades eugênicas. Demonstrando sua postura frente a diversas problemáticas do período em questão, procuramos apresentar como ele aplicou seus conhecimentos médicos de caráter eugênico ao decorrer da sua carreira como sanitarista.

¹⁸³ *Idem.*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando me propus a estudar este tema, fiquei imaginando como “acabaria” esta pesquisa. Escrevo o acabaria entre aspas porque sei que nunca chegamos à verdade absoluta, inquestionável, situação que acaba nos levando ao incessante ato de pesquisar.

Ao escrever esta dissertação descobri que Souza-Araújo não foi influente apenas como leprologista, forma pela qual ficou conhecido internacionalmente e é citado na maioria dos textos que o tem como foco de análise. Foi também fundamental para a constituição do universo médico científico brasileiro entre a década de 1910 e 1920. De um humilde garoto vindo do interior do Paraná ele se transformou em um dos responsáveis pelo movimento sanitarista no país.

Heraclídes de Souza-Araújo iniciou sua carreira na década de 1910, foi médico e farmacêutico, entretanto, destacou-se nos primeiros anos de atuação como influente sanitarista, fator desencadeador de sua especialidade, a leprologia. Conviveu com médicos responsáveis pela reestruturação sanitária do Brasil, como Oswaldo Cruz e Carlos Chagas e escreveu muitas obras nas áreas da medicina preventiva e da lepra.

Ele foi um dos principais responsáveis pelo saneamento do Paraná e do Pará, modelo que foi utilizado como exemplo por outros estados brasileiros, isto sem mencionar as demais ações dentro do movimento sanitarista como a exploração de territórios antes desassistidos pelas autoridades, construção de novos postos de profilaxia pelo interior e controle de doenças endêmicas. Instituiu práticas de higiene violentas a algumas pessoas, mas para ele, tais ações seriam necessárias para o desenvolvimento da nação, para o progresso.

Entretanto uma questão me chamou a atenção. Como Souza-Araújo percebia a eugenia? Dentro do contexto de intensas transformações dentro da área científica, especialmente médica, como ele reagia à eugenia?

De forma diferente a alguns médicos que assumiam serem eugenistas, Souza-Araújo não “confessava” ser discípulo da eugenia publicamente e nem escreveu explicitamente sobre o tema em seus textos. Algumas vezes se utilizava dela, mas se apegando ao máximo à teoria sanitarista brasileira.

Como visto ao longo dessa pesquisa, a representação da eugenia no Brasil possuiu diferentes sentidos, sendo percebida e utilizada pela grande maioria dos médicos como ações sanitaristas e higiênicas. Nesse sentido, os indícios levantados pela análise da obra de Souza-Araújo nos permitem sugerir que ele seria mais um a enfileirar-se nesse grupo de “sanitaristas-eugenistas” brasileiros.

Sua eugenia caracterizava-se pela crença no aperfeiçoamento da raça brasileira através da segregação de doentes acometidos pela sífilis, tuberculose e especialmente a lepra. Sobre a última, desenvolveu teorias e um sofisticado programa de isolamento compulsório, incluindo construções de asilos e hospitais de grande porte. Defendia ainda que a construção dos mesmos deveria ser em ilhas, mas isto não foi possível.

Portanto, baseando-se nesses aspectos, se pode afirmar que Souza-Araújo era sim eugenista. Na grande maioria de suas ações, apesar das mesmas estarem inseridas no que chamamos de medidas sanitaristas, estão expostos os ideais eugênicos também. Na maioria das vezes, onde havia ações sanitárias para o melhoramento das condições de vida da população, esta se tornava uma medida eugênica também.

Com isso, o presente trabalho se enquadra, sob o meu ponto de vista, como contribuição para a área da História da Saúde e da Ciência no Brasil, pois, demonstra um lado pouco explorado do médico Heraclides César de Souza-Araújo. Ademais, analisa de que forma a eugenia foi representada no Brasil, podendo auxiliar outros pesquisadores que, assim como eu, darão andamento às suas pesquisas nessa área.

BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, Marcio Magalhães de. *Capítulos da história sanitária no Brasil: a atuação profissional de Souza-Araújo entre os anos de 1910 e 1920*. Rio de Janeiro, 2011. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde - Fiocruz).

ARMUS, Diego; HOCHMAN, Gilberto (orgs.). *Cuidar, Controlar, Curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2004.

AZEVEDO, Célia Maria Marinho de. *Onda negra, medo branco: o negro no imaginário das elites do século XIX*. São Paulo: Annablume, 2004.

BENCHIMOL, Jaime Larry. *Dos micróbios aos mosquitos. Febre amarela e a revolução pasteuriana no Brasil*. Rio de Janeiro: Fiocruz; Ed. UFRJ, 1999.

BERTUCCI, Liane Maria. Ciências da cura: debates, embates, educação popular no final dos anos 1910. In: *Esboços: revista do programa de pós-graduação em história da UFSC*, Florianópolis, v. 16, n. 16, 2006.

BOARINI, Maria Lúcia. Higienismo, eugenia e a naturalização do social. In: BOARINI, Maria Lúcia (org). *Higiene e raça como projetos: higienismo e eugenismo no Brasil*. Maringá: Eduem, 2003.

BRITTO, Nara. *Oswaldo Cruz: a construção de um mito na ciência brasileira*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006.

CARVALHO, José Murilo. *A Formação das Almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

CASTAÑEDA, Luzia Aurélia. Apontamentos historiográficos sobre a fundamentação biológica da eugenia. *Episteme: filosofia e história das ciências em revista*, Porto Alegre, v. 3, n. 05, 1998.

CASTRO SANTOS, Luiz A. Estado e Saúde Pública no Brasil (1889-1930). *Dados: Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 02, 1980.

_____; FARIA, Lina. O ensino da Saúde Pública no Brasil: os primeiros tempos no Rio de Janeiro. In: *Trabalho, Educação e Saúde*. Rio de Janeiro: Fiocruz, Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio. Vol. 4 n. 2, Setembro 2006.

CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2008, 2001.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estudos Avançados*, São Paulo, v.5 n. 11, jan/abr, 1991.

_____. Textos, impressão, leituras. In: HUNT, L. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

DE LUCA, Tania Regina. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*. São Paulo: Unesp, 1998.

DIWAN, Pietra. *Raça Pura: uma história da eugenia no Brasil e no mundo*. São Paulo: Contexto, 2007.

FREYRE, Gilberto. *Ordem e Progresso*. Record: Rio de Janeiro: 2000.

GALTON, Francis. *Herencia y Eugenesia*. Madrid: Alianza, 1988.

HOCHMAN, Gilberto. *A Era do Saneamento: as bases da política de saúde pública no Brasil*. 2ª Ed. São Paulo: Hucitec. 2006.

JANZ JÚNIOR, D. C. *A eugenia nas páginas da Revista Médica do Paraná (1831-1940)*. 164 f. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

KOBAYASHI, Elisabete; FARIA, Lina; CONCEIÇÃO DA COSTA, Maria. Eugenia e Fundação Rockefeller no Brasil: a saúde como proposta de regeneração nacional. *Interface*, Porto Alegre, ano 11, n. 22, jul/dez. 2009.

KROPF, Simone; HERSCHMANN, Micael; NUNES, Clarice. *Missionários do Progresso: médicos, engenheiros e educadores no Rio de Janeiro (1870-1937)*. Rio de Janeiro: Diadorim, 1996.

LIMA, Nísia Trindade. *Um sertão chamado Brasil: intelectuais e representação geográfica da identidade nacional*. Rio de Janeiro: Iuperj; Revan, 1999.

LUZ, Madel T. *Medicina e Ordem Política Brasileira: políticas e instituições de saúde (1850-1930)*. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

MAI, Lilian Denise; ANGERAMI, Emília Luigia Saporti. Eugenia negativa e positiva: significados e contradições. *Rev. Latino-americana de Enfermagem*, São Paulo, ano 14, n. 2, mar/abr.

MARQUES, Vera Regina Beltrão. *A medicalização da raça: médicos, educadores e discurso eugênico*. Campinas: Unicamp, 1994.

MOTA, André. *Quem é bom já nasce feito: sanitarismo e eugenia no Brasil*. Rio de Janeiro: DP & A, 2003.

PENNA, Belisario. *Saneamento do Brasil – Apresentação*. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Jacintho Ribeiro dos Santos, 1923.

ROJAS, Carlos Antonio Aguirre. La biografia como género historiográfico: algunas reflexiones sobre sus posibilidades actuales. In: SCHMIDT, Benito (org.) *O Biográfico: perspectivas interdisciplinares*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2000.

ROMERO, Marisa. *Medicalização da saúde e exclusão social*. Bauru: Edusc, 2002.

SÁ, Dominichi Miranda de. *A ciência como profissão: médicos, bacharéis e cientistas no Brasil (1895-1935)*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SCHWARTZMAN, Simon. *Formação da comunidade científica no Brasil*. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1979.

SEVCENKO, Nicolau. O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: SEVCENKO, Nicolau (org.) *História da vida privada no Brasil: República: da Belle Époque à Era do Rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. V. 3.

MAI, Lilian Denise; ANGERAMI, Emília Luigia Saporti. Eugenia negativa e positiva: significados e contradições. *Rev. Latino-americana de Enfermagem*, São Paulo, ano 14, n. 2, mar/abr.

MOREIRA, Martha Cristina Nunes. A Fundação Rockefeller e a construção da identidade profissional de enfermagem no Brasil na Primeira República. In: *Hist. cienc. saude-Manguinhos*, vol.5, no.3, Rio de Janeiro, Nov. 1998/Feb. 1999.

SAMPAIO, Gabriela dos Reis. *Nas trincheiras da cura: as diferentes medicinas no Rio de Janeiro imperial*. Campinas: Unicamp, 2005.

STANCIK, M. A. Os Jecas do literato e do cientista: movimento eugênico, higienismo e racismo na Primeira República. *Publicatio UEPG Ci. Hum. Ci. Soc. Apl., Ling., Letras e Artes*. Ponta Grossa, nº 13(1) 45-62, junho 2005.

STEPAN, Nancy Leys. “*A hora da Eugenia*”: raça, gênero e nação na América Latina. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.

VASQUES DA SILVA, Maria de Lourdes. *Descrição de documentos fotográficos: aspectos teórico-metodológicos e modelo de aplicação*. Dissertação de Mestrado, Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.

WEBER, Beatriz Teixeira. *As artes do curar: medicina, religião, magia e positivismo na República Rio-Grandense – 1889-1928*. Santa Maria: Edusc; Ed. Ufsm, 1999.

SITES

<http://diariodopara.diarioonline.com.br/N-85788GASPAR+VIANNA++GENIO+E+MARTIR+DA+CIENCIA.html>. Acesso em: 04/08/2011.

<http://www.fundacaoharaujo.org.br>. Acesso em: 27/05/2009.

http://www.museudavida.fiocruz.br/media/Chagas_Filho.pdf . Acesso em: 27/07/2012.

http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/glossario/verb_b_raimundo_teixeira_mendes.htm. Acesso em: 27/07/2012.

http://cdcc.usp.br/ciencia/artigos/art_21/revoltavacina.html . Acesso em: 27/07/2012

FONTES

De autoria de Souza-Araújo:

Livros e artigos:

LUTZ, Adolpho; SOUZA-ARAÚJO, Heraclídes César; FONSECA FILHO, Olympio da. Viagem científica no Rio Paraná e a Assuncion com volta por Buenos Aires, Montevideo e Rio Grande. In: *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, Rio de Janeiro, tomo 10, p. 104 – 173, fascículo 2, 1918. Disponível em: [http://memorias.ioc.fiocruz.br/pdf/Tomo10/tomo10\(f2\)_104-173.pdf](http://memorias.ioc.fiocruz.br/pdf/Tomo10/tomo10(f2)_104-173.pdf). Acesso em: 24/04/2009.

SOUZA-ARAÚJO. Heraclídes César. *Granuloma Venéreo*. Rio de Janeiro: Cia. Litográfica Ferreira Pinto, 1917.

_____. *Prophylaxia Rural no Paraná*: esboço de geographia medica. Curityba: Livraria Economica, 1919.

_____. Questões de Hygiene. In: *Archivos Paranaenses de Medicina*. Curitiba: Anno I, n. 3, julho de 1920.

_____. Saneamento da Ilha do Mel. In: *Archivos Paranaenses de Medicina*, Curitiba, Anno I, n. 4, agosto de 1920.

_____. Noticiário. In: *Archivos Paranaenses de Medicina*, Curitiba, Anno I, n. 5, setembro de 1920.

_____.Noticiario. In: *Archivos Paranaenses de Medicina*. Curytiba, Anno I, n. 7, novembro, 1920.

Dr. H. C. de Souza Araujo. In: *Archivos Paranaenses de Medicina*. Curitiba: Anno I, n. 9, janeiro de 1921.

A questão com a faculdade de Medicina do Paraná. In: *Archivos Paranaenses de Medicina*. Curytiba, Anno I, n. 12, abril, 1921.

SOUZA-ARAÚJO. Heraclídes César de. O aborto criminoso. In: *Medicamenta*, Rio de Janeiro, Ano II, n. 11.

_____. *A Prophylaxia Rural no Estado do Pará*. Belém: Typografia da Livraria Gillet, 1922. V. I.

_____. O problema das doenças venéreas no Brasil. *Jornal do Commercio*, 20/05/1928.

_____. Hospital para Luéticos. *Jornal da Tarde*. 18/03/1929, n. 10405, ano XXXI, p. 2.

_____. Casuística teratológica: quatro casos de hemímelos torácicos e pelvianos duplos, numa família do Estado do Paraná. *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, Rio de Janeiro, n.45, v. 2, 1947.

De outros autores:

AUSTREGESILO, A. Questões de Hygiene. In: *Archivos Paranaenses de Medicina*, Curitiba, Anno I, n. 4, agosto de 1920.

FLEIUSS, Maria Carolina Max. *Bio-bibliografia do Professor Heraclídes Cesar de Souza-Araújo*. Rio de Janeiro: Gráfica Milone Ltda, 1958.

Do Arquivo da Casa de Oswaldo Cruz:

Acervo da Casa de Oswaldo Cruz, Departamento de Arquivo e Documentação
– Documento SA/DP/19371010, Fundo Heraclídes César de Souza-Araújo:

- 1) *caderno de recortes de jornais*
- 2) *livro “Nossa Turma”*
- 3) *caderno de anotações do Curso de Aplicação*

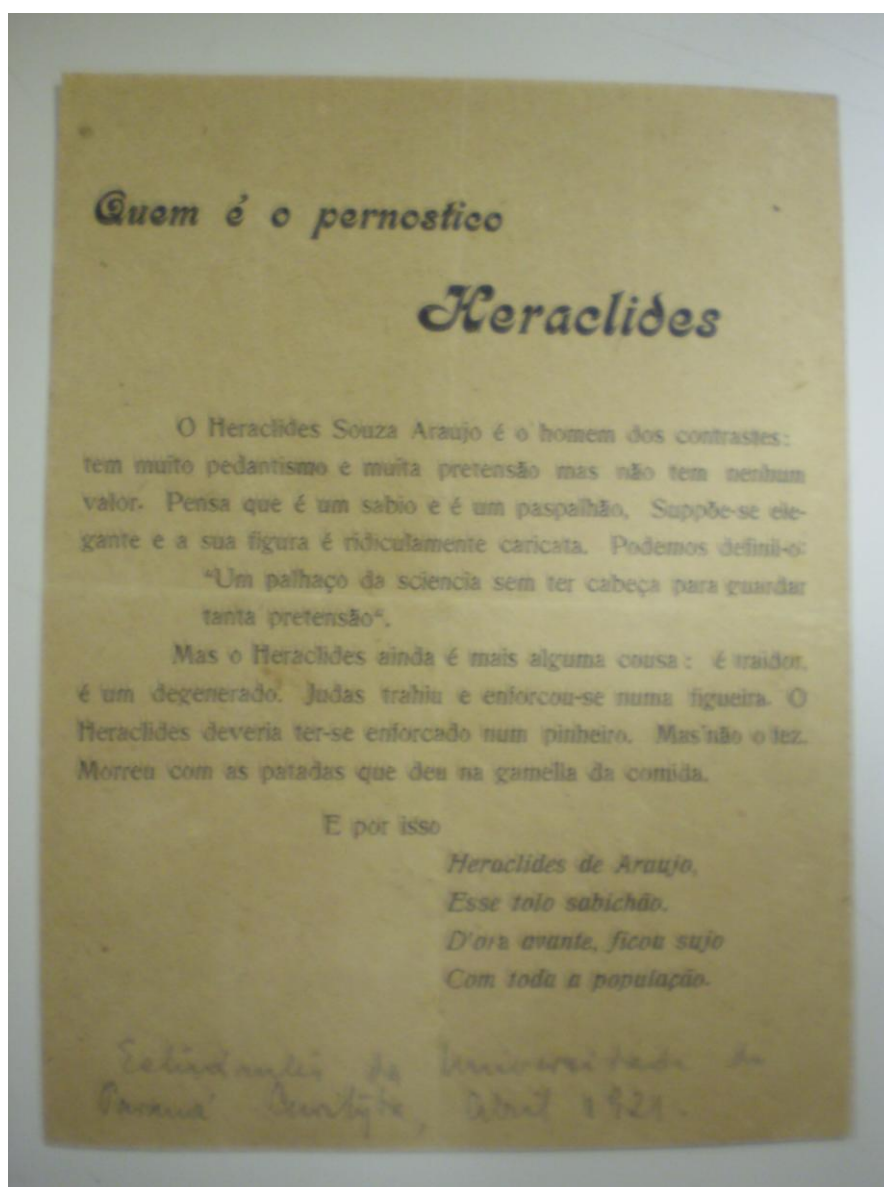
Acervo da Casa de Oswaldo Cruz, Departamento de Arquivo e Documentação
– Documento SA/COR/191705-4, Fundo Heraclídes César de Souza-Araújo.

Acervo da Casa de Oswaldo Cruz, Departamento de Arquivo e Documentação
– Documento SA/COR/19300204, Fundo Heraclídes César de Souza-Araújo.

Acervo da Casa de Oswaldo Cruz, Departamento de Arquivo e Documentação
– Documento SA/PI/TP/19202040, Fundo Heraclídes César de Souza-Araújo.

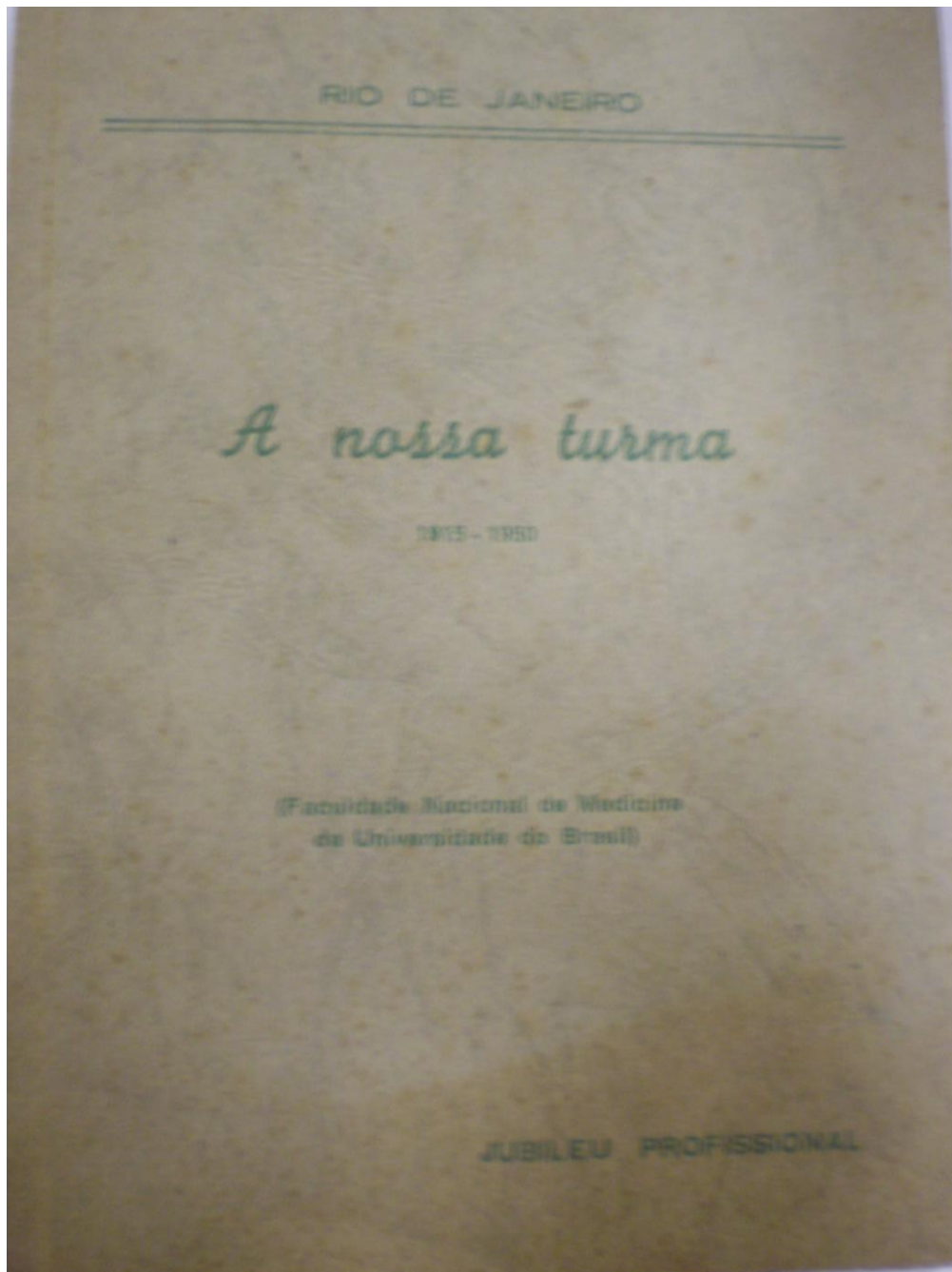
APÊNDICE A

Panfleto publicado pelos estudantes da Faculdade de Medicina do Paraná em 1921. In: Acervo da Casa de Oswaldo Cruz, Departamento de Arquivo e Documentação – Documento SA/DP/19371010, Fundo Heraclides César de Souza-Araújo.



APÊNDICE B

Livro publicado em 1950 para a celebração do jubileu de formatura da turma de 1915, do curso de medicina da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. In: Acervo da Casa de Oswaldo Cruz, Departamento de Arquivo e Documentação – Documento SA/DP/19371010, Fundo Heraclides César de Souza-Araújo



APÊNDICE C

Foto datada de 1915 tirada na formatura de Souza-Araújo. In: FLEIUSS, Maria Carolina Max. *Bio-bibliografia do Professor Heraclídes Cesar de Souza-Araújo*. Rio de Janeiro: Gráfica Milone Ltda, 1958.



APÊNDICE D

Nota veiculada no Jornal do Commercio pela aprovação da Tese de Souza-Araújo em 1915. In: FLEIUSS, Maria Carolina Max. *Bio-bibliografia do Professor Heraclides Cesar de Souza-Araújo*. Rio de Janeiro: Gráfica Milone Ltda, 1958.



APÊNDICE E

Fotografia que relata a realidade do interior brasileiro. Casas de pau-a-pique e os moradores descalços. In: SOUZA-ARAÚJO. Heraclides César. *A Prophylaxia Rural no Estado do Pará*. Belém: Typografia da Livraria Gillet, 1922. V. I.

